

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)

Adriana da Silva Pinto

A TECNOLOGIA QUE ASSEDIA E TAMBÉM ENSINA:
uma experiência de educação financeira com pessoas idosas quilombolas

Porto Alegre

2024

Adriana da Silva Pinto

A TECNOLOGIA QUE ASSEDIA E TAMBÉM ENSINA:

uma experiência de educação financeira com pessoas idosas quilombolas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Pinto, Adriana da Silva
A tecnologia que assedia e também ensina: uma
experiência de educação financeira com pessoas idosas
quilombolas / Adriana da Silva Pinto. -- 2024.
153 f.
Orientador: Johannes Doll.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. pessoa idosa quilombola. 2. desigualdades. 3.
educação financeira. I. Doll, Johannes, orient. II.
Título.

Adriana da Silva Pinto

A TECNOLOGIA QUE ASSEDIA E TAMBÉM ENSINA:

uma experiência de educação financeira com pessoas idosas quilombolas

Porto Alegre, DIA de Novembro de 2024.

Profa. Dra. Fabiana de Amorim Marcello
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Johannes Doll
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Ana Cláudia Godinho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Márcio André Rodrigues Martins
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)



Fotografia: Rincão do Inferno. Arquivo da Pesquisadora

*A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar.
(Moacir Gadotti)*

RESUMO

Introdução: A tese apresenta uma experiência de educação financeira com pessoas idosas do quilombo de Palmas, localizado em Bagé-RS. De acordo com o Censo 2022, o número de pessoas idosas com 60 anos ou mais alcançou 32.113.490 indivíduos (15,6%), representando um aumento de 56,0% em comparação com o Censo 2010. O Brasil é marcado historicamente pelas desigualdades, que impactam diretamente no processo de envelhecimento. Dados da PNAD Contínua de 2023 demonstram que os 10% mais ricos da população brasileira possuem rendimentos domiciliares per capita 14,2 vezes superiores aos 40% da população com menores rendimentos. O envelhecimento é, portanto, um processo influenciado pelas condições de vida enfrentadas ao longo dos anos. Essas vantagens e desvantagens tendem a ser acumuladas, revelando a heterogeneidade da velhice. Especialmente os quilombolas envelhecem em um contexto ainda mais desigual. Diante desse cenário, alguns aspectos da vida financeira dos idosos sinalizam para risco de endividamento, motivado pela necessidade de cobrir despesas básicas, como medicamentos, alimentação, taxas de iluminação e gás de cozinha. O risco de endividamento é potencializado pelo assédio de instituições financeiras, que oferecem crédito consignado facilitado e sem burocracia para aposentados e pensionistas. **Objetivo geral:** construir e implementar uma intervenção de educação financeira com os quilombolas envelhecidos de Palmas, Bagé-RS. **Metodologia:** pesquisa qualitativa que utilizou a cartografia como método, com caráter de intervenção, tendo como público-alvo os quilombolas com 55 anos ou mais, residentes na comunidade de Palmas, no município supracitado. Os instrumentos para a produção de dados foram observações e entrevistas semiestruturadas. Na etapa de análise, adotamos a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). A investigação teve duração de 16 meses (junho 2023/outubro 2024) e foi desenvolvida em três fases. São elas: “Mapeamento sócio demográfico”, “Entre realidades e possibilidades” e “A tecnologia que assedia e também ensina”. Durante a intervenção, foi produzida a série de podcast “Dinheiro no Campo”, que foi exibida na rádio comunitária do quilombo. **Resultados.** Foram entrevistadas 17 pessoas idosas, 8 homens e 9 mulheres, com idade entre 62 e 85 anos, nas localidades Rincão da Pedreira, Rincão dos Alves, Campo do Seu Ourique e Rincão do Inferno. A média de escolaridade dos entrevistados é de seis anos. Dezesesseis participantes

já receberam ligações oferecendo crédito facilitado. Com relação à intervenção de educação financeira, todos os entrevistados participaram e relataram que se identificaram com as situações narradas pelo personagem principal da série de podcast. Através destas situações, foram problematizados temas como: dinheiro no campo, fontes de renda, reserva de emergência, endividamento e golpes financeiros virtuais. **Conclusão:** A educação financeira contribui para a melhoria das condições de vida dos idosos quilombolas, podendo prevenir situações de endividamento. No entanto, ela não resolve todas as demandas sociais agravadas pelas desigualdades. Portanto, ações de educação financeira devem ser acompanhadas por políticas públicas atuantes que viabilizem condições de vida dignas para todos os cidadãos ao longo de sua trajetória.

Palavras-chave: pessoa idosa quilombola; desigualdades; educação financeira.

ABSTRACT

Introduction: The thesis presents an experience of financial education with elderly people from the Palmas quilombo, located in Bagé-RS. According to the 2022 Census, the number of elderly people aged 60 or over reached 32,113,490 individuals (15.6%), representing an increase of 56.0% compared to the 2010 Census. Brazil has historically been marked by inequalities, and these inequalities have a direct impact on the ageing process. Data from the 2023 Continuous PNAD showed that the richest 10 per cent of the Brazilian population have per capita household incomes 14.2 times higher than the 40 per cent of the population with the lowest incomes. Ageing is therefore a process influenced by the living conditions faced over the years. These advantages and disadvantages tend to accumulate, revealing the heterogeneity of old age. Quilombolas in particular age in an even more unequal scenario. Given this scenario, some aspects of the elderly's financial life point to a risk of debt, motivated by the need to cover basic expenses such as medicines, food, electricity rates and cooking gas. The risk of indebtedness is heightened by the harassment of financial institutions that offer easy consigned credit without bureaucracy to pensioners. **General objective:** to build and implement a financial education intervention with the ageing quilombolas of Palmas, Bagé-RS. **Methodology:** qualitative research, using cartography as the intervention method, which targeted quilombolas aged 55 and over living in the community of Palmas, Bagé-RS. The instruments used to produce the data were observations and semi-structured interviews. In the analysis stage, we used Content Analysis (Bardin, 1977). The research lasted 16 months (June 2023/October 2024) and was carried out in three phases. These were: 'Socio-demographic mapping', 'Between realities and possibilities' and 'The technology that harasses and also teaches'. During the intervention, the podcast series 'Dinheiro no Campo' was produced and aired on the quilombo's community radio station. **Results.** Seventeen elderly people were interviewed, 8 men and 9 women, aged between 62 and 85, in the localities of Rincão da Pedreira, Rincão dos Alves, Campo do Seu Ourique and Rincão do Inferno. The average level of education of those interviewed was six years. Sixteen participants had already received calls offering easy credit. With regard to the financial education intervention, all the interviewees took part and reported that they identified with the situations narrated by the main character in the podcast series.

Through these situations, issues such as money in the countryside, sources of income, emergency reserves, debt and virtual financial scams were problematised.

Conclusion: Financial education contributes to improving the living conditions of elderly quilombolas and can prevent situations of indebtedness, but it does not solve all the social demands aggravated by inequalities. Therefore, financial education actions must be accompanied by active public policies that enable decent living conditions for all citizens throughout their lives.

Keywords: elderly quilombolas; inequalities; financial education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Axiomas propostos por Ferraro, Shippee e Schafer (2009).....	38
Figura 2 - Visão que temos ao chegar na entrada do Rincão da Pedreira.....	61
Figura 3 - Casa do Rincão da Pedreira 01	62
Figura 4 - Entrevista Rincão da Pedreira 01	63
Figura 5 - Rincão da Pedreira 02.....	64
Figura 6 - Rincão da Pedreira 03.....	65
Figura 7 - Rincão da Pedreira 04.....	66
Figura 8 - Rincão da Pedreira 05.....	67
Figura 9 - Campos do Seu Ourique 01	69
Figura 10 - Campo do seu Ourique 02	70
Figura 11 - Visão da entrada para Rincão dos Alves.....	71
Figura 12 - Rincão dos Alves 01.....	72
Figura 13 - Rincão dos Alves 02.....	73
Figura 14 - Rincão dos Alves 03.....	74
Figura 15 - Rincão dos Alves 04.....	75
Figura 16 - Rincão dos Alves 05.....	76
Figura 17 - Rincão do Inferno.....	78
Figura 18 - Rincão do Inferno 01	79
Figura 19 - Rincão do Inferno 03 e 04	80

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E QUADROS

Gráfico 1 - População total e variação do total populacional por grupos etários acima de 60 anos de idade.....	24
Gráfico 2 - Proporção da população residente por grupos de idade específicos, ordenado pela maior proporção da população até 14 anos, segundo as Unidades da Federação – 2022.....	25
Gráfico 3 - Distribuição percentual da população residente, total e quilombola, por grupos de idade-Brasil-2022	30
Tabela 1 - Proporção da população residente por grupos etários específicos - Brasil - 1980/2022.....	23
Quadro 1 - Visitas realizadas nos Rincões	59
Quadro 2 - Visitas no Rincão da Pedreira	60
Quadro 3 - Visita no Campo do Seu Ourique	68
Quadro 4 - Visitas no Rincão dos Alves	71
Quadro 5 - Visitas no Rincão do Inferno.....	77
Quadro 6 - Cronograma de organização dos episódios.....	82
Quadro 7 - Síntese dos resultados	94
Quadro 8 - Visão geral do diário de campo	96
Quadro 9 - Síntese da entrevista de retomada (avaliação podcast)	100
Quadro 10 - Participação em eventos e trabalhos publicados	125

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
BPC	Benefício de Proteção Continuada
CDEA	Centro de Estudos Alemães e Europeus
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNDL	Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas
COREDES	Conselho Regional de Desenvolvimento
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEC	Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento Quilombola
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIDI	Unidade de Inclusão Digital de Idosos
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1 ENTRE AS OPORTUNIDADES E AS DESIGUALDADES	15
2 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E AS DESIGUALDADES	22
2.1 ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO CONTEXTO BRASILEIRO	22
2.1.1 Velhices Negras	26
2.1.2 Envelhecimento Quilombola, Aposentadoria Rural e os Direitos Previdenciários dos Quilombolas	29
2.2 DESIGUALDADES	33
2.2.1 Teoria da Desigualdade Cumulativa	35
2.3 IDOSOS NO MERCADO FINANCEIRO	38
2.3.1 Educação Financeira e os Idosos	40
3 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA	46
3.1 PESQUISA INTERVENÇÃO	46
3.2 O MÉTODO CARTOGRÁFICO	47
3.3 COMPARTILHANDO A ROTA	51
3.4 CONTEXTO DA PESQUISA	51
3.4.1 Considerações geográficas	52
3.4.2 Considerações históricas	53
3.4.3 O Rincão dos Alves	54
3.4.4 O Rincão da Pedreira	55
3.4.5 Campo do Seu Ourique	55
3.4.6 O Rincão do Inferno	55
3.5 CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	56
3.6 RECONHECIMENTO DO CAMPO	56
3.7 APROXIMAÇÃO E ABORDAGEM DOS PARTICIPANTES	56
3.8 IDENTIFICAÇÃO DAS PARTICIPANTES	56
3.9 INSTRUMENTOS USADOS PARA PRODUÇÃO DE DADOS: OBSERVAÇÕES, ENTREVISTAS E INTERVENÇÃO EDUCATIVA	57
4 INDO A CAMPO	58
4.1 MAPEAMENTO DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO - 1ª FASE	59
4.1.1 Visitas ao Rincão da Pedreira	60

4.1.2	Visitas ao Campo do Seu Ourique	67
4.1.3	Visitas no Rincão dos Alves	70
4.1.4	Visitas no Rincão do Inferno.....	76
4.2	“ENTRE REALIDADES E POSSIBILIDADES”: PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO - 2ª FASE	81
4.2.1	Estratégia Didática	81
4.2.1.1	Podcast 01	83
4.2.1.2	Podcast 02	83
4.2.1.3	Podcast 03	85
4.2.1.4	Podcast 04	86
4.2.1.5	Podcast 05	87
4.2.1.6	Podcast 06	89
4.3	“A TECNOLOGIA QUE ASSEDIA TAMBÉM ENSINA”: IMPLEMENTAÇÃO DA INTERVENÇÃO - 3ª FASE	90
4.3.1	“Para além de ouvintes”	91
4.3.1.1	Entrevista de Retomada (Avaliação de Podcast).....	91
4.3.2	“Encontro Nossas memórias”	92
4.3.2.1	Descrição da Organização Didática do Encontro	92
4.3.2.2	Problematizações utilizadas durante a dinâmica	93
5	RESULTADOS	94
5.1	APRESENTAÇÃO DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E QUESTÕES DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA	94
5.2	ANOTAÇÕES DIÁRIO DE CAMPO.....	96
5.3	REFLETINDO SOBRE O PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO	98
5.3.1	Problematizando a construção da intervenção	99
5.3.2	Percepções sobre a implementação da intervenção	99
5.3.3	Dados entrevista de retomada	99
5.3.4	Apontamentos sobre o Encontro de Memórias.....	100
6	ANÁLISE	101
6.1	AS IMPLICAÇÕES DE ENVELHECER À LUZ DAS DESIGUALDADES CUMULATIVAS	101
6.2	A VULNERABILIDADE DA VELHICE QUILOMBOLA COMO FATOR FACILITADOR DA PRÁTICA DO ASSÉDIO FINANCEIRO	107

6.3 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO RECORTE DE PESSOAS QUILOMBOLAS ENVELHECIDAS	112
7 AS RESSONÂNCIAS DAS ANDANÇAS PELOS RINCÕES.....	125
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICE A - TCLE ENTREVISTA INICIAL – PARTICIPANTE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	139
APÊNDICE B - TCLE ENTREVISTA RETOMADA – PARTICIPANTE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PESQUISA: EDUCAÇÃO FINANCEIRA JUNTO A IDOSOS QUILOMBOLAS	141
APÊNDICE C - MODELO ENTREVISTA INICIAL	145
APÊNDICE D - MODELO ENTREVISTA AVALIAÇÃO PODCAST.....	150

1 ENTRE AS OPORTUNIDADES E AS DESIGUALDADES

O desafio de apresentar essa pesquisa implica refletir sobre minha trajetória enquanto mulher negra, professora e pesquisadora em educação. Faço parte de uma grande família das classes populares. Tive uma infância comum nas periferias. Filha de um pedreiro e uma dona de casa. Meus seis irmãos compartilharam travessuras na infância, confidências na adolescência e, sempre, batalhas pela educação.

Isto é, no seio desta família, educação sempre foi prioridade. Meu pai foi sindicalista por muitos anos. Revisitando memórias, encontro o momento em que aprendi a ler e passei a compartilhar com meus irmãos a tarefa de ler para ele, os dissídios e as normas regulamentadoras trabalhistas da construção civil. Recordo com ternura destes momentos.

Além disso, minha vida escolar na educação básica foi repleta de desafios e conquistas. Lembro com muito carinho dos meus professores. Em especial da professora Maria Helena de Ciências, primeira inspiração pedagógica, com seu jeito todo especial de dar aulas, mobilizando os alunos através da problematização de temas da atualidade e fazendo a turma refletir a partir do contexto apresentado.

Então, acabei encantada com a possibilidade de trabalhar com a educação. Cursei magistério ao nível médio e passei a conviver diariamente com as inquietações oriundas do fazer pedagógico. Em 2004 fui aprovada no concurso da rede municipal de ensino de Bagé-RS. Era apenas uma menina de dezenove anos, que sonhava em transformar o mundo através da educação.

No entanto, ao entrar em uma sala de aula, me deparei com as angústias, desafios e possibilidades do ato de educar. Cada dia que passava percebia que educar não podia ser uma tarefa solitária. E que compartilhar entre os pares é vital para nosso crescimento pessoal e formação profissional! Não só isso, mas uma oportunidade de ultrapassar os muros da escola.

Ainda no ano de 2004, tive a possibilidade de participar de uma formação continuada. Nesta, pude conviver e aprender com outros professores, partilhando anseios, dificuldades, buscando alternativas, criando estratégias para mobilizar os alunos a aprender. Neste curso de formação continuada, os professores se

mobilizaram para reivindicar bolsas de estudos junto ao prefeito da cidade. Aquela mobilização potencializou o sentimento de pertencimento ao grupo. Tivemos nossa reivindicação atendida e finalmente consegui ingressar na universidade.

Desse modo, entro para o curso de Ciências Biológicas, um amor antigo potencializado pelas aulas de ciências. Conseguir chegar à universidade foi uma vitória coletiva para minha família. Lembro-me do olhar de admiração dos meus pais e dos meus irmãos. Passei a ser um marco histórico na família da Silva Pinto. Além disso, durante o curso fui apresentada à pesquisa e a várias temáticas, entre elas o envelhecimento populacional. Meu Trabalho de Conclusão de Curso problematizou a sexualidade na terceira idade, ensejado pelo aumento alarmante de casos de idosos contaminados pelo vírus HIV.

Após a conclusão da graduação, passei a atuar nos anos finais do ensino fundamental e percebi que precisava buscar coisas novas. Fiquei com a sensação de incompletude e minha natureza me levou à novos desafios. Não só isso, mas essas inquietações pedagógicas me inundaram. Decido voltar a estudar! Optei pelo mestrado em Ensino de Ciências. Lá fiz amigos, conheci o mundo sob outro prisma, reencontrei a pesquisa e a possibilidade de contaminar meus colegas de escola com as discussões estabelecidas neste espaço.

Isto é, as rodas de conversa propostas na universidade e no OBEDUC¹ me tornaram mais orgânica, fazendo com que eu percebesse que o fazer docente é algo rizomático. Passei a compartilhar com meus colegas de escola as teorias estudadas e as discussões realizadas, especialmente a teoria da complexidade e a possibilidade de criar dispositivos complexos de aprendizagem².

Desse modo, as vivências oportunizadas no curso de mestrado perpassaram o território da universidade, potencializando o desenvolvimento de habilidades de liderança, exercidas dentro e fora da escola. Para concluir o curso, desenvolvi uma pesquisa-formação em que me desafiei a pensar sobre o dispositivo complexo de aprendizagem “Cadáver”, tensionando novos modos e de ver e aprender citologia e fisiologia com alunos do oitavo ano do ensino fundamental. Trabalhar com

¹ OBEDUC - Programa Observatório da Educação, resultado da parceria entre a Capes, o INEP e a SECADI, visando fomentar estudos e pesquisas em educação, que utilizem a infraestrutura disponível das Instituições de Educação Superior e as bases de dados existentes no INEP.

² Dispositivo complexo de aprendizagem é uma ferramenta carregada de potencialidade para desenvolver um ensino que leve em conta a invenção, imaginação e a produção de sentido (Pinto, 2016). Atualizado em 2018 por Márcio Martins e colaboradores para (DiCA) é uma estratégia de ensino que utiliza a invenção de mundos para estimular a pesquisa e a produção de conhecimento.

dispositivos me fez perceber o quanto “as habilidades” a serem ensinadas na escola ultrapassam uma ótica linear e binária, sendo impregnadas pelos contextos sociais.

Em 2017, fui convidada a ser supervisora em uma escola no/do campo. No primeiro momento fiquei impactada com as peculiaridades da Educação do Campo, as dificuldades de acesso, às desigualdades sociais e a vulnerabilidade dos povos do campo. Contudo, resolvi aceitar a proposta e conhecer os sujeitos que compõem a comunidade escolar (quilombolas, pequenos produtores, agricultores familiares e trabalhadores de propriedades rurais).

Com isso, o trabalho docente possibilita minha aproximação com as famílias e conseqüentemente a inserção na comunidade. Analisando os dados de matrículas escolares, noto uma queda significativa a cada ano. Ao olhar para o entorno atentamente, compreendendo que as dificuldades de acesso e permanência no campo acabaram por provocar o êxodo rural. A população que ficou, vem envelhecendo e luta diariamente para mitigar as desigualdades.

Além disso, após algum tempo, o grupo de professores da escola foi convidado pelos docentes articuladores da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Dom Pedrito, a participar da formação do curso de aperfeiçoamento para educadores das escolas do/no campo. Isto é, as temáticas abordadas propuseram uma grande reflexão sobre a educação para os sujeitos do campo. Como poderíamos contribuir? Quem eram aqueles sujeitos? Qual é o papel do educador neste contexto? Seus direitos são respeitados?

Dito isso, fui novamente tomada por inquietações pedagógicas, sociais, econômicas sobre o povo quilombola. No ano de 2019, decidi participar do curso Escola da Terra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que debateu as demandas sociais históricas, articuladas com possibilidades de novas aprendizagens. Este curso permitiu um novo olhar frente à comunidade quilombola. Revelando as riquezas presentes nas relações sociais, interpessoais e intergeracionais deste povo.

Ainda, a participação neste curso fez ressurgir meu interesse pela pesquisa em educação, sobretudo meu desejo de ingressar no Doutorado em Educação. Mesmo com muitas dúvidas e anseios, opto por participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Ao ingressar no doutorado, tenho acesso a um mundo de possibilidades de novas aprendizagens mediadas pela partilha generosa com colegas e professores. Minhas intenções iniciais de pesquisa

se voltaram para compreender e problematizar o envelhecimento da comunidade quilombola, tendo como cenário as desigualdades sociais que estavam tão visíveis no entorno da escola em que eu atuava.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua, 2023) demonstraram que, em 2023, os 10% da população brasileira com rendimentos domiciliares per capita maiores reuniram uma renda 14,2 vezes superior à dos 40% da população com menores rendimentos. Embora os dados denotem disparidade, essa é a menor diferença já registrada no Brasil (IBGE, 2024). Se aprofundamos o recorte, percebemos haver diferenças significativas entre homens e mulheres, especialmente entre negros e brancos.

Além disso, as desigualdades acompanham historicamente o povo brasileiro. E o envelhecimento populacional acaba por revelar a heterogeneidade da velhice, descortinando as dificuldades de acesso à saúde, educação e políticas públicas. As pessoas estão vivendo mais, porém questionamos em que condições. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) descreve o envelhecimento saudável como um processo permanente que visa otimizar habilidades funcionais e de oportunidades com foco na manutenção ou melhoria da saúde física, mental, implicando na promoção de independência, qualidade e bem-estar ao longo da vida (OPAS, 2022).

Acrescenta-se que o número de pessoas idosas com 60 anos ou mais alcançou 32.113.490 (15,6%), um acréscimo de 56,0% quando comparado com o Censo 2010 que registrou 20.590.597 (10,8%). Cabe ressaltar que o índice de envelhecimento no recorte com 60 anos ou mais atingiu 80,0 em 2022, com 80 pessoas idosas para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Ainda, no estado do Rio Grande do Sul (115,0), a quantidade de idosos com 60 anos ou mais excedeu o de crianças de 0 a 14 anos (IBGE, 2022). Esses dados ilustram o processo do envelhecimento populacional no contexto brasileiro e regional.

Nesta configuração, a população rural está envelhecendo e os movimentos migratórios dos jovens para centros urbanos são contínuos, segundo dados do Censo Agropecuário de 2017. A população idosa rural é predominantemente constituída por pretos e pardos (IBGE, 2017). Saliencia-se que a experiência do envelhecimento no campo é marcada por processos migratórios que revelam o êxodo rural seletivo, caracterizado pelo abandono do campo pelos jovens,

especialmente as mulheres, afetando diretamente no processo de envelhecimento destes espaços que se tornam masculinizados (Camarano; Abramovay, 1999).

Por outro lado, o envelhecimento das populações negras e dos povos tradicionais apresenta fatores de acumulação de riscos, como: dependência exclusiva do Sistema Único de Saúde (SUS), menor escolaridade, menor quintil de renda, piores indicadores sociais e de saúde (Oliveira; Thomaz; Silva, 2014). A insuficiência de recursos na velhice é um grande desafio para os governantes. Nesse sentido, a aposentadoria rural tornou-se uma estratégia de estabilidade para garantir uma renda mínima para essa parcela da população (Camarano; Fernandes, 2016). A implementação dessa política previdenciária reverbera em questões socioeconômicas.

Em consonância, observamos um incremento na participação dos idosos no mercado de consumo. Essa condição possibilitou que as instituições financeiras percebessem um novo nicho a ser explorado. Essa busca por novos nichos na economia é definida por Bauman (2010) como capitalismo parasitário, que identifica, assedia e explora. Um exemplo disso, é a concessão “facilitada” de empréstimos consignados para aposentados e pensionistas, que têm levado milhares de idosos ao endividamento.

A ciranda dos créditos, além de gerar novas oportunidades de investimento, também resulta num poço de dívidas (Arkel *et al*, 2002). Estudo recente de Debert e Félix (2024), aponta que é inegável que a dívida ocupa uma posição central na economia financeirizada do nosso século, e os dados apresentados mostram que quase metade da população idosa brasileira chegou à velhice endividada.

Considerando os aspectos expostos acima, identificou-se a urgência em discutir e problematizar a vida financeira das pessoas idosas no papel de novos consumidores, especialmente dos idosos atravessados pelas desigualdades sociais.

Para isso, apresentamos como pressuposto teórico a tese gerontológica da Desigualdade Cumulativa, proposta por Dannefer (1987; 2003), a partir das vantagens/desvantagens cumulativas. O autor pondera que os sistemas sociais produzem desigualdades que aparecem ao longo do curso da vida (Ferraro; Shippee, 2009), de modo que as condições enfrentadas na vida não podem ser negadas na problematização do envelhecimento.

Ainda, o autor enfatiza o envelhecimento como um processo multifatorial, influenciado por aspectos genéticos, ambientais, sociais e outros que implicam na

acumulação de riscos e conseqüentemente nas trajetórias de envelhecimento. Por exemplo, as condições de trabalho e de escolaridade e renda possuem relação direta com as circunstâncias financeiras enfrentadas na velhice.

Daí a relevância de questionar e discutir a educação financeira pelas lentes das desigualdades que compõem as diversas realidades brasileiras, buscando alternativas para contribuir com a elaboração de propostas de educação financeira que possibilitem a mitigação das desigualdades, caminhando para a construção de um país com mais justiça social e solidariedade.

O foco desta tese versa sobre a educação financeira dos quilombolas envelhecidos da comunidade de Palmas, em Bagé-RS. A reflexão da educação financeira está imbricada e implicada com as condições histórico-sociais vivenciadas. Considerando este contexto, questionamos: Qual o papel da educação financeira em grupos vulneráveis? Como propor uma intervenção sobre educação financeira para idosos a partir das lentes das desigualdades sociais?

O problema deste estudo é anunciado: Como a educação financeira pode implicar na vida dos quilombolas envelhecidos de Palmas, Bagé-RS. Deste problema deriva o objetivo geral que consiste em construir e implementar uma intervenção de educação financeira com os quilombolas envelhecidos desta comunidade.

Apontamos como objetivos específicos: mapear os aspectos socioeconômicos da população idosa do quilombo de Palmas, Bagé-RS; problematizar como as desigualdades cumulativas podem influenciar no processo de envelhecimento no quilombo; identificar desafios e potencialidades em relação à educação financeira dos quilombolas envelhecidos.

Para tanto, constituem interlocutores teóricos: Barth, em relação ao envelhecimento na perspectiva da etnicidade e Dannefer com a Teoria das vantagens e desvantagens cumulativas. E, na educação financeira, Doll, Williams, Debert e Félix. Na construção da proposta de intervenção de educação financeira, Morin, Freire entre outros.

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como método a cartografia com caráter de intervenção e como público-alvo os quilombolas com 55 anos ou mais residentes na comunidade de Palmas, Bagé-RS. Os instrumentos para produção de dados foram observações e entrevistas semiestruturadas. Na etapa de análise, adotamos a Análise de Conteúdo (AC), definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações (Bardin, 1977).

Esta tese está organizada em oito seções. Na primeira, apresentamos o contexto e a problematização da pesquisa, destacando a questão central, os objetivos, a justificativa, a motivação e as possíveis contribuições sociais e teóricas. A segunda seção oferece uma revisão teórica, abordando o processo de envelhecimento, evidenciando o recorte de populações negras e quilombolas, as desigualdades cumulativas e as limitações e potencialidades da educação financeira. A terceira seção descreve a trajetória da pesquisa, enquanto a quarta detalha as questões metodológicas. Na quinta seção, apresentamos os resultados, e na sexta, analisamos os dados produzidos. Na sétima, refletimos sobre as ressonâncias do processo de construção da pesquisa e apontamos os estudos desenvolvidos. Na oitava e última seção, trazemos as considerações finais. Nos apêndices, estão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o modelo de entrevista I e II.

2 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E AS DESIGUALDADES

*Vamo acabar com esse apaixonamento
por que eu sou um gaúcho viajado.
Eu estou velho mas tenho fibra e talento
Não aprendi a amar sem ser amado.*

**Claro, é tão bonito a gente amar e ser amado³*

Este capítulo aborda o processo de envelhecimento populacional e os atravessamentos das desigualdades. Discute, a partir da lente de velhices negras, envelhecimento quilombola e implicações na educação financeira.

2.1 ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO CONTEXTO BRASILEIRO

O número de pessoas idosas vem crescendo nas últimas décadas no mundo todo. Especialmente no Brasil pode-se observar uma transição demográfica inédita em sua história. A expectativa é que em 2030 nosso país esteja entre os seis mais populosos do mundo, no que se refere a população idosa, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).

De fato, essa transição vem ocorrendo devido ao fenômeno do envelhecimento da população mundial, discutido em diversos aspectos, tais como: mudanças biológicas, psicológicas, socioeconômicas e culturais.

Segundo Papaléo Netto (2002, p. 10), o envelhecimento pode ser compreendido como:

[...] um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

Também Camarano (2002) destaca que isso se deve ao fato da alta taxa de fecundidade nos anos de 1950 e 1960, comparada a reduzida taxa de fecundidade dos dias atuais e a diminuição da mortalidade da população idosa. Esta redução

³ Música que idosos quilombolas cantaram com ajuda de violão em ocasião de visita. A canção se intitula “Não Sou Convencido” de Gildo de Freitas. A letra completa pode ser acessada em: <https://www.lettras.mus.br/gildo-de-freitas/1159517/>.

possibilitou a ampliação no tempo de vida dos idosos, promovendo um envelhecimento na base da pirâmide. Portanto, o envelhecimento populacional pode ser encarado como uma conquista social. Os idosos passaram a contribuir para com a família, a sociedade e influenciaram o desenvolvimento econômico (HELPAGE INTERNACIONAL, 1999).

O marco legal da Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994) e o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003), sugerem que seja considerada como idosa a população de 60 anos ou mais. No cenário brasileiro, observamos que em 1980 a população idosa com 60 anos ou mais era de 6,1%. Já em 2022, esse grupo etário representou 15,8% da população total. Abaixo, apresentamos a Tabela 1, que demonstra o crescimento da população idosa nas últimas décadas.

Tabela 1 - Proporção da população residente por grupos etários específicos - Brasil - 1980/2022

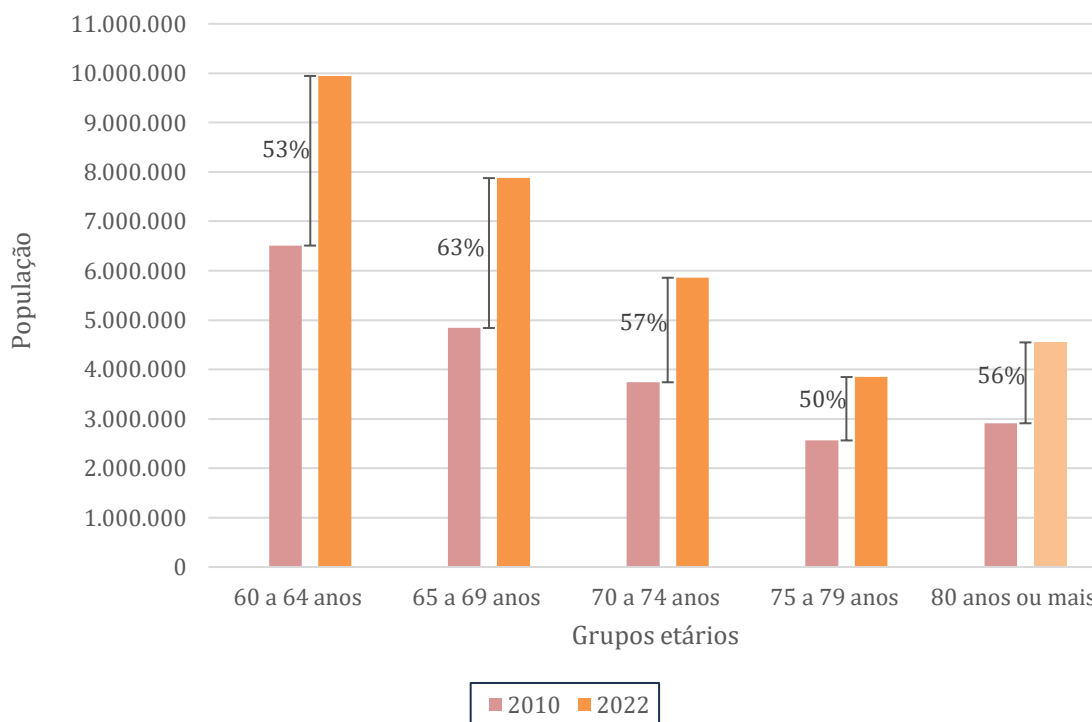
Ano	População de 0 a 14 anos (%)	População de 15 a 59 anos (%)	População de 60 anos ou mais de idade (%)
1980	38,2	55,6	6,1
1991	34,7	58,0	7,3
2000	29,6	61,9	8,6
2010	24,1	65,1	10,8
2022	19,8	64,4	15,8

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980/2022.

Deste modo, o envelhecimento vem acarretando mudanças comportamentais na sociedade. As pessoas idosas não vivem isoladas, estando seu bem-estar atrelado ao da sociedade em sua totalidade (Lloyd-Sherlock, 2002). A população idosa é bastante heterogênea. Para compreender melhor a dinâmica demográfica, é necessário estudá-la por grupos etários, visando conhecer a relação entre eles, seus pesos na população total (IBGE, 2022). Diferenças significativas são evidenciadas quando observamos os recortes etários.

A seguir, apresentamos o Gráfico 1, que aborda as diferenças de crescimento nos diversos grupos etários. Percebe-se que o grupo mais populoso é o de 60 a 64 anos, sendo o de maior crescimento relativo o de 65 a 69 anos (IBGE, 2022).

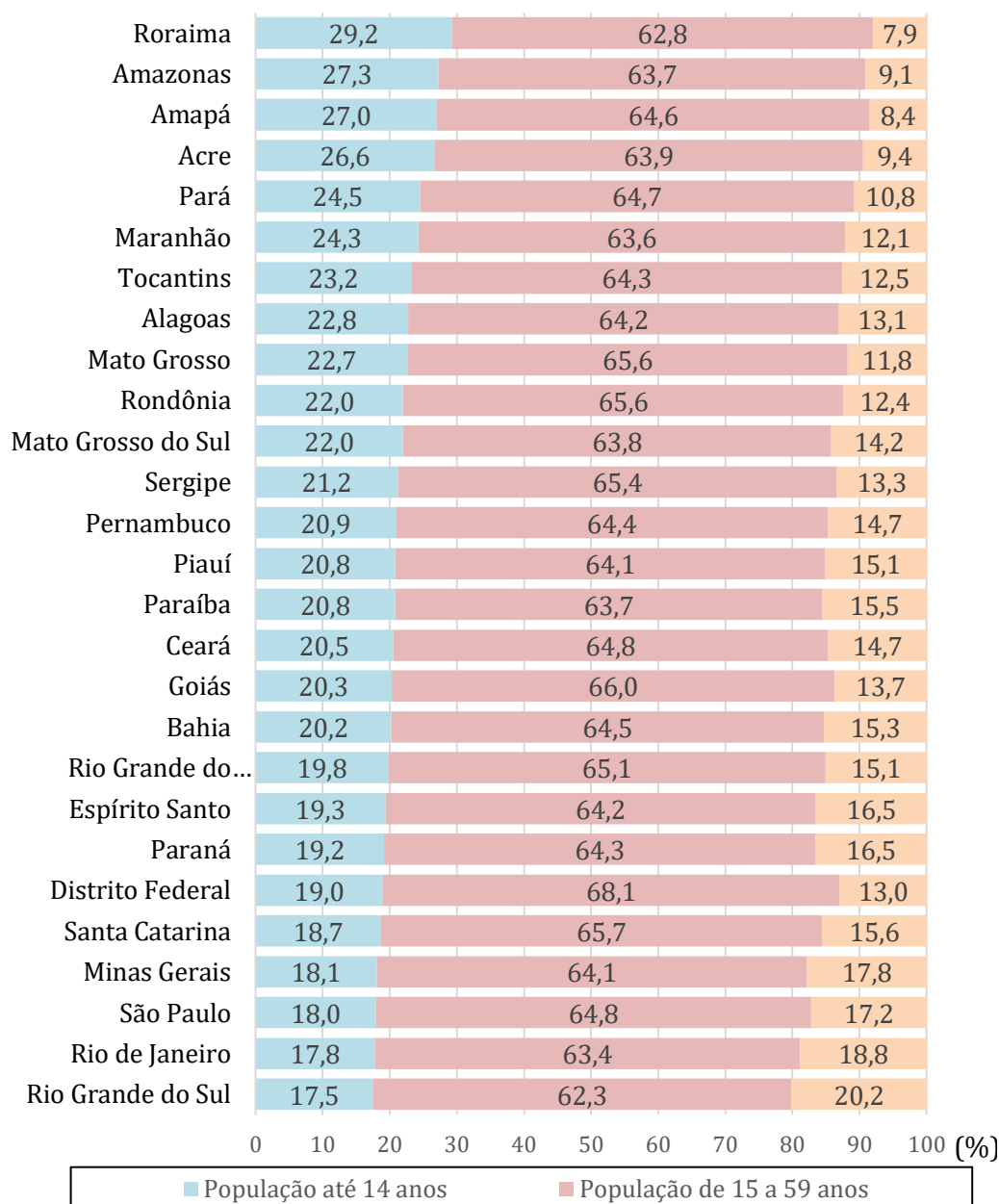
Gráfico 1 - População total e variação do total populacional por grupos etários acima de 60 anos de idade



Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2010; 2022)

Considerando as proporções territoriais do Brasil, é possível observar que os Estados da Federação envelhecem em ritmos diferentes. O censo de 2022 (IBGE, 2022) apontou que a região Norte é a mais jovem, seguida do Nordeste. Já as regiões Sudeste e Sul têm estruturas mais envelhecidas e o Centro-Oeste, uma estrutura intermediária. Abaixo, o Gráfico 2 ilustra as diferenças por estados.

Gráfico 2 - Proporção da população residente por grupos de idade específicos, ordenado pela maior proporção da população até 14 anos, segundo as Unidades da Federação – 2022.



Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2022)

Os dados do último Censo Demográfico, apresentados acima, ilustram que o envelhecimento no Brasil é fortemente influenciado e atrelado pelas condições de acesso a direitos básicos de cada região do país. Cabe lembrar que nosso país é atravessado historicamente por desigualdades. Destacamos também a relevância de um olhar sensível ao recorte do envelhecimento da população negra, por

entendermos que é o ponto de partida para pensarmos em políticas públicas para esse traço da população.

2.1.1 Velhices Negras

Dados do Censo de 2022, divulgados pelo IBGE em 2023, tornam nítida a urgência em discutir, identificar e enfrentar os desafios do envelhecimento das pessoas negras. Esses dados denotam que a população negra total é 56%, porém, ao observarmos o recorte de pessoa negra idosa acima de 60 anos esse percentual baixa para 48%. Essa informação permite questionar os motivos que determinam essa redução.

Barth (1997) menciona que a identidade define diferenças e fronteiras étnicas que estão sempre em processos de mudanças, sendo atribuída pelos próprios atores, enquanto necessidade de compartilhamento. Através do discurso e atos políticos, a identidade se dissemina em coletividades. O quilombo é um território impregnado de identidade coletiva que preserva a cultura afro-brasileira.

Além disso, o papel das pessoas idosas quilombolas é essencial para as comunidades, pois contribuem para a reelaboração de suas histórias, passando sua tradição de forma oral, incentivando o sentimento de identidade e pertencimento dos mais jovens (Barros, 2016), devido, a “[...] memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (Halbwachs, 2006, p. 69). As memórias do grupo são consequência desse coletivo.

Contudo, as velhices negras, na maioria das vezes, são carregadas de múltiplas desvantagens econômicas, sociais e históricas, acumuladas ao longo da vida. As questões raciais estão bastantes presentes em nosso país. O risco de morte é maior na população negra por causas transmissíveis e não transmissíveis, evidenciando as desigualdades raciais. Homens negros jovens são os que mais sofrem homicídios (Soares Filho, 2012). Cabe lembrar que os negros são a maioria da população carcerária brasileira (Brasil, 2016). Essas especificidades implicam num processo de envelhecimento sujeito às consequências dessa vulnerabilidade que vai se sobrepondo.

Dito isso, uma parcela significativa da população negra brasileira não é detentora do capital financeiro e nem do poder político, apresentando os piores

níveis de escolaridade, remunerações e condições de acesso a trabalho e estudo (Brasil, 2016). As trajetórias de violência, perdas e lutos permeiam as velhices negras, em especial das mulheres. E as relações precarizadas de trabalho marcam a biografia destas pessoas (Nobre, 2004; Negro; Gomes, 2006; Camarano, 2003). Portanto, o processo de envelhecimento neste contexto é ainda mais complexo e heterogêneo, marcado por desvantagens cumulativas.

Conforme estudo realizado por Oliveira; Thomaz; Silva (2014), que denuncia as desigualdades raciais na saúde e nas condições gerais de vida, os idosos pretos e pardos formam um grupo suscetível e vivenciam o envelhecimento em sobreposição de riscos. Os autores propõem uma comparação entre idosos brancos e pardos/pretos, sendo possível perceber que idosos pardos e pretos predominam nos estratos de idade mais jovens (65-69), de elevada dependência exclusiva do SUS, de menor escolaridade, de menor quintil de renda e nas áreas com piores indicadores sociais e de saúde do país (Silva, 2014). Aspectos esses que estão intimamente relacionados à qualidade de vida.

As desigualdades raciais na saúde permanecem como um reflexo contínuo de um legado histórico de discriminação e exclusão (Goes; Ramos; Ferreira, 2020). Assim, a população negra enfrenta obstáculos consideráveis para acessar serviços de saúde de qualidade, o que leva a piores indicadores de saúde e a uma maior vulnerabilidade a diversas enfermidades (Oliveira; Magalhães, 2022).

Em primeiro lugar, é essencial entender que as desigualdades raciais não decorrem apenas de diferenças biológicas ou culturais entre grupos étnicos (Oliveira; Magalhães, 2022). Elas são, na verdade, construções sociais, moldadas por séculos de colonialismo, escravidão, segregação e discriminação institucional. Historicamente, foram estabelecidos sistemas de poder que favoreceram certos grupos em detrimento de outros, perpetuando um ciclo contínuo de opressão e exclusão (Müller; Cardoso, 2018).

De acordo com Oliveira; Guidio (2022), as desigualdades raciais não são questões meramente do passado, mas continuam a existir de forma tanto sutil quanto evidente na sociedade atual. Nos setores da educação, emprego, moradia, saúde e justiça, indivíduos negros e de outras minorias étnicas enfrentam barreiras significativas que limitam suas oportunidades e dificultam seu pleno desenvolvimento.

A população negra, historicamente marginalizada no acesso a recursos e oportunidades, apresenta maiores chances de viver em situação de pobreza (Oliveira; Guidio, 2022). As condições de vida relacionadas à pobreza, como a falta de saneamento básico, alimentação inadequada e a exposição a ambientes insalubres, impactam diretamente na saúde (Oliveira; Magalhães, 2022). Além disso, conforme Werneck (2017), o acesso desigual à educação resulta em menores oportunidades de emprego e salários mais baixos para a população negra, o que limita sua capacidade de obter cuidados de saúde de qualidade, tanto preventivos quanto curativos.

Neste contexto, a população quilombola envelhecida encontra-se em situações ainda mais graves de vulnerabilidade. Esta população foi definida pelo Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003 como:

[...] grupos étnico-raciais segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência e a opressão histórica sofrida.

As constantes lutas da população quilombola, seja por território – que, segundo Santos (2000, p. 96), é “o chão mais a identidade” – ou por direitos há tanto negados, sempre serão lutas relacionadas às suas identidades. Mesmo que essas sejam múltiplas, elas têm em comum a necessidade de manterem suas origens históricas.

Desse modo, a precarização das condições de vida e a luta pelo direito à terra e por acesso aos direitos fundamentais marcam suas vidas (Ferreira; Carlet, 2017). Dados do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) revelam que 9,9% das pessoas autodeclaradas quilombolas no Rio Grande do Sul têm idade superior a 60 anos. Em outras palavras, este dado revela que é uma população grande, porém com menos idosos do que a população em geral, o que confirma a teoria da desvantagem cumulativa: poucos alcançam a velhice.

Também o estudo de Kroef *et al.* (2023) apresenta um diagnóstico das comunidades quilombolas certificadas do Rio Grande do Sul, trazendo à tona as dificuldades de infraestrutura, mobilidade, acesso à saúde e educação, assim como as potencialidades e recomendações para incremento de renda e qualidade de vida desta população. O conjunto de dados deste estudo revela que as principais fontes

de renda das famílias são a agricultura, os programas sociais (Bolsa Família, Benefício de Proteção Continuada (BPC), etc), aposentadorias e pensões.

Se observa ainda em Kroef *et al.* (2023) que nas 17 comunidades urbanas, os destaques foram o emprego formal não-agrícola e os programas sociais, mencionados por 82,35%; seguidos por trabalho autônomo, com 76,47%; aposentadoria, com 58,82% e trabalho diário em serviços não agrícolas, com 47,06%. Nas comunidades rurais, os itens mais citados foram a aposentadoria, com 87,50%; os programas sociais, com 70,46%; o trabalho diário em serviços agrícolas, com 76,79%; a agricultura, com 63,39% e o emprego formal agrícola, com 31,25%.

2.1.2 Envelhecimento Quilombola, Aposentadoria Rural e os Direitos Previdenciários dos Quilombolas

A população quilombola brasileira foi reconhecida na Constituição de 1988, evidenciando a diversidade étnico-racial, sendo dever do Estado proteger seus modos de viver, fazer, criar, os bens de natureza material e imaterial referentes à identidade e à memória dos povos tradicionais (art. 215 e art. 216). Este documento ficou conhecido como constituição cidadã, por apresentar avanços em relação aos direitos sociais.

Ainda em 1994 a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) atualizou a definição de “quilombos”, tendo como base a teoria da etnicidade⁴. Abaixo apresentamos a definição de quilombo:

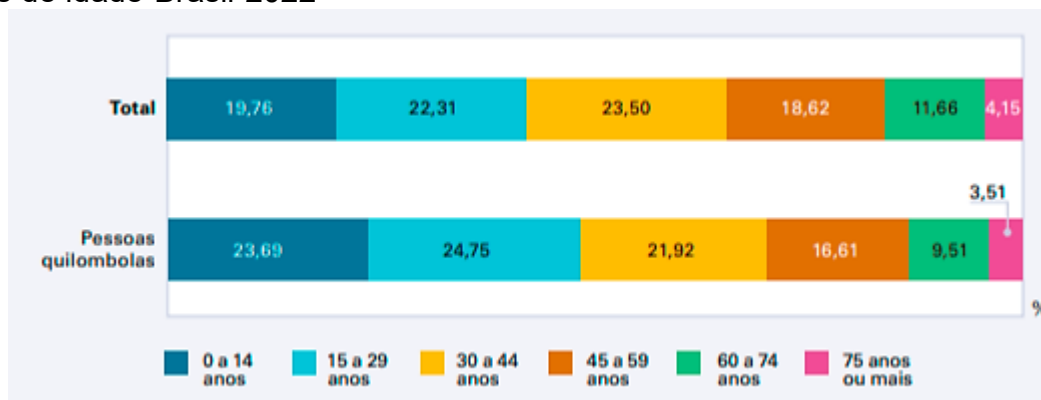
Não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória e continuidade enquanto grupo. Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão (Associação Brasileira de Antropologia, Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais, 17/18 de outubro de 1994, Rio de Janeiro/RJ) (IBGE, 2022).

⁴ Segundo Barth a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função da sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos e culturais socialmente diferenciadores.

Além disso, o Censo de 2022 inovou, mapeando a população quilombola e destacando suas características demográficas, geográficas e socioeconômicas. As informações obtidas são essenciais para orientar, planejar políticas públicas e compreender a dinâmica do envelhecimento quilombola.

A população quilombola brasileira é de 1.327.802 pessoas, o equivalente a 0,66% da população total. A Região Nordeste é a que concentra a maior quantidade de pessoas quilombolas, com 906.337 pessoas, correspondendo a 68,14% da população quilombola total, seguida da Região Sudeste com 182.427 pessoas e a Região Norte com 167.311 pessoas, ambas contabilizando 26,29% da população quilombola. Responsáveis por 5,57% da população quilombola, as Regiões Centro-Oeste e Sul têm 44.997 e 29.114 pessoas, respectivamente (IBGE, 2022).

Gráfico 3 - Distribuição percentual da população residente, total e quilombola, por grupos de idade-Brasil-2022



Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2022)

Ainda, o Censo de 2022 revelou que a população quilombola com 60 anos ou mais tem um índice de envelhecimento de 54,98. Esses dados, quando comparados com a população total (80,03%), são bastante discrepantes (IBGE, 2024). Os valores variam conforme o estado da federação. No estado do Rio Grande do Sul (82,69%) o envelhecimento quilombola é superior à média nacional. Entretanto, Amazonas (23,4%), Amapá (28,96%), Distrito Federal (34,85%), Pará (35,94%) e Sergipe (44,26%) apresentam os menores índices de envelhecimento da população quilombola (IBGE, 2024). Assim, se percebe que a população quilombola do Rio Grande do Sul é ainda mais envelhecida, comparando com as populações de outros estados.

O envelhecimento na comunidade quilombola revela aspectos complexos quando analisados à luz da teoria da etnicidade. Este processo não se restringe apenas ao aspecto biológico, mas se entrelaça profundamente com a identidade e a história do grupo. Os idosos quilombolas carregam consigo não apenas o peso dos anos vividos, mas também a memória coletiva de resistência, luta e preservação cultural.

Para os quilombolas, envelhecer significa assumir papéis de liderança e de guardiões do conhecimento ancestral, transmitindo tradições, mitos e práticas que sustentam sua identidade étnica. A valorização dos mais velhos não se limita ao respeito pela idade avançada, mas se estende à reverência pela sabedoria acumulada ao longo de gerações.

No entanto, o envelhecimento quilombola também enfrenta desafios contemporâneos, como a falta de infraestrutura adequada para cuidados de saúde e a migração dos jovens em busca de oportunidades nas cidades. Estes aspectos influenciam a dinâmica familiar e comunitária, impactando diretamente na forma como os idosos são cuidados e respeitados dentro de suas comunidades.

Assim, compreender o envelhecimento quilombola a partir da teoria da etnicidade não apenas reconhece sua singularidade cultural, mas também evidencia a importância de políticas públicas e iniciativas comunitárias que promovam o envelhecimento com dignidade, preservando a riqueza e a continuidade das tradições quilombolas.

As pessoas idosas quilombolas enfrentam condições de vida ainda mais precarizadas. A luta pelo direito à terra é recorrente, o que muitas vezes dificulta o acesso aos demais direitos e políticas públicas (Ferreira; Carlet, 2017). Historicamente, as comunidades quilombolas estabeleceram relações econômicas com comunidades vizinhas, efetivando trocas mercantis, ainda que não de forma legalizada. Em algumas regiões, houve uma integração socioeconômica envolvendo as práticas camponesas dos ex-escravos. O cultivo de pequenas roças e o acesso a um comércio informal foram a base da construção da economia quilombola, tipicamente camponesa e compartilhada por comerciantes, lavradores, escravizados e libertos (Souza, 2008). É necessário refletir sobre os atravessamentos históricos sociais do dinheiro na vida destas pessoas.

O crescente aumento do número de pessoas idosas provoca alterações sociais e econômicas. Nos anos 1990, o idoso ainda era visto como uma pessoa

dependente dos recursos financeiros e dos cuidados da família. Essa parcela da população era relacionada à pobreza, à falta de autonomia e à dependência, especialmente nos ambientes rurais (Caldas, 2003). Contudo, houve uma mudança significativa na imagem das pessoas idosas nos últimos anos.

Os direitos previdenciários (aposentadorias e pensões) constituíram uma conquista social, e os idosos ganharam um novo papel frente à família e à sociedade. Ocorreu uma transformação nos estereótipos dos velhos, que passaram a ser encarados como suporte do lar e novos consumidores, devido ao advento da renda fixa oriunda dos benefícios previdenciários (Buaes, 2015).

A aposentadoria rural pode ser encarada como uma estratégia para garantir uma renda mínima para as populações do campo. Todo e qualquer indivíduo tem direito ao benefício desde que, comprovada a condição de trabalhador rural, cumpra, pelo menos, os seguintes requisitos: 60 anos completos para homens e 55 anos para as mulheres. Contudo, a contribuição só é obrigatória quando há comercialização da produção – alíquota de 2,3% sobre o valor bruto da produção rural comercializada (Brasil, 1991). Os quilombolas são enquadrados na categoria de aposentadoria especial, como os agricultores familiares de forma geral.

Por outro lado, muitas vezes o trabalho realizado pelos quilombolas é voltado para a agricultura de subsistência, marcada por pouca ou nenhuma acumulação de recursos financeiros. Esse é um modo de vida alicerçado na dependência da natureza e na coletividade (Brandão, 2010). Deste modo, a Constituição Federal de 1988 constituiu um marco de ações relacionadas aos direitos sociais, de saúde, de assistência e previdência social. A questão quilombola no país, marcada por um “boom revisionista sobre a história da escravidão e de sua abolição no Brasil, trazendo as relações raciais e as condições sociais do negro brasileiro para a pauta dos debates públicos como nunca havia acontecido” (Arruti, 2006, p. 28). Os quilombolas foram reconhecidos como pessoas de direitos.

Contudo, os idosos quilombolas não têm uma modalidade específica de aposentadoria, como os indígenas. Os quilombolas têm acesso aos benefícios previdenciários através das aposentadorias rurais especiais gerais. Enquanto os indígenas são assistidos de forma diferenciada na categoria de segurado especial, desde que comprove a condição através da certidão fornecida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), regulamentada pelo decreto 3.048/99, art. 19-D, § 13.

O reconhecimento dos direitos previdenciários dos povos indígenas e tradicionais possibilitou sua inserção no mercado de consumo. Os proventos fixos passaram a ser bastante atrativos para o setor de comércio e serviços. Conforme Buaes (2015), um mercado de novos consumidores surgiu por meio da ascensão das classes populares e do aumento do poder de consumo dos idosos. Esse contexto motivou a economia e potencializou a abertura de negócios que pudessem atender a essa clientela.

Assim, a participação crescente dos idosos como consumidores revela muitas oportunidades, mas também desafios, dentro de um contexto de desigualdades sociais. Com o aumento da expectativa de vida, essa faixa etária se torna um público importante para o mercado, exigindo produtos e serviços que atendam às suas necessidades específicas. No entanto, essa realidade é marcada por disparidades: enquanto alguns idosos desfrutam de uma diversão confortável e acesso a bens, outros enfrentam inúmeras dificuldades, como, por exemplo, o endividamento.

Essas desigualdades afetam diretamente os padrões de consumo, pois idosos de diferentes contextos sociais têm experiências e necessidades específicas. Aqueles com recursos suficientes podem investir em saúde, lazer e tecnologia, enquanto outros lutam para suprir necessidades básicas. Assim, a inclusão de idosos como consumidores no mercado deve ser acompanhada de um olhar atento para as desigualdades, promovendo políticas que garantam um envelhecimento saudável e com qualidade.

2.2 DESIGUALDADES

As desigualdades são debatidas em países ao redor do mundo todo, constituindo uma agenda política recorrente. Conforme os dados do Banco Mundial, cerca de 260 milhões de pessoas estão abaixo da linha da pobreza (OXFAM, 2021). As democracias de todo o mundo enfrentam o desafio de reduzir o abismo social e ampliar o acesso aos direitos fundamentais, como saúde e educação (OXFAM, 2018). No Brasil, a situação dos idosos não é muito diferente da população em geral, talvez seja até um pouco melhor (Camarano, 2002), por terem uma fonte de renda mínima na aposentadoria, na pensão e no benefício continuado (LOAS).

Inclusive, vários fatores contribuíram para a situação de desigualdade extrema vivenciada no Brasil. Questões históricas que denunciam quatro séculos de escravidão e as consequências das diferentes colonizações que produziram profundas distinções entre as regiões, classes sociais, gênero e etnias (Souza, 2017). Esse distanciamento cunhou marcas em nossa sociedade, afetando nossa capacidade redistributiva e perpetuando as desigualdades (OXFAM, 2018), as quais não podem ser invisibilizadas nas sociedades atuais.

Sobretudo, os aspectos de ordem histórica, econômica, social, ambiental e política acabam determinando trajetórias heterogêneas de desenvolvimento e envelhecimento da população brasileira, revelando as desigualdades perpassadas por diferentes grupos sociais. A situação demográfica e socioeconômica reflete diretamente na condição de saúde apresentada na velhice. O enfrentamento dessas desigualdades é cumulativo ao longo da vida.

Portanto, as condições de acesso à energia elétrica, água encanada, coleta e tratamento de esgoto estão relacionadas à faixa de renda. Historicamente, o contexto rural abriga inúmeras desigualdades, pois recebe baixos investimentos. As políticas públicas ainda têm dificuldades para atingir as populações e povos com seus modos de vida, produção e reprodução social, relacionados, predominantemente, com a terra e com a água (Brasil, 2013). Essas dificuldades de acesso a melhores condições de vida perduram, muitas vezes, por um longo período, podendo resultar em desvantagens no curso da vida.

As desigualdades sociais são sistêmicas, têm origem desde o nascimento e repercutem ao longo do desenvolvimento da vida. Grupos privilegiados e menos favorecidos socialmente apresentam diferentes resultados na situação de saúde e expectativa de vida (Elo; Preston, 1996; Carvalhaes; Chor, 2016). O adoecimento no processo de envelhecimento é fortemente influenciado pelas desvantagens que foram acumuladas ao longo de todos os anos (Dannefer, 2003). Pequenas alterações no início da vida podem se ampliar ao longo do curso da vida e resultar em vantagens ou desvantagens que são cumulativas (Dannefer *et al*, 2018).

Nesse sentido, destaca-se que as condições da infância são anunciadoras significativas das experiências escolares e das condições de acesso a elementos básicos para o crescimento e desenvolvimento humano, exercendo efeitos persistentes e diretos sobre o sucesso educacional e, conseqüentemente, sobre alguns resultados na vida adulta, especialmente na saúde (O’Rand, 2009).

As questões sobre o ritmo do envelhecimento se concentram nos efeitos das condições iniciais de vida e refletem períodos "sensíveis" ou "críticos", que ao serem ampliados ao longo da vida, acentuam os efeitos das condições iniciais. Segundo O'Rand (2009), os padrões de desvantagem e vantagem cumulativa não são simétricos. As desvantagens são provavelmente mais dependentes do caminho, enquanto as vantagens são mais estocásticas. Isso significa que uma desvantagem inicial tem uma força significativa sobre os resultados da vida adulta, enquanto a vantagem inicial não garante uma vida bem-sucedida.

Enfim, assistimos a diferentes velhices que são resultado de trajetórias de vida distintas. A desigualdade marca o processo de envelhecimento de muitos, senão de todos, sujeitos sociais da classe operária, que protagonizam a situação de não terem oportunidade e acesso para a realização das suas necessidades básicas objetivas e subjetivas (Campelo; Paiva, 2014, p. 27). Os aspectos discutidos acima corroboram com a heterogeneidade da velhice.

2.2.1 Teoria da Desigualdade Cumulativa

Desde a década de 1980, em especial a partir de 1990, gerontologistas intensificaram as pesquisas sobre vantagens e desvantagens cumulativas (Estes; Dicarlo, 2016). As teorias da desigualdade voltam-se a questões relacionadas à linhagem familiar, "reprodução, gestação e infância"(p.23), ou seja, sobre a importância das origens iniciais e a fase de desenvolvimento, em especial no início do curso de vida.

Ferraro; Shippee (2009, p. 341), sustentam a importância do desenvolvimento da vida, mas, sobretudo, dos eventos indestrutíveis que ocorrem no percurso da vida, influenciando e acelerando diretamente o envelhecimento e adoecimento. O envelhecimento depende de dois fatores principais: a carga genética e as influências ambientais que ocorrem ao longo da vida (Baltes, 1987).

Assim, exposições sociais, como eventos estressantes, pobreza, desemprego, perdas sociais, idade avançada e solidão, interferem no processo de envelhecimento, os quais são cumulativos. Todos esses fatores de "desigualdade" comprometem a saúde ao longo da vida, deixando marcas de desigualdade que ficam sob a pele (Ferraro; Shippee, 2009).

Nesse sentido, Wilson (2007, p. 1892) menciona que o envelhecimento é um processo “longo, amplo e profundo que se manifesta em condições ambientais subjetivas através dos processos de desigualdade, contínuos, cumulativos e difusos ao longo da vida”. Esses fatores podem ser influenciados por questões de saúde/doença, ambiente, nível educacional, ou seja, co-ocorrem ao longo da vida, não sendo possível indicar uma causa isolada em todo esse processo. Contudo, a saúde, a desigualdade social e a escolaridade parecem ser fatores de elevado impacto no processo de envelhecimento.

Logo, apresentamos os principais fundamentos teóricos da Teoria da Desigualdade Cumulativa. Esta teoria surge inicialmente com Dannefer (1987; 2003), através da teoria da vantagem/desvantagem cumulativa. O autor defende que os sistemas sociais geram desigualdades que se manifestam ao longo da vida através de condições demográficas e de desenvolvimento que, conforme o curso, levarão a um acúmulo de riscos, entre eles a mortalidade prematura.

Ao longo das décadas, a teoria foi aprimorada (Dannefer, 1987; 2003; 2012; 2018) por meio de pesquisa empírica (coortes ou histórico cruzado e comparações internacionais) com o tema da desigualdade ao longo da vida adulta como um processo social ocorrendo em longo prazo. Na perspectiva de Dannefer (2003), a Teoria Vantagem/Desvantagem Cumulativa (TV/DC) evoca que as vantagens e desvantagens são estruturadas socialmente e os indivíduos são expostos a elas desde o nível micro até o nível macro nas estruturas sociais.

A teoria foi incorporada mais tarde por Ferraro (2007), abrangendo fenômenos individuais e a desvantagem cumulativa ao longo do tempo, consoante o curso da vida. Dentro da teoria, Ferraro; Shippee; Schafer (2009) articularam cinco axiomas que possuem múltiplas interações.

No primeiro axioma, se reconhece que a desigualdade se acumula ao longo da vida, sustentando que a desigualdade cumulativa se dá a partir da concepção e desenvolvimento na infância, que repercutiram (ou não) sobre o bem-estar da vida adulta. “As experiências do início da vida moldam os resultados posteriores da vida” (Ferraro; Shippee, 2009, p. 335).

Já o segundo axioma mostra que diferentes situações podem gerar tanto vantagens quanto desvantagens. Um exemplo são as questões de endividamento ou de poupança, onde o primeiro pode representar a exposição a riscos, como falência

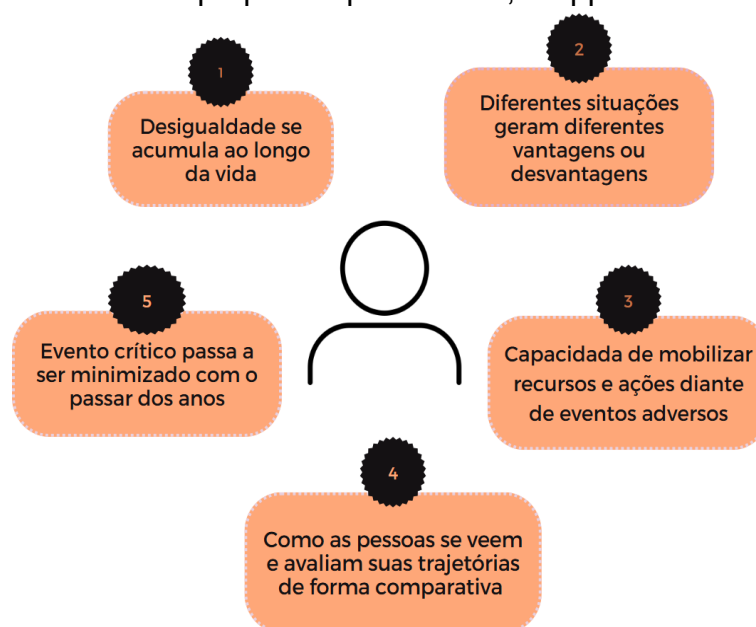
e dificuldades para possuir condições mínimas de sobrevivência; e o segundo, a exposição de oportunidades de investimento e aposentadoria, gerando segurança.

O terceiro refere-se à capacidade das pessoas em mobilizar recursos e ações diante de eventos adversos. Como os indivíduos encaram determinadas dificuldades (mobilização de recursos) pode ser um grande diferencial. O modo psicossomático de encarar determinadas situações pode provocar a adaptação ao problema e a superação do mesmo, podendo atenuar os efeitos das desvantagens anteriores, ou gerar maiores desvantagens, surtindo efeitos negativos sobre a saúde.

O quarto axioma refere-se às pessoas, no sentido de como elas veem e avaliam suas trajetórias de forma comparativa com outras pessoas e grupos que para elas são significativas, avaliando e rastreando aquelas que precisam ser otimizadas. Um exemplo disso são os sentimentos em relação ao trabalho. Quando positivos, podem aumentar a sua eficácia e desempenho frente aos colegas; por outro lado, sentimentos negativos podem desafiar a autoeficácia e as trajetórias futuras.

O último axioma demonstra que diante de eventos resultantes na mortalidade de uma população, o evento crítico, com o passar dos anos, passa a ser minimizado. Os indivíduos sobreviventes do problema causador da mortalidade podem ter a sensação de que a situação de saúde está melhor e que houve redução da desigualdade. Um exemplo disso pode ser a própria pandemia por COVID-19 e a demora na aquisição das vacinas, um problema vivenciado no Brasil e em outros países.

Figura 1 - Axiomas propostos por Ferraro, Shippee e Schafer (2009)



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

As desvantagens cumulativas ao longo da vida, segundo Ferraro; Shippee (2009) podem começar já na vida intrauterina, de acordo com as condições da vida da gestante (tabagismo, violência, desnutrição e exposição a agentes químicos), que podem resultar em problemas de saúde na vida adulta, como obesidade, hipertensão, doença coronariana, diabetes e sarcopenia.

É importante destacar, em relação às afirmações acima, que embora os processos citados anteriormente sejam predominantemente biológicos, eles estão relacionados aos padrões de interação social. Um exemplo disso é a relação entre *status* socioeconômico baixo e a elevação de hormônios do estresse, oriundos de preocupações e ansiedades constantes e cumulativas, que levam ao estresse (crônico) e promovem danos à saúde (Ferraro; Shippee, 2009). O modelo, fundamentado nos cinco axiomas, não é determinista, mas ajuda a compreender por que algumas pessoas crescem e se tornam mais resistentes a partir de condições adversas, enquanto outras ficam submersas por essas mesmas condições.

2.3 IDOSOS NO MERCADO FINANCEIRO

Os rendimentos de trabalho, pensão ou aposentadoria da população mais velha se transformaram numa fonte importante de renda familiar. O idoso, muitas vezes, passou a atuar como suporte e esteio dos grupos familiares. Além disso,

percebe-se, independentemente da classe social, que os idosos apresentam maior disponibilidade para o consumo (Camarano; Pasinato, 2006). Observa-se também que as empresas e serviços identificaram na população idosa uma fonte para obtenção de lucro, atraídos pela estabilidade das pensões e aposentadorias (Buaes, 2015).

Hoje, ingressar nessa condição é mais fácil do que nunca antes na história da humanidade, assim como escapar dessa condição jamais foi tão difícil. Todos os que podiam se transformar em devedores e milhões de outros que não podiam e não deviam ser induzidos a pedir empréstimo já foram fisgados e seduzidos para fazer dívidas (Bauman, 2010, p. 19).

Além disso, as lojas e instituições financeiras investem na disponibilidade dos idosos em fazer compras parceladas em crediários, cartões de crédito e em contratarem empréstimos consignados (Doll; Ramos; Buaes, 2015). Os aposentados são encarados como consumidores em potencial. Todavia, Constanzi; Ansiliero (2017), chamam a atenção para prática de empresas que assediam constantemente os aposentados, oferecendo empréstimos com valores altos que acabam por comprometer o orçamento mensal. “Para eles, o devedor ideal” é aquele que jamais paga integralmente suas dívidas” (Bauman, 2010, p. 15).

Certamente, os empréstimos consignados vêm comprometendo a renda de muitos idosos e o endividamento tem sido foco de diversos estudos (Amorin; Monte, 2017; Doll; Cavallazzi, 2018; Santos, 2019). Contudo, a efetivação dessa operação teve como princípio aumentar o acesso ao crédito em condições mais favoráveis, principalmente porque o desconto das prestações diretamente na folha de pagamento tem uma significativa redução da taxa de juros em comparação com outras modalidades de crédito à pessoa física (Camarano; Pasinato, 2002).

No entanto, as características do crédito consignado apresentam taxas de juros menores do que as do cartão de crédito. Devido ao forte assédio e às armadilhas financeiras, ele é, muitas vezes, utilizado até em casos desnecessários, possibilitando o comprometimento da renda dos idosos por muito tempo, isto é, sendo ensejo para um endividamento mais sério (Holanda, 2019; Doll; Cavallazzi, 2016).

Marques; Frade (2003) definiram o endividamento como o saldo devedor de um agregado. Dados do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil, 2018) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL, 2018) alertam que a

população idosa, entre 65 e 94 anos, vem acumulando dívidas atrasadas (Brasil, 2018). Diante do cenário de um país endividado, a educação financeira, como estratégia para minimizar a inadimplência, ganha cada vez mais espaço nas discussões.

Também, a situação do endividamento é agravada pelo acúmulo de dívidas que acabam por comprometer o mínimo necessário para sobreviver. Ainda, essa demanda do superendividamento e a vulnerabilidade das pessoas idosas foi objeto de atenção do Governo Federal no ano de 2021, tendo em vista que ocorreu o lançamento da cartilha “(Super)Endividamento da pessoa idosa”⁵.

De acordo com Lopes (2023), a prevenção do superendividamento entre a população idosa exige uma compreensão profunda das particularidades desse grupo heterogêneo. Isso envolve considerar suas vulnerabilidades e potencialidades, além de uma análise interdisciplinar das causas diretas e indiretas, assim como dos fatores que contribuem para o problema.

O estudo de Doll *et al* (2021), destaca os riscos de endividamento entre pessoas idosas, causados principalmente pela facilidade de acesso ao crédito. A pesquisa intitulada "Propensão ao endividamento de pessoas idosas no RS" entrevistou 406 idosos em diversas regiões do Rio Grande do Sul e revelou que entre 25,1% e 40% dos participantes enfrentam problemas financeiros, variando conforme o grupo analisado. A comparação entre idosos com e sem dificuldades financeiras identificou características sociodemográficas e comportamentais mais prevalentes entre os endividados. Os dados da pesquisa sugerem a importância de implementar ações de orientação econômica e educação financeira específicas para esse público.

2.3.1 Educação Financeira e os Idosos

Pesquisas alertam para o perigo do endividamento e superendividamento impulsionados pela contratação do crédito consignado, em especial para populações mais vulneráveis (Doll; Cavallazzi, 2016). A história econômica do Brasil é marcada pela hiperinflação nos anos de 1980 até o início de 1990. A alta da inflação garantia o lucro das instituições financeiras.

⁵ A cartilha pode ser acessada em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/CARTILHA_SUPERENDIVIDAMENTO.pdf

Em 1994 o país começa um processo de estabilização financeira, o que de certa maneira reduziu a margem de lucro dos bancos, que passaram a explorar o crédito para garantir seus ganhos (Doll; Buaes, 2008). As instituições financeiras passaram a investir em novos nichos financeiros que pudessem garantir e/ou ampliar a margem de lucro.

Desta maneira, o crédito consignado, regulamentado em 2004 e focado em aposentados e pensionistas, vislumbrava a inclusão econômica e bancária da população em geral, particularmente das pessoas com baixa renda. Neste período, a aquisição de diversos produtos financeiros foi facilitada. Observamos que muitos idosos foram vítimas dessas armadilhas financeiras, propiciando um endividamento desta parcela da população (Porto, 2014).

Diante disso, a educação financeira tem sido apresentada como uma alternativa para redução do endividamento e inadimplência das famílias que estão mais suscetíveis. Esta estratégia vem sendo implementada por programas e ações de órgãos como Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e outras instituições financeiras.

Ainda, vários países passaram a debater a temática da educação financeira. Os Estados Unidos foi um dos pioneiros. O Brasil investe em ações e estratégias para desenvolvimento de programas nas escolas, nas universidades e na comunidade em geral (OCDE, 2020). Os níveis de endividamento da população brasileira têm chamado a atenção nos últimos anos. De acordo com o Indicador da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), 41,79% dos adultos brasileiros, ou seja, 68,76 milhões de pessoas, estavam com o nome negativado em maio de 2024. Comparado ao mesmo mês de 2023, o percentual de inadimplentes apresentou uma leve queda de 0,04%. Entre abril e maio de 2024, houve uma redução de 0,82% no número de devedores.

Dito isso, as transformações tecnológicas, a globalização e as mudanças regulatórias e institucionais, são motores que evidenciam a necessidade de educação financeira (Goyal; Kumar, 2021). Podemos compreender a educação financeira como uma ferramenta capaz de potencializar o desenvolvimento de habilidades nos indivíduos para administrar suas finanças, permitindo-lhes fazer escolhas mais acertadas ao longo da vida (Pinheiro, 2008).

Ainda, a OCDE (2005) definiu a educação financeira como um processo pelo qual os consumidores/investidores financeiros qualificam seu entendimento sobre os

produtos financeiros, conceitos e riscos e, por meio de informações, instruções e/ou conselhos objetivos, desenvolvem habilidades e confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiros.

A educação financeira sofreu transformações ao longo do século XX, acompanhando as estruturas sociais. No capitalismo, que historicamente valorizava a venda da força de trabalho e a produção, as etapas da infância e juventude estavam focadas na preparação para o trabalho, já a vida adulta era caracterizada como um período dedicado ao trabalho e a velhice marcada pela saída do mercado de trabalho (Doll; Buaes, 2015). Com aumento da produtividade, o consumo ganhou protagonismo em nossa sociedade. Bauman (2010) definiu essa nova condição como uma sociedade de consumo.

O principal objetivo dessa sociedade “não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: elevar a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis” (Bauman, 2008, p. 76). Quando os indivíduos querem adquirir bens de consumo no mercado, “são atraídos para as lojas pela perspectiva de encontrar ferramentas e matérias primas que podem (e devem) usar para se fazerem ‘aptos a serem consumidos’ – e assim valiosos para o mercado (Bauman, 2008, p. 82)

Nesta sociedade de consumo, os cidadãos têm maior liberdade econômica, sendo instigados a assumir mais responsabilidade frente a suas escolhas, dando margem à culpabilização desses sujeitos (Doll; Buaes, 2015). Diante disso, a necessidade de educação financeira fica ainda mais evidente.

Ademais, a educação financeira passou a ser amplamente discutida, sendo instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) através do Decreto Federal 7.397/2010 (Brasil, 2010, n.p.). Seu objetivo é “contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes”.

No Brasil, há estratégias de educação financeira implementadas para o público jovem, adolescente, idoso e mulheres em situação de vulnerabilidade (Fernandes; Lynch; Netemeyer, 2014; Savoia; Saito; Santana, 2007). A educação financeira sempre foi relevante aos consumidores, para auxiliá-los a gerir a sua renda, a poupar e investir, também a evitar que se tornem vítimas de fraudes. No entanto, sua crescente relevância nos últimos anos vem ocorrendo em decorrência

do desenvolvimento dos mercados financeiros e das mudanças demográficas, econômicas e políticas (OCDE, 2004).

Assim, considerando a transição demográfica em curso nas últimas décadas, os idosos passaram a ser público-alvo recorrente de intervenções de educação financeira para que possam gerenciar seus rendimentos de forma mais segura e consciente. Além disso, a educação financeira implica também em questões sociais. O Conselho Nacional de Previdência, através do site da Previdência Social (2017), observa a relevância da educação financeira para os beneficiários, especialmente os de menor renda.

Nesse sentido, a Secretaria de Previdência, que está vinculada ao Ministério da Economia do Brasil, elaborou o Guia de Educação Financeira para Pessoas Idosas⁶, que objetiva ajudar os aposentados e pensionistas a decidirem de forma mais consciente sobre o consumo, apresentando algumas medidas de proteção. Essa estratégia do governo federal visa reduzir o elevado endividamento de pessoas idosas. Quanto ao conteúdo educativo, apresenta linguagem acessível, abordando conceitos básicos de educação financeira, gestão de benefícios e algumas modalidades de crédito. Menciona ainda a prevenção de golpes, fraudes e práticas abusivas que induzem as pessoas idosas a contraírem empréstimos (Brasil, 2021).

Contudo, a atuação do Estado é bastante sutil sobre a regulação financeira, contribuindo para uma percepção de endividamento alicerçada no descontrole financeiro do indivíduo. Exemplificando a redução de investimentos para fiscalização que possa coibir abusos, como no caso das agências reguladoras existentes no Brasil que, muitas vezes, não protegem adequadamente o interesse público (Saleh; Saleh, 2013; Williams, 2007).

Acrescenta-se que o relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2021) sobre educação financeira no Brasil revela que as campanhas educativas e os programas públicos frequentemente não consideram as necessidades e limitações dos idosos. O documento ressalta que a maioria das políticas públicas de educação financeira é direcionada a jovens e adultos em idade economicamente ativa, deixando de lado as especificidades da população idosa.

O documento mencionado no parágrafo anterior indica que, em 2022, a maioria das iniciativas específicas (66%) foi direcionada ao público geral/adulto,

⁶ O guia pode ser acessado no site oficial da Previdência Social, através do link: <https://encurtador.com.br/0w6wF>.

enquanto em 2023 houve uma mudança, com a maioria (53%) voltada para crianças e jovens. Menos de 2% das iniciativas tiveram como foco outros segmentos de público-alvo, como mulheres, idosos, pessoas endividadas, em situação de vulnerabilidade, de baixa renda, PCD, indígenas, migrantes e refugiados (ENEF, 2023). São a cada dia mais urgentes ações de educação financeira acessíveis à diversidade de pessoas envelhecidas.

Nesse sentido, o estudo realizado por Buaes (2011) revela, a partir de uma intervenção educativa de educação financeira com mulheres idosas oriundas de contexto popular da cidade de Porto Alegre-RS, que a construção coletiva de significados potencializa a ampliação da leitura do mundo das pessoas, através das conexões conceituais fundadas no diálogo e no respeito, na reciprocidade e colaboração. Essa intervenção abordou o uso do dinheiro e do crédito consignado.

Já a pesquisa de Hollerweger (2018) discutiu o uso das tecnologias digitais como ferramentas para atualização e acesso a informações sobre educação financeira na Internet. A proposta foi realizada com o grupo da Unidade de Inclusão Digital de Idosos (UNIDI) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). A pesquisa objetivou analisar de que forma as tecnologias digitais podem auxiliar na educação financeira de pessoas idosas que possuem familiaridades com computadores. Refletindo sobre essas duas experiências de educação financeira implementadas com idosos, questionamos se os modelos usualmente implementados contemplam pessoas idosas que se encontram em situações de diferentes vulnerabilidades.

O estudo de Pinto; Hollerweger (2024) menciona que o idoso no Brasil desempenha vários papéis na sociedade e, como possui renda fixa, é um consumidor potencial, tornando essencial discutir a educação financeira no contexto do envelhecimento populacional. A pesquisa investiga como a educação financeira tem sido abordada em relação ao envelhecimento nos últimos anos, analisando publicações disponíveis no Portal de Periódicos Capes. Com uma abordagem qualitativa, através de uma revisão bibliográfica, o estudo sugere que a educação financeira deve ser reconsiderada devido ao aumento da expectativa de vida. Assim, é fundamental revisar os parâmetros econômicos, sociais e midiáticos para garantir os direitos dos idosos e sua participação ativa na sociedade.

Ainda, Doll; Pinto (2024) mencionam que a situação financeira dos idosos no Brasil é similar à da população em geral, devido aos ajustes nas aposentadorias pela

Constituição de 1988, que garantiram uma renda estável. Contudo, o endividamento entre os idosos tem aumentado, especialmente devido ao assédio das instituições financeiras para a concessão de crédito consignado. O trabalho analisa as abordagens atuais de educação financeira para esse grupo, considerando-a uma tecnologia social que pode melhorar a qualidade de vida dos idosos endividados. Os resultados destacam a necessidade de refletir sobre renda, despesas e planejamento financeiro, além de considerar o contexto social e cultural dos idosos e as formas adequadas de comunicação com estes.

Portanto, as propostas de educação financeira no contexto brasileiro devem levar em consideração as múltiplas facetas do envelhecimento heterogêneo e os atravessamentos das desigualdades sociais historicamente presentes.

3 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Eu reconheço que eu sou um homem feioso
e que a feiura caiu por cima de mim.
Tenho no peito um coração amoroso
e a bonitona que me quiser é assim.
Se eu descobrir que me amas com firmeza,
talvez uns tempo nós possa viver juntinhos,
dai sou eu quem desfruta esta beleza,
e tu desfruta a minha feiura e o meu carinho⁷.

3.1 PESQUISA INTERVENÇÃO

A presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa, objetivando construir e implementar uma proposta de educação financeira para e com os quilombolas envelhecidos de Palmas, Bagé-RS. A escolha pela abordagem qualitativa foi motivada pelo sentido subjetivo e relacional da realidade social, sendo tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (Minayo, 2013).

A pesquisa-intervenção é uma das tendências das pesquisas participativas que tem como objetivo investigar a vida de grupos em sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico (Aguilar, 2003; Rocha, 1996, 2001). Rodrigues; Souza (1987) evidenciam que a pesquisa-intervenção representa uma crítica à política positivista de pesquisa

A antiga proposta lewiniana vem sendo ressignificada à luz do pensamento institucionalista: trata-se, agora, não de uma metodologia com justificativas epistemológicas, e sim de um dispositivo de intervenção no qual se afirma o ato político que toda investigação constitui. Isso porque na pesquisa-intervenção acentua-se todo o tempo o vínculo entre a gênese teórica e a gênese social dos conceitos, o que é negado implícita ou explicitamente nas versões positivistas 'tecnológicas' de pesquisa" (Rodrigues; Souza, 1987, p. 31).

No que diz respeito ao surgimento da pesquisa-intervenção e à criação de sua abordagem particular no Brasil (Saidon; Kankahagi, 1987), é possível perceber a influência do institucionalismo francês nos anos 1960 e do movimento latino-americano nas décadas posteriores, como contextos nos quais ela se estabelecerá como uma ação ético-estético-política.

⁷ Música que idosos quilombolas cantaram com ajuda de violão em ocasião de visita. A canção se intitula "Não Sou Convencido" de Gildo de Freitas. A letra completa pode ser acessada em: <https://www.lettras.mus.br/gildo-de-freitas/1159517/>.

O desenvolvimento da pesquisa-intervenção promove uma mudança significativa nos métodos tradicionais de pesquisa, enriquecendo as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas. Essa abordagem busca transformar a realidade sócio-política através de intervenções de natureza micropolítica na experiência social. O foco principal está na adoção de uma postura de pesquisa que intensifica a noção de interferência na relação entre sujeito e objeto de estudo, entendendo que essa interferência não deve ser vista como um obstáculo nas pesquisas sociais, mas sim como um elemento essencial para a produção de conhecimento (Santos, 1987; Stengers, 1990).

A investigação evidencia, portanto, sua capacidade disruptiva em relação às práticas e discursos estabelecidos, incluindo aqueles considerados científicos, trocando a abordagem "conhecer para transformar" por "transformar para conhecer" (Coimbra, 1995). Dessa forma, é possível ressaltar, para o desenvolvimento da pesquisa-intervenção, referências significativas como uma determinada visão de indivíduo e coletividade, de autonomia e de práticas de liberdade e de ação transformadora.

3.2 O MÉTODO CARTOGRÁFICO

O método de trabalho/pesquisa deve retratar os caminhos percorridos pelo pesquisador. Optei pelo método cartográfico que fundamenta a imersão no campo da pesquisa qualitativa e propõe uma relação entre a pesquisadora e os participantes, permitindo a exploração e a investigação sem seguir um percurso linear em direção a um objetivo específico (Kastrup, 2015). Esse trajeto, que pode se desviar de planos iniciais, apresenta indicações que orientam o trabalho da cartógrafa e promovem a coletivização na produção da pesquisa.

É importante destacar que esse modo de pesquisa, desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995), é comparado a "um mapa com múltiplas entradas", em contraste com um decalque que sempre retorna ao mesmo ponto. Para os autores, um mapa se refere a uma performance, enquanto o decalque implica uma suposta "competência". Por isso, é essencial evitar regras limitadoras, pois o decalque sugere uma imagem estática, enquanto o mapa nos permite conectar, construir e reconstruir a pesquisa.

Dito isso, a trajetória da pesquisa foi inspirada nas pistas do método cartográfico, considerando que o presente estudo é caracterizado como uma pesquisa-intervenção. Destacamos que a primeira pista para orientar o método cartográfico como pesquisa-intervenção é renunciar a objetivos pré-definidos, permitindo que o campo de pesquisa supere nossas hipóteses iniciais e revele novos caminhos a serem explorados, apontando direções inesperadas.

Além disso, a segunda orientação para o método cartográfico enfatiza a importância da “atenção” da cartógrafa durante a pesquisa de campo, um aspecto que não se limita a coletar informações, mas envolve a produção ativa dos dados. Para Kastrup (2015, p. 49), essa “atenção cartográfica” é um processo que pode ser cultivado em um território de observação, acessando elementos processuais a partir desse espaço, acompanhando seu ritmo e dinâmica. Nesse contexto, renunciar a metas previamente definidas não significa falta de foco; a cartógrafa mantém uma atenção concentrada e não seletiva na temática e no propósito de mapear.

Assim, optar pela política das narrativas também orienta a construção do método, posicionando o/a pesquisador/a no campo como alguém que intervém e produz conhecimento, e não apenas como um coletor de informações. A investigação, portanto, exige mais do que a busca por dados: implica em reconhecer que o território já está vivo e em processo. A participação na vida que se desenrola no campo de pesquisa – seja como observador/a participante ou apenas observador/a – demanda convivência, contatos e disponibilidade para se envolver nas atividades do grupo e em sua rede de relações.

Conforme os movimentos da pesquisa cartográfica se desenrolam, é essencial que o/a pesquisador/a se envolva e reflita, renunciando à neutralidade. Mesmo sendo um/a estrangeiro/a no campo, ele/a deve captar as sutilezas do cotidiano para compreender a dinâmica das políticas intersetoriais. Para registrar essas e outras observações, o diário da cartógrafa se torna indispensável, servindo para relatar as memórias do campo, fragmentos do dia a dia, leituras e vivências que, pela escrita, se transformam em conhecimento. Esse diário é a base para a redação da tese e a produção dos materiais de análise, convertendo experiências individuais em potenciais contribuições coletivas.

A construção do território da pesquisa, comparável a um mapa, coloca o/a pesquisador/a na posição de aprendiz em um local desconhecido, necessitando estar receptivo/a às experiências do campo. Ainda que já tenha passado por locais

familiares, é essencial manter-se aberto/a às novas impressões. No método cartográfico, as fases da pesquisa se entrelaçam e se sustentam ao longo de todo o processo, estendendo-se até as etapas de análise, redação e publicação dos resultados (Kastrup, 2015).

Portanto, na cartografia, a ideia de sentido não é determinada pela frequência de suas ocorrências, mas pela capacidade criativa das experiências e pela atenção voltada aos problemas que surgem. Kastrup (2015,p.46) destaca o que ela chama de “quatro formas de atenção do cartógrafo”: rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento.

Importante destacar que a análise não está restrita a momentos específicos, porque essas formas de atenção se manifestam ao longo de toda a pesquisa. A construção do conhecimento ocorre não necessariamente pelo domínio ou pela duração no campo, mas pela disposição de seguir o ritmo e se deixar levar pelas experiências do território investigado. Assim, a cartografia é, por natureza, fluida, mas ainda assim direcionada, propondo um caminho que estabelece metas e resultados ao longo do processo. Além disso, promove encontros que geram novos conhecimentos, incluindo aqueles que não se expressam facilmente em linguagem ou que desafiam seus significados.

Durante esse percurso de descoberta, escolhas e tomada de decisão na construção da presente pesquisa, percebo que atuar como docente na escola localizada no entorno do território quilombola permitiu que vivenciasse um fluxo contínuo de reflexões sobre como as desigualdades cumulativas acabam por influenciar o processo de envelhecimento nesta comunidade.

O envelhecimento da comunidade quilombola implica diretamente no funcionamento da escola, tendo em vista que, a cada ano, o número de alunos vem reduzindo. Muitas vezes recebemos notícias de que nossos ex-alunos optaram por migrar para a zona urbana em busca de melhores condições de acesso à saúde, trabalho, educação, moradia, mobilidade e “qualidade de vida”.

Há alguns anos observo que as pessoas idosas quilombolas são as que mais resistem a deixar este território, mesmo que muitas vezes encontrem condições adversas de permanência no campo. Como, por exemplo, uma renda insuficiente para atender às necessidades básicas, a redução dos dias de funcionamento do transporte público, as condições precárias das estradas rurais, o sucateamento da

frota dos veículos escolares, a ausência ou baixa periodicidade de serviços médicos, apesar da presença de uma unidade de saúde na localidade.

Assim como no passado colonial, a identidade quilombola se constrói, ainda atualmente, como uma identidade de luta e resistência: antes contra a captura e a escravidão; hoje contra a invisibilidade e a negação da existência desses sujeitos enquanto quilombolas (Furtado; Sucupira; Alves, 2014, p. 112)

Ainda, o papel social das pessoas envelhecidas no quilombo tem um forte apelo histórico. Elas são consideradas a memória viva do seu povo, a saber, que a tradição oral é um dos pilares destas comunidades. Miranda (2009, p. 32) menciona que “a memória constitui-se como elemento de significativa importância para a reconstituição do processo histórico desses remanescentes”.

Por conseguinte, não seria possível traçar a rota inicial da pesquisa sem considerar que o envelhecimento nesta comunidade quilombola é atravessado por desigualdades cumulativas enfrentadas ao longo da vida. O que não apaga ou silencia a riqueza histórico cultural do processo de envelhecimento neste contexto.

A pesquisa foi corporificando ao longo do curso de doutorado. Pesquisar, neste caso, não foi um ato solitário, bem pelo contrário, compartilhei inquietudes, alegrias, frustrações, escolhas de novas rotas com grupo de pesquisa e com o orientador, que foi preciso em suas falas e considerações, possibilitando que a pesquisa se tornasse orgânica e rizomática. Ouso dizer que aprendemos juntos em perspectivas diferentes, porém emancipatórias.

Contudo, as direções iniciais problematizaram o envelhecimento quilombola, os atravessamentos das desigualdades e as implicações destas no bem estar das pessoas idosas. Considerando que vivemos a Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030)⁸, que propõe construir uma sociedade inclusiva para todas as idades, unindo esforços de governos, sociedade civil, agências internacionais, profissionais, academia, mídia e setor privado para melhorar a vida de idosos, suas famílias e comunidades (OPAS, 2021).

⁸ Iniciativa declarada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em dezembro de 2020.

3.3 COMPARTILHANDO A ROTA

A investigação teve duração de 16 meses (junho 2023/outubro 2024) e foi desenvolvida em três fases. Na primeira fase foi realizado o “Mapeamento sócio demográfico” com aplicação da entrevista semiestruturada com quilombolas com idade acima de 55 anos, realizada presencialmente pela pesquisadora no Rincão dos Alves, Campo do Seu Ourique, Rincão da Pedreira e Rincão do Inferno.

Já a segunda fase, intitulada “Entre realidades e possibilidades”, versou sobre a análise dos dados produzidos na etapa anterior e o planejamento da intervenção. A mesma visou identificar pistas, possibilidades, limitações para a construção da intervenção.

A terceira fase, nomeada de “A tecnologia que assedia e também ensina” consistiu na implementação da intervenção. A mesma foi composta por três etapas: vinculação dos podcasts “Dinheiro no Campo”, “Para além de ouvintes” – que consistia em entrevistas por vídeo chamada para resgatar as impressões sobre os podcasts exibidos na rádio comunitária – e as “Nossa Memórias”, que foi uma roda de conversa mediada por problematizações com os participantes na pesquisa retomando os conceitos trabalhados no podcast.

3.4 CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa possui natureza empírica, tendo como base um estudo de intervenção com 17 participantes, homens e mulheres, com idade entre 61 e 85 anos, com até seis anos de escolaridade que residem no Rincão da Pedreira, Rincão do Inferno, Campo do Seu Ourique e Rincão dos Alves na zona rural denominada de Palmas na cidade de Bagé-RS.

A caracterização da amostra se apoiou nas informações contidas no Relatório Sócio, Histórico e Antropológico da Comunidade Quilombola de Palmas, Bagé-RS. A pesquisadora teve acesso ao documento através do atual presidente da Associação das Comunidades Quilombolas Rurais de Palmas, senhor Leomar Alves.

3.4.1 Considerações geográficas

Conforme levantamento demográfico mais recente, realizado em 2022, a cidade de Bagé possui 214 indivíduos que se autodeclaram como quilombolas, dos quais 59 residem em regiões oficialmente reconhecidas como quilombolas e 155 habitam fora dessas áreas delimitadas, representando 0,18% da população local (IBGE, 2022).

A comunidade quilombola de Palmas está situada ao norte de Bagé, integrando o Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDES) da Campanha. Seus limites municipais são: ao norte, com Lavras do Sul e Caçapava do Sul; ao sul, faz fronteira com o Uruguai; a leste, limita-se com Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota; e a oeste, com Dom Pedrito e o Uruguai. As principais estradas que dão acesso à região incluem as rodovias BR 153, BR 293 e BR 290.

Em relação à medida local, os grupos populacionais do Quilombo de Palmas, que incluem Rincão dos Alves, Rincão da Pedreira, Campo do Sr. Ourique Ribeiro (Campo do Ourique) e Rincão do Inferno, estão situados ao norte de Bagé, ao sul do rio Camaquã, a leste do arroio Palmas e a oeste da BR 153. Para acessar a região, deve-se seguir pela rodovia BR 153, atravessar a ponte sobre o rio Camaquã em direção ao sul do estado e, em seguida, virar à direita na primeira estrada vicinal. A distância total é de aproximadamente 295 km de Porto Alegre até a entrada da estrada vicinal, além de mais 14 km até chegar à porteira que dá acesso ao Rincão dos Alves (RTDI, 2007).

A população afrodescendente do quilombo de Palmas, situado em Bagé, vive em uma área rural e é composta por cerca de 20 a 25 famílias. Essa região está próxima aos municípios de Caçapava do Sul, Lavras e Santana da Boa Vista. O solo é rochoso e acidentado, apresentando terrenos em declive, especialmente nas imediações do Rincão do Inferno e do vale do Rio Camaquã-Chico. Por essa razão, os negros e seus descendentes conseguiram autorização para ocupar essas terras, que são consideradas inadequadas para a agricultura em larga escala ou familiar (RTDI, 2007). Isso, tendo em vista que essas terras possuem relevo bastante acidentado, rochoso, de modo que a grande quantidade de pedras no solo dificulta o cultivo.

3.4.2 Considerações históricas

Segundo o documento mencionado, é possível entender essas mudanças territoriais em um contexto de transformações profundas, com vulnerabilidades e incertezas em um cenário social e cultural marcado pela escravidão, exclusão e falta de direção no período pós-abolição. Esse processo ocorre, principalmente, por meio do trabalho, que gera novas formas de organização “descoladas do território” e que depois se “reconstituem como estruturas mecânicas de corpos e grupos de comunicação,” como evidenciado nas lutas quilombolas pelo direito à terra. Quilombolas, deslocados majoritariamente por motivos políticos e econômicos, foram social e economicamente marginalizados, experimentando diversas maneiras de se desvincular de seus territórios. Contudo, para os quilombolas, essas desvinculações são, também, um esforço contínuo para permanecer nos locais de origem .

A deslocalização, ou processo de deixar o território, representa uma ação de evasão. Esse fenômeno gera diferentes cenários, pois a deslocalização pode ser seguida por uma realocização, o que neutraliza o movimento de fuga. De acordo com Deleuze e Guattari (1997, p. 224), “qualquer elemento pode representar uma realocização, como um objeto, um livro, um dispositivo ou sistema”

Diante da resistência de serem obrigados a ocupar espaços sem identidade – locais que, segundo Augé (1999), recebem temporariamente pessoas forçadas ao deslocamento por razões de emprego, pobreza, guerra ou intolerância–, quilombolas e comunidades negras enfrentam constantes processos de perda de identidade territorial, mas continuam a lutar por sua ligação com o lugar. Para Augé (1999, p. 134), o local representa “o espaço do ‘em casa’, onde a identidade é compartilhada e reconhecida por aqueles que habitam juntos”.

Na comunidade quilombola de Palmas, a terra é um recurso essencial para a sobrevivência e continuidade da vida comunitária, desempenhando papel fundamental na formação da identidade étnica e organização social. Como destaca Munanga, a terra é também um meio de subsistência econômica e mantém as tradições culturais que vinculam a comunidade aos desafios diários do mundo contemporâneo (RTDI, 2007).

Em Palmas, o desafio é preservar o “espaço da identidade compartilhada” (RTDI, 2007) e resistir às apropriações territoriais impostas pela força e opressão

política. Anjos (2006, p. 46) afirma que a atuação territorial resgata a história ao reconhecer uma origem comum que “define fronteiras, liga o passado ao presente e une um grupo por sua ancestralidade”.

As fronteiras se manifestam nas pequenas aldeias, nos locais antigos de interação social, nas narrativas, nos muros de pedra e arame, nos campos cultivados, áreas de coleta, locais de culto e nos caminhos que conectam as famílias (RTDI, 2007).

A região quilombola de Palmas é formada por quatro núcleos: Rincão dos Alves, Rincão da Pedreira (Campo da Rita), Campo de Ourique e Rincão do Inferno. Estes são territórios negros unidos por uma identidade social e histórica herdada do final da escravidão. Esse vínculo se reflete em uma história compartilhada, tradições e saberes acumulados desde o período pós-abolição até o presente. É importante destacar que os relatos dos moradores sobre suas origens estão conectados ao fim do sistema escravista e às transformações após a abolição, em meio a conflitos e guerras, popularmente conhecidas como “revoluções” (RTDI, 2007).

3.4.3 O Rincão dos Alves

É um dos primeiros locais estabelecidos pela comunidade e guarda histórias que remontam ao casal Antonico Maria Alves e Margarida Sabóia, considerados os ancestrais mais antigos reconhecidos pela comunidade. Conforme relatos familiares, Antonico se fixou na região de Palmas vindo da Banda Oriental (Uruguai) (RTDI, 2007).

Ainda, no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID, 2007), sobre as origens da comunidade quilombola do Rincão dos Alves, há histórias de que Margarida Sabóia teria sido escrava da família Simões Pires, que possuía grandes propriedades em Palmas e era descendente dos primeiros colonizadores de Bagé.

A tradição quilombola conta que Antonico a “roubou” da senzala onde vivia, decidindo levá-la consigo para o Uruguai, contrariando a vontade dos antigos proprietários. A expressão “roubada” reflete essa passagem.

A ideia de que Antonico e Margarida já eram casados é reforçada pelo nascimento do primeiro filho, Lourival Maria Alves, em 1879. Há indícios de que Margarida tenha continuado com os Simões Pires mesmo após a abolição.

A compra de terras por Antonico, comprovada por documentos, pode ter sido apoiada por algum líder local de Palmas.

3.4.4 O Rincão da Pedreira

É outro local importante da comunidade quilombola de Palmas, onde reside a família descendente de Rita Soares de Freitas. Os ancestrais mais remotos desse grupo familiar incluem Procópio Soares de Freitas e Balbino Soares de Freitas, conhecidos hoje como o tronco familiar dos Soares (RTDI, 2007).

3.4.5 Campo do Seu Ourique

A ocupação da área conhecida como campo do Seu Ourique é fruto da história vivida pelos pais de Assunção Ribeiro e Dona Tila. Assim como muitos descendentes de escravos que não possuíam terras, esse casal dedicou anos de trabalho em fazendas, ranchos e sítios após a abolição da escravidão. Há cerca de 65 anos, conseguiram autorização para ocupar a parte traseira de uma fazenda que anteriormente pertencia a Maria do Carmo e Antenor Simões Pires. Antes de se fixarem nas terras atuais de Ourique, os pais de Assunção já mantinham vínculos com a família de Maria do Carmo e Antenor Simões Pires, pois Assunção Ribeiro trabalhava para eles e chegou a arrendar terras da família por um período (RTDI, 2007).

3.4.6 O Rincão do Inferno

Segundo o RTDI (2007), as narrativas sobre a ocupação do Rincão do Inferno contam a história de um casal de negros e das dificuldades que enfrentaram após a abolição da escravidão, antes de se estabelecerem na região. Nélio Marques Franco e Maria Conceição Marques Franco, que não tinham terras próprias, trabalhavam em fazendas em várias localidades, realizando serviços precários e complementando a renda com a produção de carvão. Sua filha, Onélia Marques

Franco, de 85 anos e moradora do Rincão do Inferno, relembra a vida de seus pais antes de se fixarem nesta área.

3.5 CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

O critério de inclusão para participar da pesquisa foi ser morador da comunidade quilombola de Palmas, Bagé-RS, aposentado com idade igual ou superior a 55 anos. Quanto ao critério de exclusão, manifestar desejo de abandonar a pesquisa a qualquer tempo.

3.6 RECONHECIMENTO DO CAMPO

Trabalhei por sete anos na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Simões Pires, que fica no entorno da comunidade quilombola. A mesma atende alunos que residem nesta comunidade. Mantenho uma relação de respeito, diálogo e parceria com todos.

3.7 APROXIMAÇÃO E ABORDAGEM DOS PARTICIPANTES

A estratégia para convidar as pessoas idosas a participarem da pesquisa foi visitar os Rincões, acompanhada de um guia residente na comunidade, sendo reservado um dia para visitar cada localidade.

3.8 IDENTIFICAÇÃO DAS PARTICIPANTES

Cada participante recebeu um codinome que serviu de identificação no estudo, mantendo sua identidade preservada, caso fosse seu desejo. Contudo, os participantes tiveram a liberdade de não manter o anonimato do nome, conforme aspectos éticos da Resolução 466/2012 e 510/2016. Os codinomes foram compostos pelo nome da localidade e a numeração. Exemplos: Rincão da Pedreira 01, Rincão dos Alves 02, Rincão do Inferno 03, Campo do Seu Ourique 04.

3.9 INSTRUMENTOS USADOS PARA PRODUÇÃO DE DADOS: OBSERVAÇÕES, ENTREVISTAS E INTERVENÇÃO EDUCATIVA

A seguir apresentamos uma descrição de cada etapa da pesquisa, assim como os respectivos instrumentos utilizados para produção dos dados. Destaco que o diário de campo foi utilizado em todas as fases.

4 INDO A CAMPO

Esta fase foi desenvolvida no mês de junho de 2023. Como instrumento de produção de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada com 30 perguntas (Apêndice C), com o objetivo de analisar onde e como as pessoas aprenderam a lidar com o dinheiro, gastos e consumo dos sujeitos quilombolas envelhecidos da comunidade Palmas, Bagé-RS. O instrumento foi adaptado aos objetivos e ao referencial teórico utilizado nesta pesquisa.

A entrevista continha 30 questões, desenvolvida em dois eixos. O primeiro eixo possui 16 (dezesesseis) perguntas de múltipla escolha, com o objetivo de avaliar a situação sociodemográfica (gênero, idade, escolaridade, arranjos familiares). O segundo eixo possui 13 (treze) perguntas de múltipla escolha, visando analisar a educação financeira dos quilombolas envelhecidos da comunidade de Palmas em Bagé no Rio Grande do Sul.

Nesta primeira etapa, intitulada de mapeamento sócio demográfico, não foi necessário que os respondentes se identificassem. O anonimato foi garantido e o cabeçalho do formulário solicitou o Consentimento Livre e Esclarecido. Contudo, ao final da entrevista, o participante foi convidado para a segunda etapa da pesquisa. No caso de concordância, poderia se identificar deixando seu contato em um campo aberto, meio pelo qual recebeu o convite para a próxima etapa.

A entrevista foi disponibilizada em formato físico. Antes do envio aos participantes da pesquisa, foi realizado um pré-teste com três pessoas idosas. A partir desse retorno, foi realizada a avaliação do instrumento e as adequações necessárias. O objetivo foi identificar as fragilidades do instrumento.

A aplicação da entrevista foi realizada presencialmente. As pessoas idosas foram abordadas durante a visita da pesquisadora à comunidade. Considerando as possíveis dificuldades com a leitura e a escrita, a pesquisadora se disponibilizou a preencher a entrevista. Os dados produzidos foram tratados e interpretados antes do início da segunda fase da pesquisa.

Antes de responder às questões, os participantes foram esclarecidos e informados sobre os objetivos da pesquisa e os procedimentos utilizados, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que consta no (Apêndice A). O TCLE foi construído a partir das orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, conforme exposto no Ofício Circular n.º

2/2021/CONEP/SECNS /MS, de 24 de fevereiro de 2021. Informo que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e o parecer está sob número CAAE 68610123.1.0000.5347.

O documento explicitou os possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, como o risco da quebra da privacidade e da confidencialidade das informações prestadas.

Reitero ainda que todas as interações foram anotadas em um diário de campo, onde estão registrados detalhes sobre o comportamento e as atividades desenvolvidas com cada um(a) dos(as) integrantes, em cada encontro, incluindo reflexões e *insights* que ultrapassam a superfície. Os dados presentes no diário também foram de grande valia para a avaliação e conclusões.

4.1 MAPEAMENTO DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO - 1ª FASE

A seguir, apresentaremos um breve relato das visitas realizadas nos Rincões que compõem a comunidade quilombola de Palmas, Bagé-RS. As visitas foram mediadas pelos guias da comunidade que foram apresentando cada território. O papel deles foi extremamente relevante para compreender o cotidiano dos moradores do quilombo. Os codinomes dos guias foram escolhidos pelos mesmo. Optei por realizar todos os trajetos das visitas caminhando e conversando com os guias.

Quadro 1 - Visitas realizadas nos Rincões

Localidade	Data	Turno	Guias	Ponto de partida	Quantidade de visitas
Rincão da Pedreira	27/06/2023	manhã	Baitaca, Beatriz e Luísa	Final da linha escolar da Pedreira	4 visitas
Campo do Seu Ourique		tarde	Beatriz e Luísa	Estrada que dá acesso ao Rincão da Pedreira	2 visitas
Rincão dos Alves	28/06/2023	manhã	Maria	Armazém do Vanderlei	6 visitas
Rincão do Inferno	29/06/2023	manhã	Went e Soares	Entrada do Rincão do Inferno	4 visitas

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

4.1.1 Visitas ao Rincão da Pedreira

PRIMEIRO DIA DE VISITAS

Localidade: Rincão da Pedreira

Data: 27/06/2023

Turno: manhã

Guias: Baitaca, Beatriz e Luísa

Ponto de partida: final da linha escolar da Pedreira

Objetivando preservar a identidade dos entrevistados segue abaixo o **Quadro 2**, com a ordem das visitas, codinome, idade e escolarização das pessoas entrevistadas:

Quadro 2 - Visitas no Rincão da Pedreira

Ordem das visitas	Codinome	Idade	Escolarização
Primeira visita	Rincão da Pedreira 01	77 anos	Não alfabetizado
Segunda visita	Rincão da Pedreira 02	66 anos	Não alfabetizado
Terceira visita	Rincão da Pedreira 03	62 anos	3 série
Quarta visita	Rincão da Pedreira 04	71 anos	4 série
	Rincão da Pedreira 05	65 anos	5 série

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 2 - Visão que temos ao chegar na entrada do Rincão da Pedreira



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

PRIMEIRA VISITA

Começo a primeira visita pela casa do Sr. **Baitaca** (guia), de 56 anos, que ainda não se aposentou e atualmente está afastado do trabalho, recebendo auxílio-doença. Apresento a proposta a ele, que, por sua vez, me apresenta sua mãe, **Rincão da Pedreira 01**, de 77 anos. A residência deles fica distante cerca de 800 metros. Converso com **Rincão da Pedreira 01** e sua neta de 24 anos, que passa temporadas com ela.

A propriedade é composta por uma casa tradicional quilombola, construída em barro e madeira, além de uma casa de alvenaria, fruto de programas sociais de habitação. A casa dispõe de eletricidade e água, sendo esta última retirada de uma cacimba. A moradia é bastante simples. **Rincão da Pedreira 01** compartilhou que nunca administrou seu próprio dinheiro. Quando casada, o marido cuidava da renda familiar e, após o falecimento dele, essa responsabilidade passou para sua nora, que gerencia sua aposentadoria.

Ela ainda está pagando um empréstimo consignado, feito para “comprar um carro para a família se locomover”, dada a distância e a dificuldade do terreno, que é

muito acidentado e inclui lombadas que dificultam o deslocamento até para os mais jovens. Ela relata que a aposentadoria vem com muitos descontos e, por isso, economiza ao máximo para que o dinheiro seja suficiente para as necessidades básicas. No entanto, eventualmente falta, especialmente para comprar medicamentos. **Rincão da Pedreira 01** ficou um pouco envergonhada por não ser alfabetizada. Quando informei que eu poderia ler e anotar as respostas, ela se sentiu aliviada. Compra utilizando prestações. Faz suas compras na cidade (sua nora faz). Está organizando uma horta para complementar a alimentação.

Figura 3 - Casa do Rincão da Pedreira 01



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

Figura 4 - Entrevista Rincão da Pedreira 01



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

SEGUNDA VISITA

Após caminhar aproximadamente 1,5 km, acompanhada pelas guias Beatriz e Luísa, passando por uma subida bastante íngreme e atravessando um arroio de águas baixas, abordamos **Rincão da Pedreira 02**, de 66 anos. Ele vive sozinho, e seu único meio de locomoção é o cavalo. Relata problemas de saúde, como gordura no fígado, pressão alta e colesterol alto, o que impacta sua renda devido aos custos com medicamentos.

Rincão da Pedreira 02 não sabe dizer exatamente como aprendeu a lidar com dinheiro, mas foi se adaptando às suas necessidades. Costuma fazer compras a prazo e, como realiza compras na cidade, depende de vizinhos que trazem os produtos para ele ou paga para que o dono de um armazém local entregue suas compras mediante um valor pelo deslocamento. Comenta que assiste na televisão sobre os altos juros cobrados em empréstimos. Ele vai à cidade uma vez por mês.

Sua propriedade conta com uma casa de alvenaria e uma construção quilombola ao fundo. Há também um espaço de horta, atualmente desativado, pois perdeu o período ideal para o plantio.

Figura 5 - Rincão da Pedreira 02



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

TERCEIRA VISITA

Após caminhar cerca de 300 metros, encontramos **Rincão da Pedreira 03**, de 62 anos. Ele vive com a esposa e os filhos. **Rincão da Pedreira 03** conta que aprendeu a lidar com dinheiro de forma autodidata, pagando as contas conforme surgiam. Diz que só recorreria a um empréstimo em caso de necessidade. Explica que não consegue poupar nada de sua renda, mencionando que os juros são altos e que, segundo ele, os bancos nem sempre cumprem o que prometem — as condições acordadas verbalmente costumam mudar no papel.

Rincão da Pedreira 03 relata que sua renda é suficiente apenas para o básico, exigindo bastante economia. Ele mantém uma horta e alguns animais para consumo próprio e gerencia o dinheiro da família. Costuma fazer compras na cidade e possui um carro (um Fusca), que utiliza tanto para transporte de alimentos quanto para locomoção da família. Utiliza prestações em compras mais caras.

Figura 6 - Rincão da Pedreira 03



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

QUARTA VISITA

Começamos a fazer o caminho de retorno para a estrada principal. Na saída do Rincão da Pedreira encontramos mais uma casa com pessoas idosas acolhedoras e dispostas a participar da pesquisa. Conversamos um pouco sobre as

dificuldades de mobilidade dentro do território quilombola devido ao terreno com bastante aclives. Fomos convidadas a entrar a realizar a entrevista.

Rincão da Pedreira 04, de 71 anos, relata que tenta manter algum dinheiro guardado realizando um controle rigoroso de suas contas. Ele também menciona que fez um empréstimo para adquirir um colchão de massagem para aliviar as dores nas costas. Relata, ainda, que gasta bastante com medicamentos para diabetes, pressão alta e problemas cardíacos. Além disso, cita que cria alguns animais para consumo, visando melhorar sua alimentação.

Figura 7 - Rincão da Pedreira 04



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

Nesta mesma residência também entrevistamos o participante **Rincão da Pedreira 05**, de 65 anos, que contou que já fez um empréstimo para ajudar a filha. Menciona também que foi muito difícil sair das dívidas. Relata que a utilização de medicamentos para problemas cardíacos, pressão alta, artrite e desgaste nas articulações acabam por comprometer a renda da família. **Rincão da Pedreira 05** fica bastante emocionada ao lembrar que o primeiro dinheiro que administrou foi

proveniente do Bolsa Família. Antes de ficar viúva, seu marido controlava as finanças da casa, mas após sua morte, tudo mudou e ela herdou o comando de sua vida financeira. Hoje tem seu próprio dinheiro e toma suas próprias decisões, sempre opta por comprar a prazo.

Figura 8 - Rincão da Pedreira 05



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

4.1.2 Visitas ao Campo do Seu Ourique

PRIMEIRO DIA DE VISITAS

Localidade: Campo do Seu Ourique

Data: 27/06/23

Turno: Tarde

Guia: Beatriz e Luísa

Ponto de partida: Estrada que dá acesso ao Rincão da Pedreira.

Objetivando preservar a identidade dos entrevistados, segue abaixo o Quadro 03, com a ordem das visitas, codinome, idade e escolarização das pessoas entrevistadas:

Quadro 3 - Visita no Campo do Seu Ourique

Ordem das visitas	Codinome	Idade	Escolarização
Primeira visita	Campo do seu Ourique 01	74 anos	Não alfabetizado
Segunda visita	Campo do seu Ourique 02	84 anos	3 série

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

PRIMEIRA VISITA

Após percorrer cerca de 2 km, encontramos **Campos do Seu Ourique 01**, de 74 anos, na casa de sua filha. **Campos do Seu Ourique 01** reside a aproximadamente 1 km do local onde foi abordada. Ela não gerencia sua aposentadoria, pois seu filho atua como seu procurador. A mesma realiza compras a prazo e atualmente está pagando um empréstimo. Relata que sua renda é suficiente apenas para as necessidades básicas. Seu filho é responsável pela compra de alimentos e medicamentos. **Campos do Seu Ourique 01** menciona que os custos com medicamentos têm um peso significativo nas contas no final do mês.

Figura 9 - Campos do Seu Ourique 01

Fonte: Acervo digital da autora (2024)

SEGUNDA VISITA

Após percorrer 500 metros, encontramos **Campo do Seu Ourique 02**, de 84 anos, que mora com sua esposa, também de 84 anos, que não se declara quilombola, além de seus filhos. A residência é de alvenaria e está associada a uma construção tradicional quilombola. Ele se mostra bastante lúcido e brincalhão. Relatou que muitos momentos de dificuldades financeiras foram enfrentados e já foram feitos empréstimos. Menciona que sua renda não é suficiente para cobrir o básico, mas ele vai levando a vida. Possui animais para consumo, além de uma horta e um pomar implantado pela Embrapa de Pelotas. Sua esposa ainda trabalha na terra, e a administração da renda fica a cargo de sua filha. O senhor **Campo do Seu Ourique 02** só sai de casa quando consegue carona, pois já não tem vigor físico para grandes caminhadas.

Figura 10 - Campo do seu Ourique 02



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

4.1.3 Visitas no Rincão dos Alves

SEGUNDO DIA DE VISITAS

Localidade: Rincão dos Alves

Data: 28/06/23

Turno: manhã

Guia: Maria

Ponto de partida: Armazém do Vanderlei

No segundo dia de campo, decidimos visitar os idosos do Rincão dos Alves, uma localidade próxima à escola. O lugar é repleto de belas paisagens e possui terrenos menos íngremes, com subidas mais curtas e menos cansativas. Durante a

caminhada, encontrei tanto residências tradicionais quilombolas quanto construções de alvenaria. De modo geral, o grupo de moradores do Rincão dos Alves parece ter uma infraestrutura um pouco melhor do que a dos habitantes do Rincão da Pedreira. As famílias são muito acolhedoras e estão dispostas a participar da pesquisa.

Objetivando preservar a identidade dos entrevistados, segue abaixo o **Quadro 4**, com a ordem das visitas, codinome, idade e escolarização das pessoas entrevistadas:

Quadro 4 - Visitas no Rincão dos Alves

Ordem das visitas	Codinome	Idade	Escolarização
Primeira visita	Rincão dos Alves 01	78 anos	4 série
Segunda visita	Rincão dos Alves 02	74 anos	3 série
Terceira visita	Rincão dos Alves 03	70 anos	4 série
Quarta visita	Rincão dos Alves 04	78 anos	1 série
Quinta visita	Rincão dos Alves 05	83 anos	5 série
Sexta visita	Rincão dos Alves 06	84 anos	1 série

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 11 - Visão da entrada para Rincão dos Alves



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

PRIMEIRA VISITA

Rincão dos Alves 01, 78 anos, cria ovelhas, gado e galinhas para consumo próprio. Ela afirma que só consideraria fazer um empréstimo em caso de necessidade. Também menciona que os gastos com medicamentos têm sido um peso financeiro, especialmente devido à sua glicose desregulada e problemas de pressão alta.

Durante o seu casamento, seu esposo era responsável pela gestão das finanças e cuidava de tudo. Após a morte dele, **Rincão dos Alves 01** entregou a administração do dinheiro para seus filhos.

Figura 12 - Rincão dos Alves 01



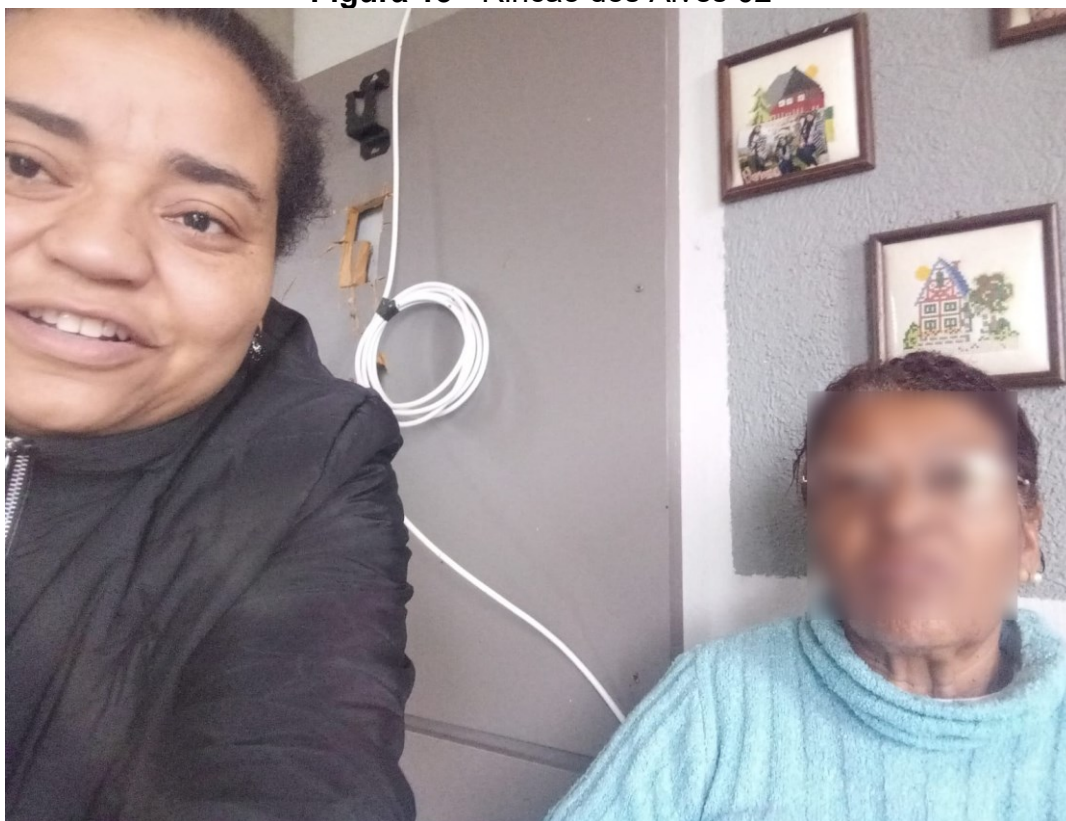
Fonte: Acervo digital da autora (2024)

SEGUNDA VISITA

Rincão dos Alves 02, de 74 anos, relatou que recebeu várias ligações de bancos e financeiras que oferecem empréstimos. Ela já contratou empréstimos para

tratar questões de saúde. **Rincão dos Alves 02** mencionou que realiza suas compras de forma parcelada. Ainda, coloca que o custo dos medicamentos impacta significativamente seu orçamento, pois utiliza remédios para problemas cardíacos e hipertensão. Sua filha a ajuda a gerenciar as finanças.

Figura 13 - Rincão dos Alves 02



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

TERCEIRA VISITA

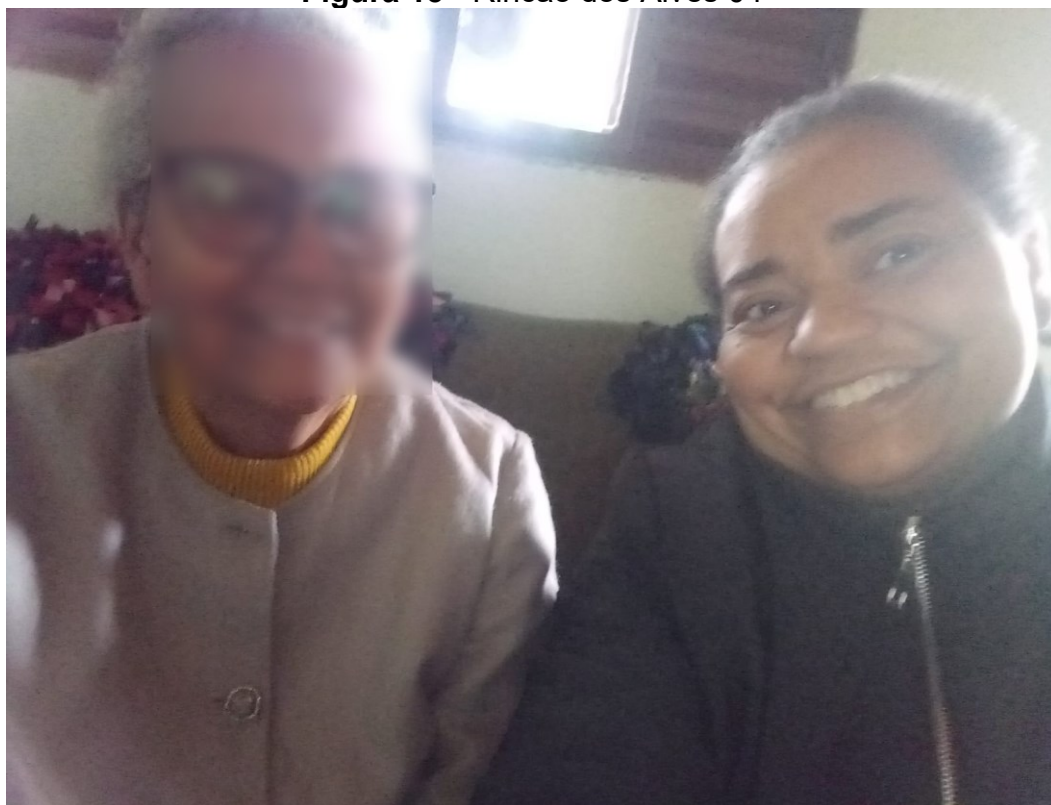
Rincão dos Alves 03, de 70 anos, vive em condições financeiras bastante vulneráveis. É casado, porém sua esposa está adoentada e permanece na residência da filha para que receba maiores cuidados, tendo em vista que o acesso à sua casa é bastante complicado em casos de emergência. Ele se desloca utilizando uma bicicleta. Não mencionou o uso de medicamentos. Para complementar sua alimentação, ele mantém uma horta e também caça. Ele possui um procurador que gerencia suas finanças, realizando compras em seu nome.

Figura 14 - Rincão dos Alves 03

Fonte: Acervo digital da autora (2024)

QUARTA VISITA

Rincão dos Alves 04, 78 anos, relatou que já recorreu a empréstimos, mas parou, devido aos juros altos, que tornam o custo elevado. Lembrou que já esteve em situação financeira muito difícil e só conseguiu sair com a ajuda do esposo. Ela pondera que possui muitos gastos com medicamentos para tratar pressão alta, problemas cardíacos e dores na coluna e que esses gastos impactam no orçamento familiar. Anteriormente, morava na localidade da Pedra Grande. Hoje, cria animais para complementar sua alimentação. Sua residência tem fácil acesso e boa infraestrutura. **Rincão dos Alves 04** coloca que atualmente controla bem seus gastos.

Figura 15 - Rincão dos Alves 04

Fonte: Acervo digital da autora (2024)

QUINTA VISITA

Rincão dos Alves 05, 83 anos, relata que tem a filha como responsável pela administração de seu dinheiro. E que a filha traz as notas das compras realizadas. **Rincão dos Alves 05** faz compras a prazo e já recorreu a empréstimos. Afirma que a renda é suficiente, mas que precisa ser bem controlada. Usa medicamentos para controle de glicose, problemas cardíacos e pressão alta. Sua residência combina uma construção tradicional quilombola com outra de alvenaria. Ela também cria animais para consumo. Menciona que quando fica doente necessita ficar na casa da filha na cidade, pois as condições para conseguir atendimento médico são bastante complicadas.

Figura 16 - Rincão dos Alves 05



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

SEXTA VISITA

Rincão dos Alves 06, 84 anos, anteriormente morava na localidade de Pedra Grande, fora do quilombo. Ele mantém criação de animais para consumo. E afirma que controla bem suas finanças. No entanto, menciona que os gastos com medicamentos impactam seu orçamento ao final do mês. Sua residência é de fácil acesso e possui boa infraestrutura. **Rincão dos Alves 06** manifestou desejo de não tirar foto, o que foi respeitado.

4.1.4 Visitas no Rincão do Inferno

TERCEIRO DIA DE VISITAS

Localidade: Rincão do Inferno

Data: 29/06/23

Guias: Went e Soares

Ponto de partida: Entrada do Rincão do Inferno

Objetivando preservar a identidade dos entrevistados segue abaixo o **Quadro 5**, com a ordem das visitas, codinome, idade e escolarização das pessoas entrevistadas:

Quadro 5 - Visitas no Rincão do Inferno

Ordem das visitas	Codinome	Idade	Escolarização
Primeira visita	Rincão do Inferno 01	69 anos	Não alfabetizado
Segunda visita	Rincão do Inferno 02	61 anos	6 série
Terceira visita	Rincão do Inferno 03	85 anos	Não alfabetizado
Quarta Visita	Rincão do Inferno 01	72 anos	2 série

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

No terceiro dia de campo, visitamos o Rincão do Inferno, um território conhecido por sua beleza impressionante. Esse pequeno paraíso foi apresentado ao mundo pelo curta-metragem "O Sabiá"⁹. A linha de transporte coletivo mais próxima está a 8 km de distância. Atualmente, a localidade é habitada por cinco pessoas, sendo quatro delas idosos. É um espaço rico em vivências e histórias. Recentemente, o acesso à região passou por melhorias devido ao turismo rural, mas as condições geográficas, com subidas de pedras, exigem bastante vigor físico. As casas estão relativamente próximas, situadas na encosta do rio Camaquã.

⁹ O filme "O Sabiá" (2010) acompanha a história de Juvêncio, um menino quilombola que após ter sido abandonado pela mãe se recusa a falar. Os avós insistem em sua educação e através da oralidade tem o desafio de perpetuar a herança cultural africana no momento em que a luz elétrica chega ao quilombo do "Rincão do Inferno", no sul do Brasil. De **Zeca Brito** • Com **Alcibio Franco, Onélia Franco, Juvêncio De Assis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vH7CZ0ce2Gk>

Figura 17 - Rincão do Inferno

Fonte: Acervo digital da autora (2024)

PRIMEIRA VISITA

Rincão do Inferno 01, 69 anos, aprendeu a administrar seu dinheiro de acordo com suas necessidades. Para fazer compras, ele caminha 8 km até um ponto de transporte público que é oferecido duas vezes na semana e em um único horário. Conta com uma procuradora que recebe o dinheiro em seu nome, e quando precisa, vai até ela para pegar algum valor. Suas compras são feitas no armazém da Tânia. Ele relata que sua renda é suficiente para as despesas básicas, mas complementa sua alimentação com a criação de galinhas. Não utiliza nenhum tipo de medicamento. Sua procuradora não faz parte de sua família. **Rincão do Inferno 01** realiza suas compras apenas à vista.

Figura 18 - Rincão do Inferno 01

Fonte: Acervo digital da autora (2024)

SEGUNDA VISITA

Rincão do Inferno 02, de 61 anos, é quilombola e retornou à sua localidade durante a pandemia, após trabalhar na cidade. Ela realiza compras a prazo, pois é difícil adquirir produtos à vista. Relata que já lhe ofereceram um empréstimo de R\$ 50.000,00. Menciona que já contratou um empréstimo para comprar itens para a casa, embora considere que essa quantia é alta. Não faz uso de medicamentos contínuos, mas menciona que sua renda não é suficiente, pois os preços estão muito altos. Ela não quis tirar fotos, pois não gosta. Também destaca que não tem acesso ao posto de saúde, já que não há veículos disponíveis para transportar vacinas e realizar atendimentos.

TERCEIRA VISITA

Rincão do Inferno 03, de 85 anos, relata que o curta-metragem “O Sabiá” transformou sua vida. Antes, ela e sua comunidade eram esquecidos, trabalhando para transportar carvão por longas distâncias e buscando água do rio Camaquã. A eletricidade chegou à região em 2008, por meio do programa Luz para Todos, mas a

assistência à saúde ainda não se concretizou. Onélia menciona que enfrenta altos gastos devido a problemas de saúde como doenças cardíacas, diabetes e questões relacionadas à tireoide, realizando consultas e exames particulares quando necessário. Ela recorda ter passado por períodos de fome e miséria. Atualmente, costuma realizar compras a prazo, considerando seu cartão como uma extensão de seu dinheiro, utilizando-o com cautela. Para complementar sua alimentação, cria galinhas e também atende aos turistas oferecendo produtos tradicionais. Mãe de 11 filhos, ela compartilha as dificuldades enfrentadas ao longo da vida.

Figura 19 - Rincão do Inferno 03 e 04



Fonte: Acervo digital da autora (2024)

QUARTA VISITA

Rincão do Inferno 04, 72 anos, sempre faz suas compras a prazo. Ele é companheiro de Onélia e tem muitas histórias para contar. Aprendeu a lidar com dinheiro com seus pais, que trabalhavam arduamente e costumavam vender produtos na campanha. Ele também convive com a doença de Chagas. O casal é considerado uma referência na comunidade.

A etapa das visitas aos rincões foi uma experiência enriquecedora, pode perceber as riquezas do lugar, conhecer a história deste povo quilombola contada por eles. E vivenciar principalmente as dificuldades, ainda que atenuadas, de acesso às localidades. Fiquei encantada com a alegria daquele povo tão atravessado pelas desigualdades, mas que não perdem o sorriso no rosto ao contar suas vivências. A seguir apresento a 2ª etapa o planejamento da intervenção.

4.2 “ENTRE REALIDADES E POSSIBILIDADES”: PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO - 2ª FASE

Na segunda fase, os dados produzidos na etapa anterior foram analisados com o objetivo de destacar potencialidades, possibilidades e limitações para a construção da intervenção de educação financeira a partir das considerações das pessoas idosas quilombolas. Esta etapa foi desenvolvida entre os meses de agosto de 2023 a dezembro de 2023.

4.2.1 Estratégia Didática

Após a análise detalhada dos dados produzidos, optou-se pela construção de uma série de podcasts intitulada “Dinheiro no campo”, que teve como personagem central o “Seu Genésio¹⁰”, um homem do campo. A estratégia didática foi utilizar elementos com familiaridade desde a abertura do episódio. A proposta buscou

¹⁰ A criação do personagem Genésio constitui uma estratégia criativa e inventiva de aproximação do contexto dos participantes. Genésio atua como interlocutor de novas aprendizagens. Entendo que discutir questões financeiras pela lente das desigualdades pressupõe abandonar modos de educar que se aproximam da educação bancária descrita por Paulo Freire.

inspiração nos Dispositivos complexos de aprendizagem que propõem modos não lineares de aprender.

O enredo de cada podcast respeitou o tema definido anteriormente, sendo desenvolvido via questões cotidianas da vida no campo, com linguagem simples, coloquial e termos gauchescos comuns nos diálogos da comunidade.

Ainda, o personagem principal, Seu Genésio, atuava como conselheiro em situações de armadilhas financeiras. A voz da pesquisadora foi envelhecida através do aplicativo *Voice Changer*, para se assemelhar a voz de homem velho, com vistas a compor o imaginário dos ouvintes.

A escolha da abertura dos podcasts foi composta pela parte instrumental da música no Fundo da Grotá. Esta escolha foi motivada pela observação de que a comunidade se sentia representada pela história narrada na música, porque eles sempre solicitavam essa música em dias de festa na escola. O principal meio de produção dos podcasts foi o aparelho celular. A edição amorosa foi realizada pelo colaborador familiar Miguel Pinto da Rosa.

Para viabilizar a exibição dos podcasts, efetuamos uma parceria com a Associação das Comunidades Quilombolas Rurais de Palmas, através da diretoria da rádio comunitária, na figura do senhor Vanderlei Alves. O **Quadro 6** abaixo traz um resumo.

Quadro 6 - Cronograma de organização dos episódios

EPISÓDIO	TEMA	DURAÇÃO
01	O campo e o dinheiro	2:30
02	Fontes de renda	4:16
03	Reserva de emergência	4:03
04	Endividamento	4:37
05	Estratégia para sair do endividamento	5:09
06	Orientações para evitar golpes financeiros virtuais	4:02

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A seguir apresentamos a descrição dos episódios da série de podcast.

4.2.1.1 Podcast 01¹¹

Tema: O campo e o dinheiro

Objetivo: Discutir o dinheiro no contexto da zona rural, identificando as principais despesas.

Data de exibição na rádio comunitária: 10/01/2024.

Adriana: Boa noite! Vamos conversar sobre o dinheiro no campo. Contaremos com a presença do seu Genésio, gaúcho flor de especial que faz seu dinheiro render até fim do mês. Seja bem-vindo!

Genésio: Vamos papear enquanto mateamos! Falar de dinheiro é sempre algo complicado. O bendito dinheiro afeta toda a vida da gente. Quando falta xiru.. a coisa fica feia e a gente acaba caindo em cada arapuca.

Adriana: De onde vem o dinheiro do campo?

Genésio: Tem os dinheiros certos (aposentados e pensionistas), o que fazem changa, que trabalham em estâncias e as nossas vendinhas(principalmente as mulheres).

Adriana: E como vocês gerenciam esse dinheiro?

Genésio: Primeiro a gente paga as contas (a venda, luz e compra comida) e se sobrar a gente vê o que faz...

Adriana: Quais seriam essas despesas do homem do campo? Participa com a gente enviando no aplicativo de mensagem(whatsapp) quais despesas são mais comuns? Vamos nos despedindo com uma dica do seu Genésio...

Genésio: Para o dinheiro não escapar precisamos saber quanto ganhamos e onde estamos gastando. Boa noite, gauchada amiga!

4.2.1.2 Podcast 02¹²

Tema: Fontes de renda

Objetivo: Problematizar as principais fontes de renda, assim como a constituição da renda familiar.

Data de exibição na rádio comunitária: 12/01/2024

¹¹ Disponível na plataforma Youtube em: https://youtu.be/sORKug0gqAc?si=g_ZKTLB6RLxAepvd.

¹² Disponível na plataforma Youtube em: <https://youtu.be/V2gHR0pTKMU?si=PQKbxVAQcILQtL0n>.

Adriana: Boa noite, gauchada amiga. Seja bem vindo seu Genésio.

Genésio: Quero agradecer as mensagens no whatsapp que contribuíram com a nossa lista de despesas do homem do campo.

Adriana: Na lista de despesa apareceu comida, luz, remédios, transporte, gasolina, roupas, gás, comida para os animais, empréstimos. A lista é comprida...

Genésio: Gauchada para organizar as contas precisamos anotar as despesas tudo que a gente precisa pagar começando pelas contas fixas como: luz, gás, a venda, remédio e comida.

Adriana: E aqueles gastos que surgem ao longo do mês. Como a gente faz?

Genésio: Bueno aí temos que pensar em quanto a gente ganha. Quais as nossas fontes de rendas? Quem contribui para essa renda?

Adriana: Vamos por partes. O que seriam as fontes de renda?

Genésio: Vou dar um exemplo: o Compadre é aposentado ganha 1.400,00 reais, a comadre cuida da casa e vende uns pães, ovos, doces, os guris fazem arame.... todo dinheiro forma a renda.

Adriana: Posso dizer que todos têm renda?

Genésio: Sim, tudo que a família ganha a gente tem que somar. No caso do compadre ficaria assim: Aposentadoria mais lucro das vendas da comadre mais lucro do serviço do arame

Adriana: Mas o lucro dos pães e do serviço de arame não é certo?

Genésio: Tens razão, as fontes de renda são divididas em: renda fixa (aposentadoria, pensões, salário) e renda variável: as vendas de pães, ovos, animais serviço por diária.

Adriana: As fontes de renda formam a receita da família(o dinheiro que ganhamos).

Genésio: Isso mesmo, todo dinheiro que ganhamos tem que entrar na conta.

Adriana: Qual sua dica para as contas estarem sempre em dia?

Genésio: Anotar a receita (tudo que a família ganha) e diminuir das despesas (contas fixas e variáveis). Aí, tche tem três caminhos: pode sobrar dinheiro, empatar ou faltar. Gauchada cada caminho dá muito papo.

Adriana: No nosso próximo papo vamos falar quando sobra dinheiro...

Genésio: Quando sobra dinheiro é o melhor caminho. Não podemos deixar esse dinheiro escapar nas pequenas compras. Boa noite, gauchada amiga.

Adriana: Participa mandando tuas dúvidas pelo whatsapp sobre as fontes de renda.

4.2.1.3 Podcast 03¹³

Tema: Reserva de emergência

Objetivo: Problematizar a construção da reserva de emergência.

Data de exibição na rádio comunitária: 14/01/2024

Adriana: Boa noite, queremos agradecer todas as pessoas que tiram suas dúvidas sobre as fontes de renda pelo whatsapp. Amigo Genésio, hoje vamos falar sobre quando sobrar dinheiro no bolso da gauchada.

Genésio: Quando sobra dinheiro é louco de especial!!! Mas não podemos deixar esse dinheiro escapar em pequenas compras. Pois nunca sabemos quando a coisa vai apertar.

Adriana: Como assim?

Genésio: Às vezes surgem gastos inesperados como: pequenos consertos, doenças de familiares, um filho, um neto que precisa de dinheiro, doenças dos animais, acidentes e até mesmo morte de pessoas próximas. E aí como a gente faz? Se não tiver um dinheiro guardado?

Adriana: Muitas vezes na hora do aperto a gente acaba correndo para banco e faz um empréstimo bem parceladinho.

Genésio: Aí, está a maior arapuca... Os empréstimos que vão juntando o parceladinho e vai roendo nossa aposentadoria... Quando a gente vê está devendo até as calças. Não consegue nem pagar mais as contas que são fixas sem a ajuda do banco...

Adriana: O que podemos fazer para evitar essa situação?

Genésio: A primeira coisa é planejar nossos gastos (despesas) a partir do dinheiro que a gente ganha (receita). É a segunda tchê: é guardar um pouquinho todo mês para um caso de emergência...

Adriana: Isso seria uma reserva de emergência?

Genésio: Sim, uma reserva para gastos que não temos como planejar, porque na hora do aperto a gente se enrola e acaba caindo nas arapucas dos bancos e das financeiras.

¹³ Disponível na plataforma Youtube em: https://youtu.be/R8hx_fdv81Q?si=wRP1RVcYN8c8nzXQ.

Adriana: Como que eu faço para guardar dinheiro quando o dinheiro está curto?

Genésio: Tem que economizar nas pequenas coisas. Vou dar um exemplo: A comadre cria umas vacas, galinhas e vende os ovos. Ela pode guardar um pouco desse lucro. Ela faz uma rapadura de leite, flor especial. Ela poderia vender essas delícias e acrescentar uma parte do lucro na renda familiar e colocar o que sobra na reserva de emergência que pode ser feita até numa caixinha.

Adriana: Entendi, quando a gente planeja como vai usar o dinheiro passamos melhor pelos apertos da vida.

Genésio: Gauchada o negócio é controlar direitinho o que entra e o que sai do nosso dinheiro. Tentando fazer o melhor com que a gente tem... Boa noite, amigos.

Adriana: Participa com a gente enviando suas dúvidas sobre como montar sua reserva de emergência para escapar das arapucas do endividamento. No nosso próximo papo vamos falar sobre quando falta dinheiro.

4.2.1.4 Podcast 04¹⁴

Tema: Endividamento

Objetivo: Discutir as armadilhas financeiras que podem levar ao endividamento

Data de exibição na rádio comunitária: 16/01/2024

Adriana: Boa noite, amigos! Agradecemos a participação de todos no grupo de whatsapp. Seja bem vindo seu Genésio. Vamos matear enquanto papeamos sobre o endividamento.

Genésio: Papear sobre dívidas é sempre delicado. As contas vão apertando, as dívidas aumentando e acabamos buscando ajuda nos bancos e financeiras. No começo o pessoa oferece todas as facilidades possíveis no empréstimo consignado. Na hora do aperto a gente assina o contrato sem entender direito as letras miúdas.

Adriana: O empréstimo consignado pode ser uma arapuca?

Genésio: Sim, quando utilizamos para cobrir dívidas, pagar contas frequentemente. Acabamos caindo numa roda de dívidas que chamamos de endividamento. As dívidas saem do controle e acabam prejudicando a nossa sobrevivência. Como o

¹⁴ Disponível na plataforma Youtube em: <https://youtu.be/OEMwQmsWNzk?si=5jNHOZWb-z9Ak5ms>.

desconto é feito direto na aposentadoria sobra muito pouco, quase nada para pagar as contas do mês?

Adriana: O empréstimo consignado é sempre ruim?

Genésio: Não, mas o empréstimo só deve ser utilizado em situações em que não há outra solução. E não pode ser utilizado várias vezes porque as parcelas se juntam e o desconto total sai do controle. A decisão de pegar um empréstimo tem de ser muito bem pensada.

Adriana: Onde temos que ficar alerta ao pegar o empréstimo?

Genésio: Tem que entender direitinho os juros que o empréstimo vai ter. Vou dar um exemplo: O compadre se apertou nas contas e não conseguiu pagar e aceitou a proposta de empréstimo consignado oferecida pelo telefone. Tchê, o chamarisco era assim: Empréstimo para aposentados e pensionista INSS sem complicação, com taxas de juros que cabem no seu bolso e parcelinha pequeninha.

Adriana: E como funciona esse negócio de juros ?

Genésio: O banco empresta 1.500,00 reais para o compadre, dá o dinheiro na hora. Só que ele cobra uma taxa de juros de 1,45% ao mês. Ele dividiu os 1.500,00 reais em 42 vezes. A parcela ficou em 62,00 reais. Fiz a conta para compadre 62,00 x 42 meses. Ele vai pagar no final 2.604,00. Olha só o compadre vai pagar 1.104 só de juros virão a arapuca. Quase o dobro do que pediu emprestado.

Adriana: Os juros do contrato estavam nas letrinhas miúdas no final. Assim a gente nem terminou de pagar um empréstimo e já está precisando de outro.

Genésio: Temos que ficar esperto gauchada para não cair na arapuca do endividamento 12. Caiu nessa arapuca tchê, não te assusta que no próximo papo falar sobre como sair dessa encrenca.

Adriana: participa com a gente no whatsapp tirando suas dúvidas. Boa noite amigos.

4.2.1.5 Podcast 05¹⁵

Tema: Estratégias para sair do endividamento

Objetivo: Apresentar estratégias que contribuam para sair da situação de endividamento.

Data de exibição na rádio comunitária: 18/01/2024

¹⁵ Disponível na plataforma Youtube em: https://youtu.be/V9LEK-W_QQc?si=iCRNBwnU9xDjq0BR.

Adriana: Boa noite, amigos! Seja bem-vindo, seu Genésio. Muito obrigada a todos que enviaram suas dúvidas sobre endividamento.

Genésio: Bueno gauchada hoje vamos papear sobre quais estratégias podem ser utilizadas para sair do endividamento. A gente fica tristonho quando está endividado.

Adriana: Tem como sair do endividamento?

Genésio: Ficar livre das dívidas não é uma decisão fácil. A primeira coisa é entender que sozinho não vamos conseguir. Tchê eu sei que ficamos com vergonha de está devendo. A solução é pedir ajuda para conseguir organizar as contas.

Adriana: Como organizar as contas?

Genésio: Gauchada tem que ver todas as contas que precisam ser pagas(as despesas) ?E quanto dinheiro tem (a receita). Aí tem dois caminhos: tu consegue pagar e não sobra nada para passar o resto do mês ou é tanta dívida que nem consegue pagar...

Adriana: O que podemos fazer nesta situação?

Genésio: Buscar ajuda na defensoria pública que lá vão analisar tua situação e organizar a renegociação das dívidas. Vou dar um exemplo: O compadre é aposentado deveria receber 1.500,00 reais, mas com os descontos dos empréstimos consignados sua aposentadoria fica em 1.000,00 reais.

Adriana: Bah, e agora como ele vai pagar as contas com 500,00 reais a menos?

Genésio: O compadre vai ter que pagar as contas principais (comida, remédio, gás e luz). E procurar a defensoria pública na cidade para renegociar esses empréstimos consignados. Tchê a situação vai ser apertada no começo mas é o único jeito de resolver.

Adriana: Depois da renegociação na defensoria, o que fazer?

Genésio: Eu sei que quando o dinheiro está curto é mais complicado diminuir as contas mas para sair do endividamento temos que cortar gastos e tentar conseguir uma renda extra.

Adriana: Como cortar gastos, seu Genésio?

Genésio: Economizando energia elétrica, saiu da peça, desliga a luz. Se você ainda não tem uma horta e umas árvores de fruta plante porque ajuda na alimentação da família. Tenta te organizar para fazer tudo que precisar na cidade uma vez no mês. Quando for fazer rancho na cidade vá num atacadão é mais barato. Tenta dividir com os vizinhos o transporte para trazer o rancho. Compra só o que for necessário.

Tchê, se tu produz (ovos, carne, verduras, pães) troca por outros produtos que você não tenha. Pegar os remédios no posto de saúde. Quando for comprar alguma coisa mais cara tenta juntar o dinheiro, pagando à vista, ou em poucas parcelas.

Adriana: Entendi, são pequenas mudanças em atitudes diárias para reduzir as despesas. E a renda extra o que poderia ser?

Genésio: Uma boa ideia é aproveitar a visita das pessoas que vêm conhecer as belezas das Palmas para vender verduras, doces, pães, carnes e ovos. Fazendo um dinheiro extra.

Adriana: O negócio é ir colocando as contas em dia. Até conseguir escapar da roda das dívidas. Amigo Genésio, muito obrigada pelas dicas. No nosso próximo papo vamos falar sobre golpes financeiros virtuais.

Genésio: Boa noite, gauchada amiga.

4.2.1.6 Podcast 06¹⁶

Tema: Orientações para evitar golpes financeiros virtuais

Objetivo: Apresentar orientações para evitar golpes financeiros virtuais

Data de exibição na rádio comunitária: 20/01/2024

Adriana: Boa noite, amigos! Seja bem-vindo seu Genésio. Muito obrigada a todos que enviaram dicas de como economizar mesmo quando estamos com o dinheiro curto.

Genésio: Boa noite! Hoje nossa conversa é delicada: vamos falar sobre golpes financeiros virtuais. Cada vez mais caímos nessas arapucas, tentam tirar o dinheiro da gente. Às vezes numa simples ligação no celular acabamos nos complicando.

Adriana: E quais são os golpes financeiros virtuais mais comuns?

Genésio: São três tipos: Golpes financeiros por telefone, Fraudes online e por e-mail, Golpes presenciais ou de porta em porta. Gauchada vou falar sobre os golpes financeiros pelo telefone:

Adriana: Como ocorrem esses golpes?

Genésio: Tem dois golpes que são bem comuns: O primeiro é o da ligação de um “funcionário do banco”. Este golpe ocorre quando o criminoso liga no seu telefone e

¹⁶ Disponível na plataforma Youtube em: https://youtu.be/s95ZLC5i65o?si=de8FZ_xf5fOtuXM.

se passa por um funcionário do banco. Assim, ele dá alguma justificativa para pedir seus dados confidenciais, como números do cartão do crédito ou senha do banco;

Adriana: E o segundo, como ocorre?

Genésio: é o Golpe do falso neto: Acontece quando o criminoso se passa por um neto (ou filho) do idoso e, utilizando esse amor, diz que está em uma situação difícil e precisa de dinheiro;

Adriana: Como podemos escapar desses golpes?

Genésio: Tchê tem que ficar atento a essas dicas:

- O seu banco nunca liga para pedir senhas ou números do cartão;
- Caso precise entregar o cartão ou trocá-lo, vá até a agência mais próxima. Os bancos não possuem funcionários que vão à casa dos clientes;
- A cada vez que chegar uma mensagem dizendo vir do seu banco, principalmente com links, consulte o gerente para saber a veracidade;
- Também o consulte caso chegue uma ligação dizendo que seu cartão foi clonado. E, se possível, ligue de outro celular para aquele número;
- Não passe sua senha a ninguém.
- Notou que foi enganado peça ajuda.

Adriana: Amigos participem enviando suas dúvidas no whatsapp. Sua parceria faz toda a diferença.

Genésio: Vamos ficar atentos aos golpes financeiros virtuais. Boa noite Gauchada amiga nos encontramos por esses Rincões.

4.3 “A TECNOLOGIA QUE ASSEDIA TAMBÉM ENSINA”: IMPLEMENTAÇÃO DA INTERVENÇÃO - 3ª FASE

A implementação da intervenção foi dividida em três etapas. A primeira, intitulada “Mãos à obra”, foi a vinculação do podcast na rádio comunitária da Associação dos Quilombolas Rurais. A exibição destes ocorreu no mês de janeiro de 2024. Já a segunda etapa, nomeada de “Para além de ouvintes”, propôs aos participantes uma entrevista via telefone buscando resgatar as impressões dos mesmos sobre a série de podcasts. As entrevistas ocorreram no mês de julho de 2024. A terceira etapa dessa fase, “Encontro nossas memórias”, versa sobre a realização de uma roda de conversa que objetivou retomar conceitos trabalhados

durante a série “Dinheiro no campo”. Esse encontro foi realizado no mês de setembro de 2024.

Durante a intervenção, a pesquisadora criou um grupo chamado “No campo tem riqueza” em um aplicativo de mensagem com os participantes da pesquisa. O grupo teve a finalidade de manter uma comunicação mais próxima e também de repositório dos podcasts. Ao final de cada episódio, os participantes foram mobilizados a interagir e a contribuir para a elaboração dos próximos episódios.

4.3.1 “Mãos à obra”

A etapa “Mãos à obra” foi o período em que a intervenção de educação financeira foi desenvolvida. Com a parceria da rádio comunitária, a série de podcast passou a ser exibida e as interações começaram a ocorrer por meio das problematizações construídas nos casos que Genésio contava em cada episódio.

4.3.1 “Para além de ouvintes”

Esta etapa consistiu na realização de entrevista semiestruturada (disponível no Apêndice D) realizada no mês de julho de 2024, através de ligação telefônica/vídeo chamada com os participantes da pesquisa, com o objetivo de conhecer as impressões dos mesmos sobre a série de podcast: Dinheiro no Campo.

4.3.1.1 Entrevista de Retomada (Avaliação de Podcast)

A mesma é composta por 10 questões de múltipla escolha e abertas. Foram solicitadas algumas informações sobre a experiência e as aprendizagens como ouvinte da série de podcast Dinheiro no Campo. Todos os participantes da pesquisa foram convidados a participar.

Em caso de concordância, a pesquisadora assistente realizou a leitura pausada e explicativa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (disponível no Apêndice B). Este documento apresentou os objetivos da pesquisa e os procedimentos utilizados, tendo sido construído a partir das orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, conforme

exposto no Ofício Circular n.º 2/2021/CONEP/SECNS /MS, de 24 de fevereiro de 2021.

O documento detalhou os possíveis desconfortos e riscos associados à participação na pesquisa, incluindo a possibilidade de violação da privacidade e da confidencialidade das informações fornecidas. Nesta etapa os entrevistados foram identificados como conforme o código mencionado anteriormente.

Antes da execução das entrevistas, foi realizado um pré-teste com três pessoas idosas. A partir desse retorno, foi realizada a avaliação do instrumento e as adequações que fossem necessárias. As entrevistas foram previamente agendadas, conforme a disponibilidade dos participantes. Os dados produzidos foram tratados e interpretados antes do encontro “Nossas Memórias”, etapa final da pesquisa.

4.3.2 “Encontro Nossas memórias”

Os encaminhamentos finais da pesquisa ocorreram no encontro denominado “Nossas Memórias”. As pessoas idosas que colaboraram com a pesquisa foram convidadas, através da rádio comunitária pelo personagem Genésio, a participar de uma roda de conversa que aconteceu na escola Simões Pires.

Foi adotada, como estratégia de resgate didático-pedagógico, a reexibição da série de podcast “Dinheiro no Campo” uma semana antes do encontro na rádio comunitária. O mesmo aconteceu em setembro de 2024, tendo duração de aproximadamente 50 minutos. Abaixo apresentamos a transcrição do convite:

Bom dia, gauchada amiga!

Espero vocês na escola Simões Pires, no dia 24 de setembro, às 10 horas para papear sobre dinheiro.

Até lá! Gauchada.

4.3.2.1 Descrição da Organização Didática do Encontro

Materiais utilizados: mala de garupa, ficha com numerais, caixa de som. Os participantes foram recebidos com a música “No fundo da gruta”, que é a abertura da série de podcast. Os mesmos foram convidados a se acomodarem na sala que estava organizada em círculo com cadeiras.

A atividade consistia em ouvir o desafio que estava na mala de garupa do personagem Genésio e que foi colocada no meio da roda. O desafio era a problematização de uma situação que envolvia questões financeiras do homem do campo. Os participantes foram estimulados a pensar soluções para os “causos¹⁷” apresentados. O objetivo dessa etapa foi promover uma retomada dos temas trabalhados através do diálogo e do compartilhamento de experiência.

4.3.2.2 Problematizações utilizadas durante a dinâmica

Gauchada amiga!

O compadre João está encrocado. Está precisando de dinheiro para ontem. Os cabritos dele pegaram bicheira. Está com 10 animais abichados. O compadre está muito preocupado, não pode perder os cabritos mas não tem dinheiro para comprar o bernicida. Ele precisa de 400,00 reais. E agora como compadre João faz para sair dessa encrenca?

Recorte do material didático para efetivação da intervenção.

¹⁷ CAUSO, s. Caso, conto, acontecimento, história, narrativa. Essa nota foi extraída do Glossário de termos gauchescos produzido pela Universidade Federal de Pelotas e está disponível em: <https://pelotas.ufpel.edu.br/glossario.html#c>.

5 RESULTADOS

“Onde há grande propriedade, há grande desigualdade. Para um muito rico, há no mínimo quinhentos pobres, e a riqueza de poucos presume da indigência de muitos”

(Adam Smith)

A exposição dos dados produzidos está organizada em três momentos: apresentação dos dados sociodemográficos e questões de educação financeira (entrevista inicial), anotações das observações registradas no Diário de campo (ao longo de todo o processo) e as impressões, percepções e avaliação da implementação da intervenção (interações no whatsapp, entrevista de retomada).

5.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E QUESTÕES DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Os dados estão sintetizados no **Quadro 7** e foram organizados por dois critérios: os eixos temáticos construídos no formulário da entrevista inicial e as localidades onde os participantes residem. Esses dados serviram de base para conhecer as especificidades da comunidade, detalhando as semelhanças e diferenças de cada Rincão. Embora a comunidade quilombola de Palmas seja retratada como um grupo homogêneo, alguns itens evidenciam que o envelhecimento nos rincões apresenta nuances heterogêneas. Os dados serão discutidos e explorados no capítulo seguinte.

Quadro 7 - Síntese dos resultados

EIXO SOCIODEMOGRÁFICO				
ITENS DESTACADOS	LOCALIDADE RINCÃO DA PEDREIRA	LOCALIDADE RINCÃO DOS ALVES	LOCALIDADE RINCÃO DO INFERNO	LOCALIDADE DO CAMPO DO SEU OURIQUE
N TOTAL= 17	N= 05	N=06	N=04	N=02
Idade	65-77 anos	70-84 anos	61-85 anos	74-84 anos
Gênero	F=01 M=04	F=04 M=02	F=02 M=02	F=01 M=01
Autodeclaração	05-Quilombola	06-Quilombola	04-Quilombola	02-Quilombola

Estado civil	01-solteiro 04-casado	03-casado 03-viúvo	01-solteiro 03-casado	02-viúvo
Filhos	04- Sim 01-Não	06-Sim	02-Sim 02-Não	02-Sim
Netos	04-Sim 01-Não	06-Sim	02-Sim 02-Não	02-Sim
Escolaridade	02-NA 03-FI	06-FI	02-NA 02-FI	01-NA 01-FI
Profissões	Dor lar Esquilador Serviço rural	Dor lar Trabalhador rural	Doméstica Esquilador Serviço rural	Dor lar Serviço rural
Aposentados	05	06	04	02
Tempo no quilombo	05- + 15 anos	02- 5/10 anos 04- + 15 anos	01- até 5 anos 03-+ 15 anos	02-+ 15 anos
Renda	03- até 1 salário 02- 2 a 3 salários	05-até 1 salário 01-2 a 3 salários	03- até 1 salário 01-2 a 3 salários	01-até 1 salário
Aposentadoria única fonte de renda	05	06	04	02
Pessoas na casa	01- sozinho 02- até 03 02- até 04	02- até 02 03-até 03	01- sozinho 03- até 02	02-até 02
EIXO EDUCAÇÃO FINANCEIRA				
Organizado financeiramente	03- Sim 02- Não	05- Sim 01- Às vezes	02-Sim 02- Não	02- Às vezes
Situação complicada	03- Sim 02- Não	03- Sim 03- Não	03- Sim 01- Não	02- Não
Compras planejadas	02- Sim 03- Não	03- Sim 03- Não	01- Sim 03- Não	02- Não
Controle financeiro	02- Sim caderninho 03- Não	06- Não	04- Não	02- Não
Ligações oferecendo crédito	04- Sim 01- Não	06- Sim	04- Sim	02- Sim
Produto ofertado	Crédito consignado	Crédito consignado	Crédito consignado	Crédito consignado
Crédito utilizado	05-Crédito consignado	06-Crédito consignado	01-Crédito consignado 02- cartão 01- Não utiliza	02-Crédito consignado

Empréstimos ativos	01- Sim 04- Não	01- Sim 05- Não	03- Sim 01- Não	02- Sim
Vítimas golpes financeiros	05- Não	06-Não	04-Não	02-Não
Renda suficiente	01- Sim 04- Não	03- Sim 03- Não	01- Sim 03- Não	01- Sim 01- Não
Celular contato	05-Sim	06-Sim	04-Sim	02-Sim

LEGENDA: F= Feminino NA = Não Alfabetizado M= Masculino FI= Fundamental Incompleto

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

5.2 ANOTAÇÕES DIÁRIO DE CAMPO

Nesta seção apresento a organização dos excertos das anotações que compõem o diário de campo. Estes excertos foram tecidos em um emaranhado de linhas que se aproximavam e se distanciavam de acordo com o fluxo de acontecimentos. Os excertos foram categorizados em: excertos participantes e excertos pesquisadora.

Quadro 8 - Visão geral do diário de campo

Diário de campo e suas nuances		
Anotações e considerações produzidas na pesquisa de campo (visitas aos Rincões)	Observações produzidas a partir dos achados iniciais na entrevista I	Considerações sobre a entrevista de retomada
	Refletindo sobre o planejamento da intervenção	Apontamentos sobre o Encontro de Memórias.
	Problematizando a construção da intervenção	
	Percepções sobre a implementação da intervenção	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Observações e considerações produzidas na pesquisa de campo (visitas aos Rincões)

Abaixo exploramos, sem aprofundamento, as ideias-chave contidas nos excertos do diário do campo, que são a base para a análise. Estes excertos foram

organizados (categorizados) de acordo com as temáticas: As desigualdades e o processo de envelhecimento e o dinheiro no campo e suas nuances. Esses excertos foram produzidos durante a visita para realização das entrevistas. Por vezes, o assunto extrapolou as questões orientadas na entrevista. Nesses momentos optei por registrar os comentários. Enfatizamos que os dados produzidos foram analisados e serão apresentados no capítulo seguinte.

Observações produzidas a partir dos achados iniciais na entrevista I

Ao visitar os Rincões do quilombo de Palmas, Bagé-RS, fico encantada com aqueles “paraísos ambientais”, espaços com pouca intervenção humana e modos de produzir bastante modestos. Porém, após um olhar atento e uma escuta apurada, começo a questionar o quão desigual pode ser viver nestes espaços em condições econômicas limitadas.

Passo a refletir sobre a localização das residências dos quilombolas, concluindo que: a dificuldade de acesso às moradias conferiu, por muito tempo, proteção a eles, pois ficava mais difícil capturá-los. Porém, atualmente essa distância representa um maior potencial de vulnerabilidade social, tendo em vista que acessar direitos básicos como saúde, educação, mobilidade entre outros torna-se um desafio diário.

Além disso, percebo, através dos relatos e dados da entrevista inicial, “que as condições de vida eram ainda piores”. Aponto como contribuição para essa melhoria a aprovação da Constituição de 1988, que reconheceu os direitos quilombolas no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT). Esse marco legislativo possibilitou o desenvolvimento de políticas públicas visando reduzir as desigualdades sociais e regionais por meio da aposentadoria rural, de programas como o Luz para Todos, transporte escolar e de moradias populares, que exemplificam ações que implicaram na qualidade de vida dos moradores do quilombo.

Embora tenham ocorrido avanços significativos na condição de vida destes sujeitos, esse traço da população ainda tem inúmeras carências e demandas sociais silenciadas e invisibilizadas historicamente. Resgato aqui uma das indagações da minha tese: Como as desigualdades sociais implicam no envelhecimento dos quilombolas? Retomo também a ideia de que o envelhecimento é um processo

influenciado por múltiplos fatores que podem se acumular ao longo dos anos. Fica o questionamento: Quais as consequências de ter seu corpo exposto a tantas adversidades?

A constituição cidadã é uma conquista relativamente recente. A totalidade das pessoas idosas do quilombo envelheceu num cenário ainda mais desigual, uma vez que estes sujeitos são privados, muitas vezes, dos direitos fundamentais. Contudo, foi possível perceber que eles mantêm viva a memória do seu povo através da tradição oral.

Contraditoriamente, ao caminhar por esse território, no qual o povo necessita lutar por seus direitos, nota-se a existência de cartazes nas paradas de ônibus que oferecem crédito facilitado que pode ser contratado via WhatsApp, sem burocracia. Este cenário fértil em tensionamentos foi analisado e será apresentado no capítulo posterior.

5.3 REFLETINDO SOBRE O PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO

Ir a campo é sempre uma experiência repleta de pequenas alegrias, ansiedades e desafios. Após realizar entrevistas com pessoas idosas quilombolas e conhecer suas histórias, dificuldades e potencialidades, temos pela frente o desafio de elaborar uma proposta de intervenção de educação financeira inspirada no conceito de Dispositivo Complexo de Aprendizagem (DiCA) e que realmente capture, mobilize e instigue nosso público-alvo com base nas demandas reveladas nas entrevistas.

Como pesquisadora, sinto-me inquieta, acolhendo as incertezas que acompanham o processo de pesquisa. Como professora, viso criar estratégias que envolvam os idosos e possibilitem uma experiência de educação financeira por uma perspectiva emancipatória, distante das visões colonizadoras que apenas replicam modelos sem considerar as realidades dos sujeitos.

Foi necessário um tempo de pausa para reorganizar as ideias e refletir sobre as condições encontradas. Sigo firme no propósito de desenvolver uma intervenção que tenha impacto no cotidiano financeiro dessas pessoas – e, talvez, no meu também. Pergunto-me sobre o que seria o mínimo necessário para uma sobrevivência digna. Com essas questões em mente, pode-se construir uma estratégia de aprendizagem significativa e potente.

5.3.1 Problematizando a construção da intervenção

Transpostas as etapas de conhecer e reconhecer as fragilidades e potencialidades da comunidade para a construção da intervenção, ao finalizar as entrevistas (visitas), percebo que as escolhas desenhadas no projeto de qualificação precisariam sofrer algumas alterações. Conhecer o território vai além de identificar as características geográficas. O exercício de reflexão necessita se transformar em ação, no movimento ação-reflexão-ação.

Neste cenário, alguns questionamentos impulsionaram a construção da intervenção: quais os recursos acessíveis? Quais as escolhas metodológicas viáveis? Como envolver a comunidade? Quais as alternativas para mitigar a baixa escolarização na proposta? Como o exercício da imaginação e da criatividade pode contribuir nesse processo?

A linha de tensionamento de análise é enunciada como: sujeitos excluídos que ficam literalmente às margens, porém são nichos de assédio financeiro. Essa linha se entrecruza com a linha de possibilidade: **a tecnologia que assedia também ensina.**

5.3.2 Percepções sobre a implementação da intervenção

O território quilombola é produto de coletividade. Na proposta de intervenção de educação financeira não seria diferente. A comunidade abraçou a ideia e a parceria com a rádio comunitária foi um ponto de potencialidade para novas aprendizagens mediadas por um veículo midiático autodirigido.

Estratégias de duração e atualização da proposta foram construídas ao longo da implementação, visando manter os participantes mobilizados para novos modos de ver e aprender questões financeiras a partir do seu contexto.

Ainda, o detalhamento das percepções durante a implementação da intervenção compõe a análise. Essas percepções aparecem organizadas em formato de excertos.

5.3.3 Dados entrevista de retomada

Abaixo, apresentamos os dados produzidos através da entrevista

semiestrutura de retomada/avaliação dos podcasts. As respostas foram previamente analisadas para o planejamento da etapa final da pesquisa.

Quadro 9 - Síntese da entrevista de retomada (avaliação podcast)

DADOS ENTREVISTA DE RETOMADA DOS PODCAST	
N=17	
ITENS DESTACADOS:	RESPOSTAS:
Assistiu à série Dinheiro no Campo	17 - Sim
Identificação com personagem Genésio	17- Sim
Episódio predileto	7- Reserva de emergência 5- Endividamento 4- Estratégia para sair do endividamento 1- Fontes de renda
Aprendeu algo sobre educação financeira...	17- Sim
O que aprendeu...	7- Reserva de emergência 5- Endividamento 4- Estratégia para sair do endividamento 1- Fontes de renda
Os temas te ajudaram a refletir sobre as decisões financeiras...	17- Sim
Outros temas a serem abordados...	Mais como juntar um dinheiro Como economizar?

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Os dados acima foram complementados com as observações realizadas no momento da entrevista. Os comentários dos participantes também aparecem como excertos ao longo do capítulo posterior.

5.3.4 Apontamentos sobre o Encontro de Memórias

A dinâmica da roda de conversa, mediada pela problematização impulsionada pelo personagem Genésio, constituiu uma excelente oportunidade para resgatar conceitos. Ainda, a organização da atividade foi pensada de forma a deixar os participantes livres para interagir. O detalhamento das impressões e percepções da experiência de educação financeira está expresso no capítulo de análise.

6 ANÁLISE

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam” (Freire, 1968, p. 23).

Os dados produzidos foram organizados em três unidades de análise. A primeira delas intitulada de “As implicações de envelhecer à luz das desigualdades cumulativas”; a segunda nomeada de “A vulnerabilidade da velhice quilombola como fator facilitador da prática do assédio financeiro”; e a última denominada de “A educação financeira no recorte de pessoas quilombolas envelhecidas”.

As categorias de análise que deram origem às três unidades mencionadas acima emergiram a partir da análise e exploração dos dados, os quais foram cuidadosamente separados conforme a similaridade com a temática.

A categoria “As implicações de envelhecer à luz das desigualdades cumulativas” é definida como: os tensionamentos entre o processo de envelhecimento e as desigualdades enfrentadas ao longo da vida considerando o acesso aos direitos básicos.

Já a segunda categoria, “A vulnerabilidade da velhice quilombola como fator facilitador da prática do assédio financeiro” é anunciada como a problematização das situações de assédio financeiro a que as pessoas quilombolas envelhecidas são expostas.

A última categoria, “A educação financeira no recorte de pessoas quilombolas envelhecidas” problematiza as potencialidades, desafios e entraves da experiência de educação financeira com sujeitos quilombolas envelhecidos.

A seguir, apresentamos e exploramos as categorias/unidades elencadas acima.

6.1 AS IMPLICAÇÕES DE ENVELHECER À LUZ DAS DESIGUALDADES CUMULATIVAS

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceituou, em 2015, o envelhecimento saudável como “o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que garante o bem-estar na idade avançada” (World Health Organization, 2015, n.p.). A capacidade funcional pode ser vista como o resultado da

interação entre a capacidade intrínseca do indivíduo e as características ambientais relevantes. A capacidade intrínseca engloba tanto as capacidades físicas quanto as mentais, incluindo aspectos psicossociais. Já as características ambientais dizem respeito ao contexto de vida da pessoa, abrangendo as relações sociais (World Health Organization, 2015).

Considerando que o envelhecimento saudável é multifatorial, ou seja, é influenciado por inúmeras vertentes que desencadeiam implicações físicas, sociais, ambientais e psicológicas, discutir o envelhecimento no contexto de um quilombo rural perpassa por problematizar questões de acesso a direitos básicos que, quando negados ou negligenciados, potencializam o envelhecimento em um cenário de desigualdades cumulativas.

Abaixo, apresentamos os excertos que evidenciam que as condições de vida no território quilombola são bastante delicadas:

...Os troncos velhos dos quilombolas tinham muitos filhos. A mãe dela tinha onze filhos. Passaram muita dificuldade. A gente vivia trabalhando... Carregava água do rio Camaquã (Excerto 1 - Rincão do Inferno 04 - 29/06/23)

....A dez anos atrás tinha umas dez famílias aqui... muitos foram embora... Para chegar até o transporte tem que caminhar oito quilômetros até a estrada. (Excerto 2 - Rincão do Inferno 01 - 29/06/23)

...Já foi pior viver aqui, agora a gente tem aposentadoria. Que ajuda a segurar as contas da família... (Excerto 03 - Rincão do Inferno 03 - 29/06/23)

...Antes a gente ia a pé para escola. Andava horas e horas... Hoje a gente vive bem, tem água, tem luz... (Excerto 04 - Campos do Seu Ourique 02 - 27/06/23)

...Passamos muita fome, miséria, até pouco tempo vivíamos sem luz. A sobrevivência da gente aqui foi sofrida... Era complicada a situação. A luz chegou em 2008, 2009 por aí... (Excerto 05 - Rincão do Inferno 03 - 29/06/23)

...Depois de uma certa idade... A gente não consegue sair do rincão. Só se a

gente conseguir carona. Isso que o transporte escolar ajuda muito... Antes era muito pior... Tudo era mais difícil... (Excerto 06 - Campo do Seu Ourique 02- 27/06/23)

Analisando os excertos expostos acima, é possível perceber que as desigualdades sempre estiveram presentes ao longo da vida dos que são hoje os velhos quilombolas. Os excertos revelam que as condições de vida eram bastante peculiares com relação aos trabalhos realizados, a constituição das famílias, o acesso à saúde e a educação que vão forjando a identidade deste povo. Ramos (2015) destaca que a memória coletiva de um povo está intrinsecamente ligada aos fatos históricos, pois essa memória contribui para o fortalecimento da identidade social e exerce influência nos processos de resistência. Netto (2001, p. 45) argumenta que:

[...] a identificação e a representação da "identidade quilombola" estão diretamente ligadas aos processos sociais de resistência e luta, além de serem respostas às expressões da questão social na contemporaneidade. Isso se reflete na forma como as relações sociais são reproduzidas no contexto capitalista, marcado pela característica peculiar da relação capital/trabalho: a exploração.

Reitero que as pessoas idosas quilombolas que participaram desse estudo envelheceram em um contexto ainda mais desigual, tendo em vista que os quilombolas foram reconhecidos apenas na Constituição de 1988. A inclusão desse texto constitucional representou um avanço na reparação de uma injustiça histórica cometida pela sociedade escravocrata brasileira contra o povo negro (Brasil, 1988). A Constituição Cidadã tem apenas 36 anos. Os relatos dos participantes tornam nítido que a sobrevivência no território quilombola exigia resistência e muitas lutas diárias por direitos básicos, como transmitem os excertos seguintes.

...Aqui não tem como acessar a saúde. Não chegam nem as vacinas, porque é complicado da gente ir ao posto de saúde e não tem carro que venha até o Rincão (Excerto 07 - Rincão do Inferno 02 - 29/06/23)

...Eu to com o coração crescido pela doença do Barbeiro... Mas eu faço toda

lida porque ela já não consegue mais fazer... (Excerto 08 - Rincão do Inferno 04 - 29/06/23)

O Excerto 07 afirma que a disponibilidade de saúde é bastante precária, devido às condições de acesso aos rincões, que são caracterizados por longas distâncias e estradas com pouca ou nenhuma manutenção. O Excerto 08 retrata a vulnerabilidade de contaminação pelo barbeiro, inseto transmissor da doença de Chagas, que tanto afeta o povo quilombola. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), a doença de Chagas está incluída na lista das doenças tropicais negligenciadas. Essas doenças afetam populações que vivem em situações de pobreza e vulnerabilidade (OMS, 2020).

Cito ainda o estudo de Pereira *et al.* (2022) que afirma que é importante destacar que a doença de Chagas representa um significativo problema de saúde pública, especialmente entre populações do campo e da floresta, assim como entre povos e comunidades tradicionais, incluindo agricultores familiares, trabalhadores rurais, populações ribeirinhas, comunidades quilombolas e indígenas. Esses grupos, historicamente, enfrentam condições marcadas por desigualdades, violência e violações de direitos (Brasil, 2022).

Maluf (1999) discorre que a contaminação com a doença de Chagas ocorre com maior frequência em pessoas que residem em cidades do interior do Brasil, principalmente nas do Nordeste, em condições precárias de moradia. Essas casas eram construídas de barro, material que, sob o calor intenso, rachava e formava fendas onde o "barbeiro"¹⁸ depositava seus ovos e se escondia da luz, saindo à noite para se alimentar do sangue dos moradores enquanto dormiam. As casas construídas com barro foram, por muito tempo, a principal forma de moradia do povo quilombola. Ainda encontramos casas com estas características na comunidade estudada, conforme pode ser observado na Figura 18 desta tese.

O panorama apresentado acima corrobora com o estudo de Figueiredo *et al.* (2011, p. 131) que menciona que apesar da Constituição Federal de 1988 prever que a saúde é um direito de todos, "dentre grupos que apresentam situação de risco,

¹⁸ ***Triatoma infestans***, uma das espécies popularmente chamadas de **Barbeiro** (gênero *Triatoma*), é uma espécie de inseto da família Reduviidae que ocorre na Bolívia, Brasil, Peru, Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai, onde é bastante conhecido por transmitir a Doença de Chagas, sendo esta espécie o principal e o mais antigo vetor deste mal nas Américas. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Triatoma_infestans.

sem possuir todos os determinantes para que seja alcançada a saúde, estão as comunidades quilombolas”. Acrescento que, de acordo com Oliveira; Pereira; Guimarães; Caldeira (2015, p. 2879), as “comunidades quilombolas vivenciam situação de vulnerabilidade social, mesmo mais de um século depois da abolição da escravidão, principalmente em relação aos cuidados de saúde”.

Para além das questões de saúde, também destacamos que o fator renda acarreta movimentos territoriais que acabam por influenciar no fluxo migratório do quilombo. Os mais jovens se aventuram nos espaços urbanos em busca de melhores condições de vida, como demonstram os excertos a seguir.

...Muitos jovens foram para cidade buscar uma vida melhor... com menos sacrifícios, somos forte... aqui não tem emprego é difícil ter o dinheiro certo só os aposentados têm... (Excerto 09 - Rincão da Pedreira 02 - 27/06/23)

... As pessoas vão embora para procurar trabalho. Para sobreviver aqui tem que ter uma renda. Se a gente não fosse aposentado não ia conseguir ficar aqui... (Excerto 10 - Rincão do Inferno 03 - 29/06/23).

O estudo de Silva; Menezes (2019) aborda algumas adversidades enfrentadas pelos jovens quilombolas, como a falta de escolas que funcionem até o Ensino Médio, o que dificulta a continuidade do processo de escolarização, já que precisam se deslocar para a cidade, mas não existe transporte público na maioria das comunidades. Consequentemente, com baixa escolaridade, acabam ocupando os postos de trabalho que exigem muito do vigor físico.

Com isso, é possível notar que as adversidades ilustradas acima perduram a vida toda, conforme mostra o excerto abaixo:

...As principais características levantadas no mapeamento sociodemográfico denotam que a média de escolarização é de até seis anos. Embora haja uma escola na localidade, os participantes da pesquisa, encontraram dificuldades em acessar o direito à educação. O que acarretou ressonâncias no cotidiano destas pessoas. Que envelheceram com o direito à educação negligenciado ou negado... (Excerto 01 - pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 27/06/23).

Ainda, a Constituição de 1988 assegurou o direito à escola, porém não

conseguiu garantir o acesso e permanência efetivamente. Os participantes da pesquisa envelheceram sem esse direito concretizado. As longas distâncias percorridas a pé e a cavalo exemplificam as desigualdades para se manter próspero no sistema educacional brasileiro. O acesso à educação é um direito inviolável de todos os cidadãos, especialmente da população afro-brasileira que, desde o período da escravidão, enfrenta dificuldades para obter uma educação de qualidade devido a múltiplos fatores (Carril, 2017).

Essas desigualdades de acesso à direitos básicos tendem a ser acumuladas ao longo da vida. Desta maneira, o envelhecimento quilombola é atravessado por estas questões que implicam num processo com mais sobreposição de riscos e vulnerabilidade em campos sociais, educacionais e financeiros. Aos velhos de hoje cabe apenas mitigar os frutos do envelhecimento à luz das desigualdades cumulativas.

Já aos jovens quilombolas e adultos maduros cabe a esperança inspirada em políticas públicas relativamente recentes, como o Programa de Aceleração do Crescimento Quilombola (PAC Quilombola - 2007)¹⁹, que objetivou melhorar o acesso das comunidades quilombolas por meio da construção de estradas, abastecimento de água e, conseqüentemente, da melhoria da saúde e da educação, entre outros aspectos. Todas essas melhorias visam aprimorar a qualidade de vida dessas comunidades (Silva, 2018).

Além disso, o autor mencionado acima destaca que outros programas sociais, mesmo que indiretamente, também beneficiam essas comunidades, buscando reduzir as desigualdades. São exemplos o Programa Luz para Todos, Bolsa Família e o Programa Nacional de Habitação Rural, que faz parte do Programa Minha Casa, Minha Vida.

Santos (2014) também defende que as desigualdades raciais ainda presentes no Brasil incidem sobre as condições de vida da população negra, o que acarreta impactos no processo de envelhecimento das pessoas deste segmento da sociedade. Dannefer (2003) reitera que a idade e a teoria da vantagem/desvantagem cumulativa apresentam conexões lógicas, teóricas e empíricas claras, pois ambas estão intrinsecamente e de maneira irredutível ligadas ao passar do tempo.

¹⁹ Para informações complementares acesse BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria Especial para Políticas de Promoção de Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**. Brasília: 2005.

Logo, a vantagem/desvantagem cumulativa pode ser definida como a tendência sistêmica para a divergência entre indivíduos em relação a uma determinada característica (como dinheiro, saúde ou posição social) ao longo do tempo (Dannefer, 2003). Analisando o exposto, é possível perceber a interrelação existente entre o processo de envelhecimento quilombola e os atravessamentos das desigualdades que se acumulam com o passar dos anos, tornando a velhice quilombola ainda mais vulnerável. Silva (2021) reitera que a Constituição Federal de 1988 previu os direitos fundamentais, garantindo proteção a novos sujeitos de direito, marcados por sua vulnerabilidade, como o consumidor, o idoso e as crianças.

6.2 A VULNERABILIDADE DA VELHICE QUILOMBOLA COMO FATOR FACILITADOR DA PRÁTICA DO ASSÉDIO FINANCEIRO

Como foi discutido na unidade acima, a população quilombola apresenta fatores históricos de vulnerabilidade, devido às desigualdades que se acumulam ao longo dos anos. As questões que explicitam a vulnerabilidade estão fortemente ligadas às demandas econômicas, que se congregam sobrepondo os riscos de enfrentar a velhice em um cenário ainda mais desigual.

Deste modo, os excertos abaixo dialogam com a ideia de invisibilidade dos sujeitos quilombolas que, a partir da Constituição de 1988, passaram a despertar o interesse de vários setores, entre eles a produção cinematográfica. No contexto do Rincão do Inferno, o curta-metragem gaúcho “O Sabiá” possibilitou dar visibilidade ao modo de vida dos quilombolas, conferindo destaque às belezas naturais abundantes nestes espaços. Isso atraiu muitos turistas, o que, de certa maneira, gera renda, possibilitando práticas de consumo. O Excerto 10 denuncia que aquela comunidade estava visibilizada.

...Através do filme Sabiá a gente passou a existir. Nossa vida melhorou muito depois do filme. Antes a gente era invisível... Ninguém vinha aqui. Agora sempre tem turistas... (Excerto 10 - Rincão do Inferno 03-29/06/24)

Acrescento que o Decreto Federal nº. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 estabelece a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, como mencionado no estudo de Silva (2010, p. 05):

Povos e Comunidades Tradicionais são entendidos como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Conforme Almeida (2005, p. 1), “A Constituição de 1988 contemplou o direito à diferença e enunciou o reconhecimento dos direitos étnicos”, de modo que as comunidades quilombolas ressurgem em várias regiões do país, e seus atores sociais, antes invisibilizados, marginalizados e silenciados, começam a reivindicar os direitos que lhes cabem na nova condição de sujeitos políticos (Santos, 2013).

O Excerto 11 denota que, mesmo nesses rincões, as relações capitalistas se reinventam e retroalimentam. Marx (1962) menciona que, nessas relações, as pessoas existem umas para as outras apenas como representantes da mercadoria e, por conseguinte, como possuidoras de mercadorias.

...O pessoal vem fazer turismo por causa do Filme Sabiá, aí aproveitamos para vender doces, almoço, fazer um dinheirinho... (Excerto 11 - Rincão do Inferno 03 - 29/06/23)

As relações de consumo se atualizam a partir destes movimentos que alternam entre fornecedores e consumidores. Essas relações nem sempre são tão harmônicas e equilibradas. Nas últimas décadas, a área do Direito do Consumidor tem avançado na proteção dos vulneráveis. O direito do consumidor também foi uma conquista da Constituição Federal de 1988. O tema foi contemplado no artigo 5º, XXXII, como Princípio da ordem econômica, previsto no art. 170, V.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XXXII - o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor;

Art. 170. A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios:

V - defesa do consumidor;

Marques (2008) menciona que o desequilíbrio marca a necessidade da presunção da vulnerabilidade, tendo em vista que é uma condição intrínseca ao consumidor. A presunção de vulnerabilidade tem a finalidade de proteger os mais fracos e atingir a igualdade material, podendo ser técnica, jurídica e fática. Considerando o cenário desigual na relação de consumo, crianças e idosos apresentam um agravamento de vulnerabilidade.

De acordo com Silva (2021), o idoso apresenta hipervulnerabilidade especialmente em razão da necessidade específica de produtos e serviços diretamente ligados com a manutenção da vida, bem como em razão de abusos por parte dos fornecedores, que aproveitam da fragilidade para a contratação, justificando a proteção especial. No contexto da pesquisa, foi possível perceber que os idosos sofrem um forte assédio financeiro/publicitário. O excerto abaixo evidencia questões de assédio que são percebidos por diferentes ângulos:

...Os bancos ligam direto oferecendo dinheiro. Vem até o caminhão uma vez por vez por ano aqui. Aí a gente pode comprar móveis na prestação. Esse pessoal ainda dá empréstimo. A gente fala com o vendedor e ele resolve tudo rapidinho para liberar o dinheiro... (Excerto 11 - Rincão da Pedreira 02 - 27/06/23).

O significativo aumento na oferta de serviços financeiros e de crédito voltados para aposentados de baixa renda representa, sem dúvida, uma inovação que assegura uma nova posição dos idosos na economia brasileira. Pode-se afirmar que com o crédito consignado ocorre a inclusão definitiva dos idosos no sistema financeiro (Debert; Félix, 2024).

Uma vez que as práticas abusivas são recorrentes na oferta de crédito consignado, o artigo de Debert; Félix (2024) apresenta dados da pesquisa do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC) de 2021, que afirma que os consumidores são alvo de intensas ações de telemarketing, por meio de inúmeras ligações diárias que ofertam crédito consignado e outros produtos financeiros.

... Ao caminhar pelo território quilombola, percebo a existência de cartazes colados nas paradas de ônibus oferecendo “empréstimo consignado facilitado” para idosos e pensionistas. Chama minha atenção o fato de o

acesso ao crédito ocorrer por meio do WhatsApp (Excerto 02 – Pesquisadora – Diário de campo da pesquisadora - 27/06/23).

Candido (2007) indica que o aposentado passou a ser visto não apenas como um consumidor potencial pelo mercado, mas também como alguém que, dentro do seu círculo familiar e de amigos, pode oferecer seu nome para transações financeiras.

O estudo de Doll; Cavallazzi (2016) menciona que, apesar do fato da população idosa brasileira ter uma renda regular e estável, mesmo que baixa, a aposentadoria constitui uma garantia financeira, sendo um dos fatores que contribuem para o problema do superendividamento entre os idosos. Inicialmente, o crédito consignado era restrito a aposentadorias e pensões. Durante a pandemia de COVID-19, surgiu a possibilidade de utilizar o Benefício de Prestação Continuada (BPC) para tais empréstimos, o que também passou a ser encarado como novo nicho financeiro a ser explorado.

Outra variante relevante é a implementação de normas que regulam o crédito consignado, iniciada com a Lei 10.820, de dezembro de 2003, que atualmente permite aos aposentados e pensionistas consignarem até 35% de seus rendimentos para o pagamento de dívidas. Os excertos a seguir ilustram as estratégias utilizadas neste caso pela financeira para atrair e assediar os moradores da comunidade quilombola estudada.

...Para entender essa oferta de crédito consignado facilitado, questiono como isso ocorre. Para minha surpresa, os participantes da pesquisa comentam que todo ano vem um caminhão de uma loja de móveis e vem o atendente do banco/financeira junto. Neste dia, a comunidade realiza compra de eletrodomésticos e os aposentados fazem ou atualizam seus empréstimos na financeira que atua paralelamente à loja (Excerto 03 – Diário de campo da pesquisadora - 27/06/23).

...Estava muito curiosa com a falta da possibilidade de contratar um empréstimo consignado através do WhatsApp. Acabei perguntando como funcionava essa tomada de empréstimo. Para minha surpresa, os entrevistados revelaram que chamam o vendedor no WhatsApp e ele

encaminha tudo. O vendedor é sempre muito prestativo e atencioso, dando sempre um jeitinho de liberar o dinheiro que eles precisam.” (Excerto 04 – Diário de campo da pesquisadora - 28/06/23).

...Quando o caminhão vem aqui, eles oferecem aquele empréstimo que já sai descontado da aposentadoria. Na hora parece bom, mas depois a coisa fica feia, parece que o dinheiro não rende. Cada dia vem menos. É assustador, não entendo essa conta deles, a gente paga, paga e a conta não termina (Excerto 13 – Rincão dos Alves 03 - 28/06/23)

Debert; Félix (2024) apontam que, para o sistema financeiro, essa prática representa uma oportunidade de negócios altamente lucrativos, com riscos quase nulos. Para os aposentados, trata-se de uma opção de crédito atrativa por oferecer juros mais baixos, além de ser disponibilizada de forma rápida, simples e sem necessidade de consulta a órgãos de proteção ao crédito, mesmo para aqueles com restrições financeiras.

Por ser um negócio atraente e lucrativo para as instituições financeiras, o assédio de consumo para esses produtos tem demandado atenção do Direito do Consumidor, especialmente em relação aos consumidores idosos (Marques; Barbosa, 2019). Os juristas estão cada vez mais empenhados em proteger a população mais vulnerável. Abaixo, resgato as palavras inspiradoras do Ministro Herman Benjamin:

[...] Ao se proteger o hipervulnerável, a rigor quem verdadeiramente acaba beneficiada é a própria sociedade, porquanto espera o respeito ao pacto coletivo de inclusão social imperativa, que lhe é caro, não por sua faceta patrimonial, mas precisamente por abraçar a dimensão intangível e humanista dos princípios da dignidade da pessoa humana e da solidariedade. (REsp 931.513/RS, 1.a Seção, j. 25.11.2009, rel. p/ Acórdão Min. Herman Benjamin, DJe 27.09.2010).

Discutir o envelhecimento quilombola pelas lentes das desigualdades apresentou nuances que nos intrigam e inquietam. Logo, concluo que a inserção dos sujeitos em nossa sociedade é mediada majoritariamente pelo consumo, corroborando com as ideias que se aproximam do capitalismo parasitário de Bauman (2010), onde identifica, assedia e explora os novos nichos financeiros atualmente auxiliados pelas ferramentas tecnológicas.

Nesta analogia, os idosos detentores de renda fixa passam a ser alvo das instituições financeiras que ampliaram a oferta de produtos financeiros. Estes produtos fidelizam seus novos clientes pela força da necessidade (manutenção da vida), o que os leva ao endividamento. Questionamos quais seriam os caminhos para evitar e/ou mitigar que a população idosa, neste caso específico as pessoas idosas quilombolas, entre nessas armadilhas financeiras?

6.3 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO RECORTE DE PESSOAS QUILOMBOLAS ENVELHECIDAS

Apresento a última unidade de análise elencada, intitulada “A educação financeira no recorte de pessoas quilombolas envelhecidas”, que problematiza as potencialidades, desafios e entraves da experiência de educação financeira relatadas anteriormente.

Segundo Williams (2007), a educação financeira, aliada às medidas de proteção ao consumidor, contribui para aprimorar as habilidades de tomada de decisão e permite que os indivíduos utilizem recursos como transparência e direito de reflexão.

A experiência de educação financeira foi analisada a partir do caminho percorrido, marcado por encruzilhadas que fugiram dos caminhos lineares. Conforme Passos; Kastrup (2009, p. 11), “a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o méta-hódos em hódos-metá”. Para os autores, essa inversão se concretiza através de uma aposta na experiência. Começo retomando as características dos participantes da pesquisa.

Exibo a síntese do Quadro 6, que caracteriza a população estudada através dos eixos sociodemográfico e questões financeiras. Os participantes do estudo, com idade entre 61 e 85 anos, a maioria homens, todos se autodeclaram quilombolas. Quanto ao estado civil, a predominância é de casados, com alguns casos de viuvez. Os filhos e netos estão presentes em grande parte das famílias. A totalidade não conseguiu concluir o Ensino Fundamental, tendo alguns casos de analfabetismo. As profissões mais recorrentes foram: do lar, esquilador e trabalhador rural. Todos mencionam serem aposentados, sendo esta sua única fonte de renda. Quanto à moradia, a maioria coabita com até três pessoas.

No eixo das questões financeiras, é possível perceber que a maioria se

considera organizada financeiramente, muitos já passaram por situações complicadas com dívidas. Dos 17 participantes, apenas seis conseguem planejar suas compras antecipadamente. Contraditoriamente, somente dois participantes afirmam que fazem algum tipo de controle financeiro.

É bastante interessante o fato de que dezesseis participantes já receberam ligações de bancos e financeiras oferecendo crédito consignado facilitado. Ainda, o crédito consignado é o mais usado em situações de aperto financeiro. Sete participantes mencionam que possuem empréstimos ativos. A totalidade não foi vítima de golpes financeiros. A maioria afirma que sua renda não é suficiente, todos se comunicam através dos aparelhos celulares e acompanham as notícias por meio da rádio comunitária quilombola.

Tendo como ponto de partida a síntese apresentada acima, essa unidade de análise busca responder às seguintes questões mobilizadoras: Como possibilitar uma experiência de educação financeira que respeite o contexto e as peculiaridades do povo quilombola? Como manter o interesse e o envolvimento dos participantes com os recursos disponíveis? Como contribuir com a educação financeira desta comunidade quilombola? Ao longo da experiência outras inquietações foram nutrindo a pesquisa.

A etapa de planejamento considerou também os excertos produzidos durante a entrevista inicial, buscando compreender questões financeiras que possibilitem novas aprendizagens ou indiquem fragilidades e vulnerabilidades. A seguir exibimos a coleção de excertos:

...Fiz empréstimo, mas não faço mais. Os juros são muito altos, sai muito caro... parece que não tem fim a conta nunca” (Excerto 14 – Rincão do Inferno 02 - 29/06/23)

...Uma vez entrei num empréstimo, bah foi muito difícil sair daquela conta. Quando eu achava que ia receber o banco já tinha pegado quase tudo. Ainda bem que meu marido me ajudou, porque aquilo estava virando uma bola gigante de dívidas (Excerto 15 – Rincão dos Alves 04 - 28/06/23)

Os excertos acima tornam nítido que o tema empréstimo consignado é uma preocupação recorrente entre os participantes. A Constituição Federal de 1988

também possibilitou que quilombolas tivessem acesso à aposentadoria através do Regime de Segurados Especiais da Previdência Rural²⁰.

Cabe lembrar que ainda não existe um regime previdenciário específico para essa parcela da população. As pessoas quilombolas envelhecidas passaram a ter renda fixa e estável. O estudo de Debert; Félix (2024) menciona que a modalidade de crédito mais escolhida é o crédito consignado, por oferecer taxas de juros reduzidas e rapidez na concessão. Também é possível observar, analisando os dados do Quadro 6, da entrevista inicial, que a maioria dos participantes desta pesquisa optou por utilizar o crédito consignado.

Além disso, as pesquisas qualitativas indicam que grande parte da demanda pelo crédito consignado está relacionada à assistência prestada aos filhos e netos. Nesse contexto, observa-se uma recomposição intergeracional, pois o crédito consignado “evidencia que, em muitas famílias, não são os filhos que auxiliam os mais velhos, mas, ao contrário, a figura do idoso adquire um papel econômico nas famílias que utilizam o crédito facilitado concedido aos aposentados” (Debert; Giufrida, 2013, p. 21).

O estudo de Doll; Cavallazzi (2016) constatou que o principal motivo para a contratação de um empréstimo consignado é ajudar a um familiar. Dos entrevistados, 37,7% dos idosos relataram ter realizado pelo menos um empréstimo consignado com essa finalidade. A facilidade de obtenção do crédito consignado, que oferece juros mais baixos, cria um cenário em que tanto os idosos quanto seus familiares se sentem incentivados a formalizar um empréstimo em nome do idoso, visando beneficiar um terceiro que, geralmente, se compromete em honrar a dívida.

Entretanto, uma pesquisa recente conduzida pela Fundação Getúlio Vargas-São Paulo indica uma tendência diferente: os idosos estão cada vez mais contratando esse tipo de empréstimo, não tanto para transferências intergeracionais, mas para cobrir suas próprias despesas relacionadas à saúde (FGV, 2023). Os excertos abaixo indicam que o orçamento familiar dos entrevistados é bastante reduzido e que muitas vezes a renda não cobre a totalidade das despesas.

...Já fiz empréstimo para sair um pouco das contas... Pagar um pouco a caderneta do armazém... (Excerto 16 - Campo do Seu Ourique 01 - 27/06/23)

²⁰A aposentadoria concedida ao trabalhador que exerce atividade majoritariamente no campo. disponível em: <https://encurtador.com.br/cxDvj>.

...A gente vai pagando as contas e depois ver o que sobra. Geralmente não sobra nada... mau dá para pagar as contas... (Excerto 17 - Rincão da Pedreira 02 - 27/06/23).

No que diz respeito ao uso do crédito consignado, as pesquisas indicam que, na maioria das vezes, o empréstimo é contratado para quitar dívidas. O estudo de Debert; Félix(2024) apresenta dados da pesquisa realizada pelo Instituto Plano CDE, onde entre 45% e 50% dos representantes das classes C, D e E afirmam que a principal finalidade dos empréstimos contratados em 2022 foi ou seria para cobrir despesas com alimentação e contas mensais (Debert; Félix, 2024).

Ainda, os atravessamentos das desigualdades sociais impõem o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência. Os empréstimos, como condição para a reprodução da vida, transformam o endividamento num ciclo que se reproduz constantemente (Debert; Félix, 2024, p. 9), onde os sujeitos passam a contrair empréstimos para pagar contas cotidianas.

Já os excertos abaixo possibilitam refletir sobre quais gastos compõem o orçamento dos idosos. Os mesmos ilustram que os medicamentos possuem um peso significativo no final do mês. Segundo Debert; Félix (2024), na saúde, a financeirização da velhice se manifesta, como argumentado aqui, pelo endividamento dos idosos para atender às suas necessidades, devido à ausência do Estado ou, mais especificamente, à dificuldade de acesso aos serviços públicos, como é o caso do SUS.

....Quando a gente fica velho precisa tomar remédio e nem tudo a gente consegue pegar no posto de saúde. Aí a conta com remédio aumenta bastante. A conta dos remédios come na mesa com a gente. Não é fácil, a gente tem que se virar para o dinheiro dá... (Excerto 18 - Rincão da Pedreira 04 - 27/06/23)

...No armazém é tudo caro, só compramos numa necessidade, tem caderneta na hora do aperto ajuda bastante. E lá tem até gás, gasolina. Vende de tudo um pouco (Excerto 19 - Campo do Seu Ourique 02- 27/06/23)

Segundo Doll; Cavallazzi (2016) e uma pesquisa do Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC, 2021), o crédito resulta no endividamento dos idosos e na desvalorização das aposentadorias e pensões em razão dos juros mensais cobrados pelas instituições financeiras. À medida que a renda mensal fica comprometida, a sobrevivência passa a ser um desafio que pode resultar em um poço de dívidas.

Segundo Cavallero; Gago (2019), isso representa uma nova forma de exploração e uma maneira de gerar lucros por meio da dívida; trata-se de uma ofensiva do capital contra os setores subalternos, que envolve o que elas denominam de colonização financeira da reprodução social.

Como etapa seguinte da análise, apresento o desafio de planejar e viabilizar a experiência de educação financeira. Entro em um momento de tensionamento entre a professora e a pesquisadora. Abaixo, exponho os excertos que ilustram todo o processo de construção da intervenção. O conteúdo dos excertos evidencia que a pesquisa seguiu caminhos não lineares, corroborando com Morin (2005, p. 177), que anuncia que “o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza”.

... Ao finalizar a análise preliminar percebo que pensar uma experiência de educação será um grande desafio, tendo em vista que o público-alvo possui até seis anos de escolarização. Todos os modos tradicionais de ensinar e aprender passam pelo domínio da leitura /escrita principalmente quando falamos de adultos. (Excerto 05 – Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 30/06/23).

As ações que orientaram o trabalho de planejamento buscaram respeitar e valorizar o contexto cultural e suas especificidades. A prática do professor pesquisador-reflexivo toma por base o processo de que “conhecer o humano não é separá-lo, mas situá-lo” (Morin, 2001, p. 24) nos múltiplos contextos existentes, sejam eles culturais e sociais, sejam geopolíticos e geoeconômicos.

... A ideia inicial era realizar uma intervenção presencial, mas ao explorar o território percebo que as distâncias a serem percorridas representam um fator limitador. Por um momento imaginei que não conseguiria realizar a intervenção, mas ao mesmo tempo sinto que preciso contribuir de alguma

maneira com essa comunidade tão castigada pelas desigualdades que se acumulam (Excerto 06 – Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 30/06/23).

Segundo Morin (2003), é necessário reunir os saberes para alcançar uma compreensão mais ampla do universo, conectando cada informação ao seu contexto, de forma que o todo organizado gere qualidades e propriedades que não se encontram nas partes de forma isolada.

Não há problema em refazer a ordem a partir do caos. Neste cenário, significa pensar estratégias didáticas capazes de mobilizar os participantes da pesquisa para novas aprendizagens. Esse modo de ver entende que somente por meio de uma educação como prática de liberdade – que seja reflexiva, questionadora, dialógica e emancipadora – e não de uma educação bancária, que é alienante, não questionadora, antidialógica e opressora, é que os indivíduos poderão superar a dominação em que se encontram e alcançar sua plena humanização (Freire, 2013).

[...] espera-se que o profissional da educação seja um sujeito crítico, reflexivo, um intelectual transformador, capaz de compreender o contexto social-econômico-político em que vive. Ou seja, não se deve confundir o intelectual com o especialista em alguma área do conhecimento, mas sim ter em mente que ele é o sujeito capaz de ter uma visão do todo, além de estar comprometido com a ética e a política. Que ele então esteja atento à intencionalidade de sua ação, questionando continuamente seu saber e agir, articulando o conhecimento sobre educação com sua práxis educativa, com 7 flexibilidade para inventar caminhos quando a situação concreta exige soluções criativas. Enfim, que participe ativamente no propósito da emancipação humana (Aranha, 2006, p. 47)

Os excertos apresentados abaixo apontaram caminhos para a construção de estratégias didáticas potencializadas pelo exercício da criatividade e invenção. Pensar a educação financeira através da rádio comunitária, canal midiático dirigido pela comunidade, exigiu a parceria com os líderes desta.

...Aqui a gente fica sabendo das notícias através da rádio comunitária, do celular. É o jeito mais fácil de ficar por dentro de tudo (Excerto 19 - Rincão da Pedreira 04 - 27/06/23)

...Mais uma vez me pego pensando como criar uma intervenção financeira com os recursos que tenho. Constatei no momento das entrevistas que todos

idosos utilizavam celular (Excerto 07- Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 30/06/23).

Neste sentido, a tecnologia utilizada para assediar financeiramente, através do WhatsApp, também possibilitou ensinar na perspectiva de Freire (2013), que propõe a educação como um espaço de diálogo, autonomia e conscientização, onde o indivíduo reflete sobre o mundo e sobre si, libertando-se de uma visão fatalista da sociedade e da história.

... O personagem Genésio, homem do campo, potencializou a aprendizagem de conceitos da educação financeira. A criatividade e inventividade foram disparadores para discutir a utilização do dinheiro em um contexto tão desigual. Cada detalhe da série de podcast foi pensado para envolver e mobilizar os participantes. O desafio de realizar a intervenção por meio da rádio comunitária foi algo que exigiu minha reinvenção enquanto professora e pesquisadora (Excerto 08 – Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 30/08/23).

Segundo Morin (2020, p. 57), "a criatividade do universo físico é sistêmica" e não existe outra maneira de observar ou investigar a criatividade na ciência. Isso ocorre porque novas qualidades criativas surgem de derivados ou associações que geram diversidade e criam emergências, as quais evocam a criatividade. A emergência criada neste caso foi dar conta da proposta anunciada acima.

... Estratégias didáticas definidas, engana-se quem acredita que o problema está resolvido. A produção da série de podcast ainda envolvia a tarefa de tornar o conhecimento de educação financeira acessível ao público-alvo. Como explicar temas como orçamento, reserva de emergência, endividamento, fontes de renda, receita, despesas sem utilizar as ferramentas de ensino tradicional? (Excerto 09 – Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 15/10/23).

Conforme Lima e Almeida (2018), para a educação financeira ser eficaz entre os idosos, é fundamental que as políticas públicas sejam adaptadas para considerar

as diferentes realidades sociais e econômicas desse grupo. Isso inclui o desenvolvimento de materiais educativos em linguagem clara, a oferta de cursos presenciais e online que consideram as limitações de mobilidade e tecnologia, além da capacitação de profissionais para atuar diretamente.

... A proposta só faria sentido se de fato a informação chegasse até os rincões, fosse compreendida pelos sujeitos quilombolas envelhecidos. A partir dos dados produzidos, não seria ético, moral, desenvolver uma proposta que não permitisse situações de aprendizagens reais (Excerto 09 - Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 15/10/23).

Propor uma experiência de educação financeira para o povo quilombola na comunidade na qual atuei tantos anos é sobretudo uma oportunidade de refletir enquanto humano, questionando o que nos mobiliza e no que acreditamos; também, em qual projeto de sociedade queremos viver?

A essência humana existencia-se, autodesvelando-se como história. Mas essa consciência histórica, objetivando-se reflexivamente surpreende-se a si mesma, passa a dizer-se, torna-se consciência historiadora: o homem é levado a escrever sua história. Alfabetizar-se é aprender a ler essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que há de vir. O destino, criticamente, recupera-se como projeto (Freire, 2013, p. 20).

... Pensando em permitir situações de aprendizagem, planejo ensinar questões de educação financeira a partir da problematização do dinheiro no campo. Criar essas problematizações fez com que eu refletisse o quanto tornamos alguns conceitos mais difícil de entender e acabamos reproduzindo uma educação bancária que não valoriza a história dos sujeitos. (Excerto 10- Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 15/10/23).

Para Freire (1989, p. 24), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Considerando essa afirmação de Paulo Freire, é possível visualizar um caminho com novas possibilidades de aprendizagens que vão além de mera reprodução e passam pelo desafio de construir uma experiência de educação financeira impulsionada pela criatividade e pela invenção.

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura de mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitando ou sugerido ou escondido no que chamo de “leitura do mundo”, que precede sempre a “leitura da palavra” (Freire, 1996, p. 81).

É fértil a aproximação teórica de Paulo Freire e Morin no sentido de propor uma educação fundada no diálogo. Freire (1996) afirma que é limitado ensinar com uma abordagem de educação bancária. A convergência entre as ideias de Morin (1999) e Freire (1996) torna-se evidente na crítica e na necessidade de promover diálogos críticos que ajudem a superar sistemas opressores. Esses sistemas mantêm o conhecimento preso a verdades absolutas e inquestionáveis, o que induz ao erro e à ilusão, além de impedir a reforma necessária do pensamento.

Os sistemas opressores possibilitam que as desigualdades se perpetuem, principalmente no âmbito educacional. A experiência de educação financeira proposta potencializa discutir o quanto tornar o conhecimento acessível pode ser emancipador e transformador em nossa sociedade

Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisa. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa a problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna (Freire, 1996, p. 144).

Em outras palavras, à educação cabe a tarefa de tornar possível uma leitura crítica que ultrapasse a educação bancária e que considere amorosamente o contexto de que está na figura de aluno, ainda que fora dos espaços formais como é o caso desta experiência de educação financeira.

... Como material delineado vou atrás de efetivar a parceria com a Rádio comunitária Quilombola. Uma experiência de educação financeira pensada a partir do diálogo não pode abrir mão desta disponibilidade de envolver a comunidade. A ideia é que possamos compreender a educação financeira para além de questões pontuais isoladas. Talvez uma educação financeira

emancipatória que se aproxime da educação emancipatória proposta por Paulo Freire (Excerto 11 – Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 10/03/24)

Nesta proposta, é vital conhecer e valorizar os conhecimentos destes sujeitos para enriquecer as situações potencializadoras de aprendizagens. Cabe ao educador o exercício de reconhecer as hipóteses temáticas férteis para propor a discussão.

O professor desvenda a realidade e cria conhecimento do mundo. Os alunos nessa visão desenvolvem o poder de refletir criticamente sobre a maneira como existem no mundo e “passam a ver o mundo não como uma realidade estática, mas como uma realidade em processo, em transformação” (Freire, 1970, p. 71)

Os excertos abaixo ilustram o quanto as interações mediadas pela tecnologia disponível ensejam reflexões a partir da capacidade de mobilização e envolvimento alimentada pelas histórias do Genésio, personagem que compartilha dificuldades semelhantes às vividas no quilombo. Como o personagem é velho, tem direito de fala conferido pela sua experiência. Fato que é algo respeitado e cultuado nos territórios quilombolas.

... Quando a série do podcast começa a ser transmitida percebo através das interações no grupo de whatsapp o quanto o personagem Genésio foi capaz de mobilizar novas reflexões. A constituição do personagem permitiu uma aproximação e uma partilha empática sobre as dificuldades enfrentadas com o dinheiro (Excerto 12 – Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 10/03/24)

... É verdade, a gente sempre está precisando de um dinheirinho a mais. Não tinha pensado em ir separando um pouco do que entra quando vendemos um bicho e fazemos um bico. Guardar para um caso de precisão. Tchê, o seu Genésio é um homem que sabe das coisas (Excerto 20 - Rincão do Inferno 05 - 15/03/24)

... Nossa, esses casos do Genésio são parecidos com o que a gente vive.

Já fiquei com a corda no pescoço pela falta de dinheiro muitas vezes. Bem assim como ele disse: um bicho fica doente, um familiar precisa e aí a coisa fica feia (Excerto 21 - Rincão do Inferno 02 - 29/03/24)

As interações que ocorreram na intervenção possibilitaram perceber o quanto uma temática próxima da comunidade trabalhada pode ensejar a reflexão a partir de situações cotidianas. O quanto questões do homem do campo podem incentivar a discussão de temáticas comuns na educação financeira.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (Freire, 1996, p. 145-146).

Com relação às entrevistas de avaliação (retomada) da experiência da educação financeira, foi possível perceber, conforme Quadro 7, que os participantes se identificaram com o personagem e acolheram a proposta. Os excertos abaixo ilustram essa mobilização.

... Ouvir as mensagens do Genésio na nossa rádio foi bem bom, porque geralmente as pessoas não se importam muito com essas coisas (Excerto 22 - Rincão da Pedreira 04 - 27/09/23)

... A gente aprendeu bastante com os causos. A reserva de emergência, aquele dinheiro que tem que ter guardado porque a gente nunca sabe quando vai precisar. Quando a gente não tem e como seu Genésio diz a arapuca dos banco nos pega (Excerto 23 - Rincão da Pedreira 02 - 27/07/23)

...gostei mais de entender como funciona esse negócio de crédito consignado. É verdade, as prestações vão juntando e quando a gente mal sobra pra comer, o banco pega tudo e a gente precisa ir renovando esse empréstimo (Excerto 24 - Rincão do Inferno 05 - 15/07/24)

... Os causos eram muito igual as coisas que acontecem com a gente . Bah, aquele do bicho ficar doente e a gente ficar sem dinheiro, vivi muito isso. Às

vezes o dinheiro é curto não bem nem um gasto a mais. Ali ele deu uma ideia boa de como manter as coisas em ordem” (Excerto 25 - Rincão dos Alves 03 - 20/07/24)

Empreender uma experiência de educação financeira e perceber na avaliação através dos relatos que o caminho percorrido frutificou me fortalece enquanto professora. Conforme Freire (1991, p. 80), a formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano. A intervenção não possui um escopo capaz de sanar todas as questões pretendidas, porém pode auxiliar na reflexão de como as estratégias didáticas e os caminhos metodológicos rizomáticos podem contribuir.

Para finalizar o capítulo de análise, cito a última coleção de excertos desta tese que dão conta das discussões propostas no encontro “Nossas memórias”.

... a partir das avaliações da intervenção, organizei a problematização que resgatou conceitos abordados durante a série de podcast. A intencionalidade pedagógica consiste em visitar conceitos. O último exercício de criatividade e invenção momentaneamente nesta proposta desafiadora de discutir financeira com quem aprendeu desde muito pequeno que o dinheiro (renda) chega raramente de forma igualitária a todos os lugares... (Excerto 13- Pesquisadora - Diário de campo da pesquisadora - 10/10/24)

Sempre achei que era complicado esse negócio de dinheiro, que a gente podia ser enrolada pelo pessoal do banco. Mas aprendi que a gente tem que perguntar, ir atrás de saber. E quando oferecerem dinheiro emprestado, fácil tomar cuidado porque esse dinheiro pode sair muito caro no final... (Excerto 26 - Rincão da Pedreira 01- 17/10/23)

Dito isso, Willians (2007) argumenta que a educação financeira pode contribuir, porém, ela não abarca a resolução de todas as demandas financeiras. O Estado precisa assumir sua parcela de responsabilidade na promoção do bem-estar dos consumidores, principalmente quando o contexto é permeado por desigualdades. Estudo de Costa e Silva (2021), corrobora mencionando que a educação financeira precisa ser complementada por políticas rigorosas de proteção

ao consumidor, para evitar que os idosos, frequentemente mais vulneráveis, sejam explorados por instituições financeiras.

7 AS RESSONÂNCIAS DAS ANDANÇAS PELOS RINCÕES

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Paulo Freire).

Neste capítulo, apresento as ressonâncias que foram sendo atualizadas em formato de estudos de construção teórica e trabalho empírico produzidos ao longo da construção da tese. Estes estudos foram nutrindo minha trajetória de pesquisa. Ainda, destaco o quão importante foi o apoio financeiro do Centro de Estudos Alemães e Europeus (CDEA)²¹, que viabilizou, por meio do prêmio disponibilizado pelo edital 02/2024, minha participação em eventos fora do país. Ouso dizer que concluo essa jornada de doutoramento transformada pelas experiências oportunizadas durante o curso. O Quadro 10 apresenta os trabalhos desenvolvidos.

Quadro 10 - Participação em eventos e trabalhos publicados

Título	Autoria	Modalidade	Data	Local	Publicação
O celular como possibilidade de inclusão digital de pessoas idosas quilombolas de Palmas-Bagé/RS,	PINTO, A. S; DOLL, J	Apresentação oral	Out/2023	Simpósio Internacional de Inclusão Digital de Pessoas Idosas (SIDI) Participação: Online	Resumo-Anais do Evento
Educação do Campo construída a partir de educação Homem-Mundo	SOUZA, R. E. A; PINTO, A. S	Apresentação oral	Out/2023	Encontro Franco-Luso Brasileiro de Educação Popular Participação: Online	Carta pedagógica-Anais do Evento (em processo)
Rincão do Inferno ou Paraíso pedagógico	PINTO, A. S; SOUZA, R. E. A	Apresentação oral	Out/2023	Encontro Franco-Luso Brasileiro de Educação Popular Participação: Online	Cartão postal pedagógico - Anais do Evento (em processo)
Entre	PINTO, A. S;	Apresentação	Nov/2023	XXXI Seminário	Trabalho

²¹O CDEA é um centro científico de ensino, pesquisa e informação, fomentado pelo DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) com verba do Ministério das Relações Exteriores alemão, sediado na PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Trata-se de um projeto de 5 anos que visa fomentar uma nova geração de cientistas e pesquisadores brasileiros em estudos interdisciplinares sobre temas atuais da Europa e Alemanha úteis ao contexto brasileiro e Latino-americano. Essas informações podem ser acessadas em: https://cdea.tche.br/site/?page_id=3764.

desigualdades e resistências nas escolas do campo: Uma revisão de literatura nos periódicos CAPES período de 2018-2023	LOPES, D. L	oral		Internacional de Investigación sobre la Formación de profesores Mercosur-Cono Sur Participação: Online	completo - Livro com anais do evento
O panorama dos 20 anos da lei 10.639/03 e suas ressonâncias para a Educação Antirracista	LOPES, D. L.; PINTO, A. S	Artigo	Jul./2024	https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/issue/view/668	Revista Eventos Pedagógicos. Qualis: A4
Possibilidades de Educação Financeira na perspectiva do envelhecimento.	PINTO, A. S; HOLLERWEGER, L.	Capítulo de Livro	Ago./2024	https://www.researchgate.net/publication/383233032_Educacao_e_envelhecimento_perspectivas_e_tendencias	Educação e Envelhecimento - Perspectivas e Tendências
Connection to the World-older afro-brazilian quilombolas and their information and communication technologies	PINTO, A. S; DOLL, J	Apresentação oral	Set./2024	14th World Conference of Gerontechnology, em Frankfurt am Main, Alemanha ²²	https://journal.gerontechnology.org/currentIssueContent.aspx?aid=3477
Altersarmut in unterschiedlichen Kontexten: Deutschland und Brasilien.	DOLL, J; KOHLRAUSCH, E; PINTO, A. S	Apresentação oral	Set./2024	Gerontologie und Geriatrie Kongress 2024, em Kassel, Alemanha	https://www.gerontologie-geriatrie-kongress.org/files/ggkongress/2024/202409_kassel_abstractband.pdf
Community-based Financial Education	PINTO, A. S; DOLL, J; CAVALLAZZI, R. L.	Apresentação oral	Set./2024	1st European Conference of the International Association of Consumer Law, em Cambridge, Inglaterra.	
Educação Financeira para pessoas idosas: fundamentos	DOLL, J; PINTO, A. S.	Apresentação oral	Out./2024	V Congresso Brasileiro de Gerontechnologia	Revista Estudos Interdisciplinares sobre

²² Neste evento foi contemplada com apoio financeiro na modalidade bolsa da International Society for Gerontechnology.

para uma tecnologia social					Envelhecimento Qualis: A3
----------------------------	--	--	--	--	------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Essas produções foram intensificadas com as discussões empreendidas no grupo de orientação. A partilha dos avanços nas pesquisas possibilita aprendizagens por meio da problematização da temática dos colegas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos capítulos anteriores, compartilhei o desafio empreendido na elaboração desta tese. Que objetivou construir e implementar uma intervenção de educação financeira com os quilombolas envelhecidos de Palmas, Bagé-RS. A pesquisa cartográfica permitiu explorar o território, exercitando o olhar atento e a escuta afinada das demandas dos participantes do estudo.

Na primeira fase do estudo, foi contemplado o objetivo específico de mapear os aspectos socioeconômicos da população idosa do quilombo de Palmas, Bagé-RS. Podemos destacar que os quatro rincões que compõem esta região foram visitados e tiveram as características da população idosa catalogadas. Nesta etapa, foi possível perceber que os cidadãos quilombolas enfrentam dificuldades para acessar direitos básicos como: saúde, educação, renda, mobilidade, moradia, entre outros. Essas dificuldades acabam por acarretar desigualdades que se acumulam e marcam o processo de envelhecimento. Os participantes da pesquisa envelheceram em um cenário ainda mais desigual, tendo em vista que a Constituição Federal de 1988, que reconheceu os direitos destes povos tradicionais, tem apenas 36 anos.

A partir dos argumentos expostos acima, apresento o segundo objetivo específico que versou sobre problematizar como as desigualdades cumulativas podem influenciar no processo de envelhecimento no quilombo, que foi efetivado através das discussões desenvolvidas considerando falas, narrativas dos entrevistados e a articulação com estudos que apontam aspectos similares encontrados na comunidade.

No transcorrer da pesquisa, constatei que as dificuldades enfrentadas são potencializadas pelas longas distâncias percorridas entre os rincões e a rede de apoio viabilizada pelo poder público. Muitas vezes, a informação chega através dos celulares e pela rádio comunitária do quilombo, que serve como um elo na comunidade. Contudo, não posso deixar de mencionar que, mesmo diante destas longas distâncias, o assédio financeiro chega por meio de ligações celulares que oferecem crédito consignado de forma rápida e sem burocracia.

Essa condição de crédito facilitada só foi possível após o advento das aposentadorias em regime especial para os sujeitos quilombolas, que também foi conquistada a partir da Constituição Federal de 1988. O fator positivo é a garantia de uma renda fixa e estável, mesmo que baixa, para as pessoas idosas. O fator

negativo é que elas se tornam vulneráveis ao assédio por parte das instituições financeiras, que passaram a encarar esses sujeitos como novo nicho de consumidores de produtos financeiros.

Muitas vezes, ao consumir esses produtos financeiros, são envolvidos em uma fidelização de crédito pela necessidade, visto que a renda da maioria dos aposentados é insuficiente para manter itens básicos como: medicamentos, alimentos, gás de cozinha e tarifa de iluminação. Este contexto tem demandado atenção do Direito do Consumidor, que está viabilizando formas de proteção aos vulneráveis, uma delas é ações de educação financeira como alternativa de prevenção ao endividamento e superendividamento.

O último objetivo específico visou identificar desafios e potencialidades em relação à educação financeira dos quilombolas envelhecidos. Este objetivo foi atendido a partir da análise criteriosa da entrevista inicial, das observações durante a primeira fase da pesquisa. Aponto como principais desafios as longas distâncias percorridas até os rincões, a variante escolaridade de até seis anos, casos de analfabetismo, dificuldade de locomoção de alguns participantes e o baixo orçamento para a realização da intervenção. Destaco como potencialidades a vontade dos entrevistados de participar da intervenção, a utilização em todas as famílias visitadas dos aparelhos celulares, a receptividades e a acolhida da pesquisadora na comunidade e a parceria com os dirigentes da rádio comunitária do quilombo.

Assim, o segundo e o terceiro objetivos específicos foram contemplados na segunda fase da pesquisa. Com relação ao objetivo geral, foi atingido na terceira fase da pesquisa com a produção e veiculação da série de podcast “Dinheiro no campo”, com posterior avaliação e encontro de memórias para resgatar conceitos trabalhados durante a intervenção. Os participantes da pesquisa se mobilizaram e se envolveram com as atividades propostas ao longo da intervenção.

Deste modo, evidencio a relevância de pensar ações de educação financeira que considerem o contexto dos sujeitos e possam se opor a práticas que se aproximem da educação bancária descrita por Paulo Freire. Pensar propostas pelas lentes das desigualdades pressupõe que a temática educação financeira seja multidisciplinar, abarca inúmeras contribuições da área do direito, da sociologia, da educação, entre outras. Não é possível entender a mesma apenas por um

fragmento, é necessário considerar a complexidade que há no todo, que é maior que a soma das partes, como menciona Morin.

Apresento a tese que versa sobre: A falta de acesso a recursos financeiros e educação financeira entre quilombolas atua como um fator de perpetuação das desigualdades, resultando em um envelhecimento marcadamente desigual. Esse fenômeno está enraizado em um histórico de opressão e exclusão econômica, iniciando-se no período escravocrata e refletindo-se até os dias atuais. Tal exclusão econômica dificulta o acesso à educação, saúde e bem-estar básicos, reforçando a dependência de políticas públicas que, apesar das garantias constitucionais de 1988, são insuficientes para reduzir essas desigualdades. Ao explorar as lacunas de renda e de educação financeira, este estudo evidenciou como essas barreiras acumulativas moldam as trajetórias de envelhecimento e perpetuam um ciclo de vulnerabilidade para a população quilombola.

Portanto, a educação financeira pode contribuir para a melhoria nas condições de vida e bem-estar dos sujeitos quilombolas, porém, ela deve vir acompanhada de políticas públicas atuantes que atendam às necessidades básicas dos cidadãos quilombolas, garantindo uma renda digna na velhice. Além disso, são necessárias ações de monitoramento de assédio financeiro para evitar que os aposentados, especialmente os quilombolas, sejam explorados por instituições financeiras.

REFERÊNCIAS

ARKEL, Henk et al. **Onde está o dinheiro?** Pistas para a construção do movimento monetário mosaico. Porto Alegre: Dacasa, 2002.

ANDRADE, Lúcia. Terra de Preto. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, n. 14, p. 18-23, 1998.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. São Paulo: Edusc, 2006.

BALTES, Paul B. Theoretical propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. **Developmental Psychology**, Washington, DC, v. 32, n. 5, p. 611-626, 1987.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTGNAT, P.; ESTREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik. São Paulo: UNESP, 1997. p. 185-227.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida à crédito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Z. **Capitalismo Parasitário**: e outros temas contemporâneos. Tradução de Eliana Aguiar. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. **Diogène**, Paris, v. 1, n. 225, p. 70-88, 2009.

BRASIL. **Lei nº 1.074/2003, de 01 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Doença de Chagas: 14 de abril – Dia Mundial. **Boletim Epidemiológico**, Brasília, v. 51, n. esp., p. 1-43, abr. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/doenca-de-chagas/arquivos/be-numero-especial-doenca-de-chagas-14-de-abril-dia-mundial-2020.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010**. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2010. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=7397&ano=2010&ato=253MTV65EMVpWTb17>. Acesso em: 11 dez. 2024.

BUAES, Caroline Stumpf. **Sobre a construção de conhecimentos**: uma experiência de educação financeira com mulheres idosas em um contexto popular.

2011. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BUAES, Caroline Stumpf. Educação Financeira com Idosos em um Contexto Popular. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p.105-127, 2015.

CALDAS, Célia Pereira. O idoso em processo demencial: o impacto na família. *In*: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA Jr, C. (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 51-71.

CAMARANO, Ana Amélia. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002 (Texto para Discussão, 858).

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. *In*: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 253-292.

CAMPELO E PAIVA, Sálvea de Oliveira. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. São Paulo: Cortez, 2014

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22 n. 69. p. 539-564, 2017. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, SP, Brasil.

CARVALHAES, Flavio; CHOR, Dóra. Posição socioeconômica, idade e condição de saúde no Brasil. **Revista Brasileira De Ciências Sociais - RBCS**, São Paulo, v. 31, n. 92, p. 1-27, 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil – o longo caminho**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CONSTANZI, Rogério; ANSILIERO, Graziela. **Os efeitos do envelhecimento na Previdência Social Brasileira e as Aposentadorias Precoces**. Brasília, DF: IPEA, 2017.

DANNEFER, Dale. Aging as intracohort differentiation: Accentuation, the Matthew effect, and the life course. *In*: **Sociological forum**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1987. p. 211-236.

DANNEFER, Dale. Cumulative advantage/disadvantage and the life course: Cross-fertilizing age and the social science theory. **Journal of Gerontology: Social Sciences**, v. 58, p. 327-337. 2003.

DANNEFER, Dale. Enriching the tapestry: Expanding the scope of life course concepts. **Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 67, n. 2, p. 221-225, 2012.

DANNEFER, Dale. Systemic and reflexive: Foundations of cumulative dis/advantage and life-course processes. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 75, n. 6, p. 1249-1263, 2018.

DANNEFER, Dale; HAN, Chengming; KELLEY, Jessica. Beyond the “haves” and “have nots”. **Generations**, v. 42, n. 4, p. 42-49, 2018.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? *In: Michel Foucault*, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

DOLL, Johannes; CAVALLAZZI, R. L. Crédito consignado e o superendividamento dos idosos. **Revista de Direito do Consumidor**, São Paulo, v. 107, n. 25, p. 309-341, 2016.

DOLL, Johannes. Educação e Envelhecimento: fundamentos e perspectivas. **A Terceira Idade: Estudos Sobre o Envelhecimento**, São Paulo, v. 19, n. 43, p.7-26, 2008.

DOLL, Johannes. Educação e Envelhecimento: desafios no mundo contemporâneo. *In: ANICA, Aurizia; FRAGOSO, António; RIBEIRO, Carlos; SOUZA, Carolina de. (OrgS.). Envelhecimento Ativo e Educação*. 1 ed. v.1. Portugal: Faro, 2014. p. 5-17.

DOLL, Johannes. Educação no processo de envelhecimento. *In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 1598-1603.

DOLL, Johannes; KOHLRAUSCH, Estela; PINTO, Adriana da Silva. Altersarmut in unterschiedlichen Kontexten: Deutschland und Brasilien. **Zeitschrift für Gerontologie + Geriatrie mit European Journal of Geriatrics**, vol. 57, n 2, 2024.

DOLL, Johannes; MACHADO, Letícia Rocha; CACHIONI, Meire. O idoso e as Novas Tecnologias. *In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. Cap. 157. p. 1613-1621.

DOLL, Johannes; HOLLERWEGER, Leonéia. Educação financeira para adultos maduros e idosos: Uma análise de propostas. *In: 40ª Reunião Nacional da ANPEd, 2021, Belém. Anais [...]*. Belém, ANPEd. p. 1-5. Disponível em: https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_3_18. Acesso em 27 out. 2024.

DOLL, Johannes; PINTO, Adriana da Silva. Educação Financeira para pessoas idosas: fundamentos para uma tecnologia social. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, 2024.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline. Educação e Envelhecimento. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9-15, jan./mar. 2015.

ELO, Irma T.; PRESTON, Samuel H. Educational differentials in mortality: United States, 1979–1985. **Social science & medicine**, v. 42, n. 1, p. 47-57, 1996.

ESTES, Carroll L.; DICARLO, Nicholas R. Social Movements and Social Knowledges: Gerontological Theory in Research, Policy, and Practice. *In*: BENGTON, Vern L., SETTERSTEN, Richard A. **Handbook of Theories of Aging**. Cap. 6. New York, NY: Springer Publishing Company, 2016. p. 87-106.

FERNANDES, Daniel.; LYNCH JR., John G.; NETEMEYER, Richard G.. Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. **Management Science**, v. 60, n. 8, p. 1861-1883, 2014.

FERRARO, Kenneth F.; SHIPPEE, Tetyana Pylypiv. Aging and Cumulative Inequality: How Does Inequality Get Under the Skin? **The Gerontologist**, v. 49, n. 3, p. 333–343, 2009.

FERRARO, Kenneth F; SHIPPEE, Tetyana, P; SCHAFER, Markus H. Cumulative inequality theory for research on aging and the life course. *In*: BENGTON, Vern L; M. Silverstein, N. M. Putney; D. Gans (Eds.), **Handbook of theories of aging**. New York: Springer. 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

GOYAL, Kirti; KUMAR, Satish. Financial literacy: A systematic review and bibliometric analysis. **International Journal of Consumer Studies**, v. 45, n. 1, p. 80-105, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HELPAGE INTERNATIONAL (ed.). **The ageing and development report**: poverty, independence and the world's older population. Londres, p. 9, 1999.

HOLLERWEGER, Leonéia. **Educação financeira de idosos apoiada por tecnologias digitais**. 2018. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HOLANDA, Fábio Campelo Conrado de. O consumidor idoso e a questão do superendividamento frente ao crédito consignado. **Revista da AGU**, Brasília-DF, v. 18, n. 04. p.141-162, out./dez. 2019.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & sociedade**, São Paulo, v. 19, p. 15-22, 2007.

KASTRUP, Virgínia. A Cognição Contemporânea e a Aprendizagem Inventiva. *In*: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 91-110.

KROEFF, Denise Reif *et al.* **Diagnóstico das comunidades quilombolas certificadas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SEAPI/DDPA, 2023. 128 p.

LOPES, Dilmar L.; PINTO, Adriana S. O panorama dos 20 anos da Lei 10.639/03 e suas ressonâncias para a Educação Antirracista. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 15, n.2, p. 488-500, 2024.

LOPES, Lissandra de Avila. **peessoas idosas Consumidoras de crédito**: um estudo exploratório sobre os fatores que contribuem para o superendividamento. UFRGS, 2023. 68 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

LLOYD-SHERLOCK, Peter. Ageing, development and social protection: a research agenda. *In*: **United Nations Research Institute for Social Development Conference on'Ageing, Development and Social Protection'**, Madrid, 2002.

MARQUES, Maria Manuel Leitão; FRADE, Catarina Cláudia Ferreira. **Regular o sobreendividamento**. 2003. 665 f. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003. Especialização em Estruturas Sociais da Economia e História Económica.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto-SP, v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006.

NETTO, Matheus P. **Gerontologia**, a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo, 2002.

O SABIÁ. Direção de Zeca Brito. Roteiro: Zeca Brito. Música: Luis Felipe Damiani. 2010. (14 min.), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vH7CZ0ce2Gk>. Acesso em: 11 nov. 2024.

OLIVEIRA, Bruno Luciano Carneiro Alves de; THOMAZ, Erika Barbara Abreu Fonseca; SILVA, Raimundo Antonio da. The association between skin color/race and health indicators in elderly Brazilians: a study based on the Brazilian National

Household Sample Survey (2008). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 30, n. 7, p. 1438- 1452, 2014.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE. **Brasil: implementando a estratégia nacional de educação financeira**. 2013.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness**: RECOMMENDATION OF THE COUNCIL. 2005.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO- OCDE. **A educação no Brasil**: uma perspectiva internacional. Tradução: Todos Pela Educação. 2021. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/06/A-Educacao-no-Brasil_uma-perspectiva-internacional.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE-OPAS. **Relatório mundial sobre o idadismo**. 2022. 113 p. Washington, D.C. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275724453>. Acesso em: 11 dez. 2024.

O'RAND, Angela M. Long, Broad, and Deep: Theoretical Approaches in Aging and Inequality. *In*: BENGTSON, Vern L.; SETTERSTEN JR, Richard (Ed.). **Handbook of theories of aging**. New York: Springer Publishing Company, 2016.

OXFORD COMMITTEE FOR FAMINE RELIEF-OXFAM. **Relatório “Terrenos da Desigualdade – Terra, agricultura e desigualdades no Brasil rural”** Oxfam, Brasil, Novembro de 2016. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio-terrenos_desigualdade-brasil.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.

OXFORD COMMITTEE FOR FAMINE RELIEF-OXFAM. **Pesquisa nós e as desigualdades**. 2021 Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/pesquisa-nos-e-as-desigualdades/pesquisa-nos-e-as-desigualdades-2021/>. Acesso em: 27 out. 2024.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. *In*: FREITAS, Elisabete Viana de *et. al.* 2 ed. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “questão social”. **Temporalis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jun. 2001.

PEREIRA-SILVA, F. S.; MELLO, M. L. B. C. DE; ARAÚJO-JORGE, T. C. DE. Doença de Chagas: enfrentando a invisibilidade pela análise de histórias de vida de portadores crônicos. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 27, n. 5, p. 1939–1949, 2022.

PINHEIRO, Ricardo Pena. **Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão**. São Paulo: Peixoto Neto, 2008.

PINTO, Adriana da Silva; DOLL, Johannes. O celular como possibilidade de inclusão digital de pessoas idosas quilombolas de Palmas-Bagé/RS. In: SIIDI - 1º Simpósio Internacional de Inclusão Digital de Pessoas Idosas, 2023, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2023.

PINTO, Adriana da Silva; DOLL, Johannes. Connection to the World-older afro-brazilian quilombolas and their information and communication technologies. **Gerontechnology**, Dalfsen, vol. 23, n. 2, p. 1-1.

PINTO, Adriana da Silva; DOLL, Johannes; CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli. Community-based Financial Education. In: 1st European Conference of the International Association of Consumer Law, Cambridge, Inglaterra, **Anais [...]**. [no prelo].

PINTO, Adriana da Silva; LOPES, Dilmar L. Entre desigualdades e resistências nas escolas do campo: Uma revisão de literatura nos periódicos CAPES período de 2018-2023. In: **Memoria del XXXI Seminario Internacional de Investigación sobre la Formación de Profesores del Mercosur- Cono Sur**. Caracas, 2023, p. 122.

PINTO, Adriana da Silva; HOLLERWEGER, Leonéia. Possibilidades de Educação Financeira na perspectiva do envelhecimento. In: DOLL, Johannes; KOHLRAUSCH, Estela. **Educação e Envelhecimento**: perspectivas e tendências. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2024. p.483-510.

PINTO, Adriana da Silva; SOUZA, R. E. A. Rincão do Inferno ou Paraíso pedagógico. In: Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular, Paris, 24-25 set. 2023. **Anais [...]**. [no prelo].

PORTO, Elisabete Araujo. **Evolução do crédito pessoal no Brasil e o superendividamento do consumidor aposentado e pensionista em razão do crédito consignado**. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Paraíba, João Pessoa. 2014.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (ENEF). **Relatório Anual de Atividades**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br>. Acesso em: 08 nov. 2024.

RAMOS, João Daniel Dorneles. **Quilombo Beco dos Colodianos**: identidade, diferença e territorialidades. Curitiba: Appris, 2015.

SANTOS, Paula Odilon dos. **Ser Quilombola no Sertão**: Tijuaçu, lutas e resistências no processo de construção identitária. 2013. 247 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTOS, Stella Rodrigues dos. **Endividamento e crédito consignado**: o perfil do idoso uberlandense. 2019. 20 f. TCC (Graduação) – Curso de Administração, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, Andre Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 21-41, 2007.

SILVA, André Ricardo Fonseca da. Políticas públicas para comunidades quilombolas: uma luta em construção. **Revista de Ciências Sociais**, Ceará, n. 48, p. 115-128, 2018.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, p. 777-796, 2009.

WILLSON, Andrea E.; SHUEY, Kim M.; ELDER, JR, Glen H. Cumulative advantage processes as mechanisms of inequality in life course health. **American Journal of Sociology**, v. 112, n. 6, p. 1886-1924, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World report on ageing and health**. Geneva: WHO, 2015. Disponível em: https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6. Acesso em: 10 nov. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Chagas disease** (also known as American trypanosomiasis). 2024. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/chagas-disease-\(american-trypanosomiasis\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/chagas-disease-(american-trypanosomiasis)). Acesso em: 11 nov.2024.

APÊNDICE A - TCLE ENTREVISTA INICIAL – PARTICIPANTE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: EDUCAÇÃO FINANCEIRA JUNTO A IDOSOS
QUILOMBOLAS

Olá! Gostaríamos de convidar você para participar de uma pesquisa.

Nosso projeto visa desenvolver elementos que ajudam as pessoas a lidar melhor com seu dinheiro e seus compromissos financeiros na população idosa do quilombo Palmas-Bagé/RS (aspectos socioeconômicos). Sua participação consiste em responder uma entrevista presencial com duração de cerca de 30 a 40 minutos.

Serão questões acerca do seu entendimento sobre diferentes assuntos relativos à forma como você organiza sua vida financeira, além de alguns dados pessoais e sociodemográficos (idade, escolaridade, estado civil, etc.). As informações coletadas são confidenciais, utilizadas somente para fins de estudo, que poderão ter seus resultados publicados em eventos ou revistas científicas.

Não será necessária sua identificação, ao menos que participe da segunda fase da pesquisa. Os arquivos ficarão sob a guarda do pesquisador Johannes Doll durante cinco anos em ambiente digital protegido e seguro. Além disso, as perguntas da entrevista podem despertar algum desconforto ou constrangimento. Se for o seu caso, sinta-se à vontade para não responder à questão, interromper o preenchimento, ou pedir a exclusão dos dados prestados.

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto, entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas.

Como participante você poderá desistir a qualquer momento. Para isso, basta entrar em contato com os pesquisadores. A participação vai permitir refletir sobre sua organização financeira e pode ajudar a melhor organizar a mesma.

Caso ocorra algum problema ou dano com o (a) Sr.(a), resultante desta pesquisa Sr.(a) receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e pelo

tempo que for necessário. Garantimos o direito à indenização diante de eventuais fatos comprovados.

Você poderá solicitar uma devolução sobre os resultados da pesquisa, que estarão disponíveis ao final do estudo, pelo telefone (51) 986189981 ou e-mail: johannes.doll@ufrgs.br com o pesquisador Johannes Doll.

Em caso de dúvidas ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com os pesquisadores, pelo telefone (51) 986189981 ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) UFRGS. O CEP/UFRGS é um órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da UFRGS.

Pode ser contatado no endereço: Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060, Fone +55 51 3308 3787, E-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

Assinatura do pesquisador

Assinatura do participante

APÊNDICE B - TCLE ENTREVISTA RETOMADA – PARTICIPANTE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PESQUISA: EDUCAÇÃO FINANCEIRA JUNTO A IDOSOS
QUILOMBOLAS

COORDENAÇÃO: Johannes Doll

Prezado(a) Sr(a)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada **A TECNOLOGIA QUE ASSEDIA E TAMBÉM ENSINA**: uma experiência de educação financeira com pessoas idosas quilombolas, coordenada pelo Prof. Johannes Doll.

Você está sendo convidado (a) a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos do estudo:

NATUREZA DA PESQUISA:

Esta é uma pesquisa que tem como finalidade analisar a educação financeira dos quilombolas envelhecidos da comunidade Palmas-Bagé/RS. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PARTICIPANTES DA PESQUISA:

Participarão desta pesquisa em torno de 17 (dezessete) moradores do quilombo de Palmas, Bagé-RS, aposentados que tenham participado da primeira etapa do estudo.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:

Ao participar deste estudo você será convidado a participar de uma vídeo chamada, que poderá ser gravada em áudio, se assim você permitir. O tempo previsto de duração será de 5 a 10 minutos, em dia e local previamente combinado com a pesquisadora assistente, conforme sua disponibilidade. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com o Prof. Johannes Doll, pelo fone (51) 986189981.

SOBRE A ENTREVISTA DE RETOMADA

Serão solicitadas algumas informações sobre sua experiência e aprendizagens como ouvinte da série de podcast Dinheiro no Campo.

RISCOS

Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os riscos que envolvem os **participantes** são relativos a possibilidade da quebra da privacidade e da confidencialidade das informações prestadas.

Os dados ficarão na posse dos pesquisadores, por até cinco anos. Além disso, as perguntas do questionário podem despertar algum desconforto ou constrangimento.

Se for o seu caso, sinta-se à vontade para não responder à questão ou pedir a exclusão dos dados prestados.

Como participante você poderá desistir a qualquer momento. Para isso, basta entrar em contato com os pesquisadores. Tais riscos serão resolvidos com encaminhamentos que garantam cuidados e respeito de acordo com a manifestação do respondente.

Caso ocorra algum problema ou dano com o(a) Sr.(a), resultante desta pesquisa Sr.(a) receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e pelo tempo que for necessário. Garantimos o direito à indenização diante de eventuais fatos comprovados.

CONFIDENCIALIDADE

Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Trataremos todas as informações sem que haja identificação de particularidades de cada entrevistado. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada.

Caso você tenha interesse em acessar os resultados da pesquisa, envie um e-mail para: johannes.doll@ufrgs.br. Os dados produzidos decorrentes da pesquisa devem ficar guardados digitalmente sob a responsabilidade do pesquisador principal por, no mínimo, cinco anos, após esse período os dados serão destruídos.

BENEFÍCIOS

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto, entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas.

PAGAMENTO

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Enfatizamos a importância de você guardar em seus arquivos uma cópia deste documento.

Caso seja de seu interesse, você poderá solicitar uma devolução sobre os resultados da pesquisa, que estarão disponíveis ao final do estudo, pelo telefone (51) 986189981, com o pesquisador Johannes Doll.

Em caso de dúvidas ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com os pesquisadores, pelo telefone (51) 986189981, E-mail: johannes.doll@ufrgs.br ou com Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) UFRGS.

O CEP/UFRGS é um órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar–emitir parecer e acompanhar os projetos e pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da UFRGS.

Pode ser contatado no endereço Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060, telefone (51) 3308 3787, E-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem. Desde já, agradecemos a atenção e a participação.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e
compreendi este Termo de Consentimento, portanto, concordo em participar.

Local/ data

(Assinatura do participante)

Eu, _____, membro da equipe do projeto
Educação financeira junto a idosos quilombolas, obtive de forma apropriada e
voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou
representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE ou o pesquisador
responsável)

APÊNDICE C - MODELO ENTREVISTA INICIAL

Educação financeira junto a idosos quilombolas

Olá. Gostaríamos de convidar você para participar de uma pesquisa.

Nosso estudo busca mapear a população idosa do quilombo Palmas-Bagé/RS (aspectos socioeconômicos);

Sua participação consiste em responder uma entrevista de forma presencial com duração de cerca de 30 a 40 minutos.

Esta é uma pesquisa promovida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenada pelo Prof. Dr. Johannes Doll.

Serão questões acerca do seu entendimento sobre a utilização do dinheiro. As informações coletadas são confidenciais, utilizadas somente para fins de estudo, que poderão ter seus resultados publicados em evento ou revistas científicas. Não será necessária sua identificação, ao menos que participe da segunda fase da pesquisa. Os arquivos ficarão sob a guarda do pesquisador Johannes Doll durante cinco anos em ambiente digital protegido e seguro após esse período serão destruídos.

Como **participante**, você poderá desistir a qualquer momento. Os riscos previstos são mínimos e relacionados a um possível desconforto com relação às perguntas. Se for o seu caso, sinta-se à vontade para entrar em contato com os pesquisadores.

Além disso, as perguntas da entrevista podem despertar algum desconforto ou constrangimento. Se for o seu caso, sinta-se à vontade para não responder à questão, interromper o preenchimento, ou pedir a exclusão dos dados prestados.

Caso ocorra algum problema ou dano com o (a) Sr.(a), resultante desta pesquisa Sr.(a) receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e pelo tempo que for necessário. Garantimos o direito indenização diante de eventuais fatos comprovados.

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto, entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas.

Você poderá solicitar uma devolução sobre os resultados da pesquisa, que estarão disponíveis ao final do estudo, pelo telefone (51) 986189981 ou e-mail: johannes.doll@ufrgs.br com o pesquisador Johannes Doll.

Em caso de dúvidas ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com os pesquisadores, pelo telefone (51) 986189981 ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) UFRGS. O CEP/UFRGS é um órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da UFRGS.

Pode ser contatado no endereço: Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060, Fone +55 51 3308 3787, E-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

1. Aceito participar

Sim Não

Dados sociodemográficos

2. Idade _____

3. Gênero

Masculino

Feminino

Outro

4. Como você se autodeclara?

Preto

Branco

Pardo

Indígena

Quilombola

Outro

5. Estado Civil

Solteiro

Casado/união estável

Separado/divorciado

Viúvo

6. Você possui filhos?

Não

Sim

7. Se sim, quantos filhos você possui? _____

8. Você possui netos?

Não

Sim

9. Se sim, quantos netos você possui? _____

10. Qual sua escolaridade?

Não alfabetizado

Fundamental Incompleto

Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Superior Incompleto

Superior Completo

Pós graduação

11. Qual sua profissão? _____

12. Você é aposentado (a)?

Sim

Não

13. Há quanto tempo você mora no quilombo?

Até 5 anos

De 5 até 10 anos

De 10 até 15 anos

Mais de 15 anos

14. Qual a renda familiar?

até um salário mínimo

de 2 a 3 salários mínimos

mais de 3 salários mínimos

15. Sua aposentadoria é:

Minha única fonte de rendimento

- Uma das fontes de rendimento, junto com outras atividades não fixas que exerço
- Uma das fontes de rendimento, junto com uma atividade fixa que exerço
16. Quantas pessoas vivem junto com você e usufruem da renda familiar?
- Moro sozinho
- 1
- 2
- 3
- 4
- mais de 5

Questões referentes a educação financeira:

17. Você se considera uma pessoa organizada financeiramente?
- sim não às vezes
18. Já se encontrou em alguma situação complicada em relação ao dinheiro?
- sim não às vezes
19. Você já fez ou comprou algo de forma planejada com antecedência?
- sim não às vezes
20. Você realiza algum tipo de controle financeiro?
- sim não às vezes
21. Se sim, qual? _____
22. Você já recebeu ligações do banco oferecendo crédito?
- sim não
23. Se sim, qual produto financeiro foi oferecido? _____
24. Quais modalidades de crédito você utiliza?
- cartão de crédito consignado pessoal cheque especial outros
25. Você possui empréstimos ativos?
- sim não
26. Você já foi vítima de algum golpe financeiro?
- sim não
27. Se sim, qual? _____
28. Gostaria de participar da segunda fase da pesquisa?
- Sim
- Não

29. Sua renda é suficiente para suas necessidades básicas?

Sim

Não

Deixe aqui o seu nome e contato (telefone, WhatsApp). Sua identidade será mantida em sigilo.

APÊNDICE D - MODELO ENTREVISTA AVALIAÇÃO PODCAST

Educação financeira junto a idosos quilombolas

Olá. Gostaríamos de convidar você para participar de uma pesquisa.

Nosso estudo busca conhecer sua avaliação sobre a série de podcast No Campo tem dinheiro exibido pela rádio comunitária quilombola de Palmas-Bagé/RS.

Sua participação consiste em responder uma entrevista de forma online através de uma vídeo chamada com duração de cerca de 5 a 10 minutos.

Esta é uma pesquisa promovida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenada pelo Prof. Dr. Johannes Doll.

Serão questões acerca da sua percepção sobre a série de podcast No Campo tem dinheiro. As informações coletadas são confidenciais, utilizadas somente para fins de estudo, que poderão ter seus resultados publicados em evento ou revistas científicas. Não será necessária sua identificação, ao menos que participe da segunda fase da pesquisa. Os arquivos ficarão sob a guarda do pesquisador Johannes Doll durante cinco anos em ambiente digital protegido e seguro após esse período serão destruídos.

Como **participante**, você poderá desistir a qualquer momento. Os riscos previstos são mínimos e relacionados a um possível desconforto com relação às perguntas. Se for o seu caso, sinta-se à vontade para entrar em contato com os pesquisadores.

Além disso, as perguntas da entrevista podem despertar algum desconforto ou constrangimento. Se for o seu caso, sinta-se à vontade para não responder à questão, interromper o preenchimento, ou pedir a exclusão dos dados prestados.

Caso ocorra algum problema ou dano com o (a) Sr.(a), resultante desta pesquisa, o Sr.(a) receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e pelo tempo que for necessário. Garantimos o direito à indenização diante de eventuais fatos comprovados.

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto, entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas.

Você poderá solicitar uma devolução sobre os resultados da pesquisa, que estarão disponíveis ao final do estudo, pelo telefone (51) 986189981 ou e-mail: johannes.doll@ufrgs.br com o pesquisador Johannes Doll.

Em caso de dúvidas ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com os pesquisadores, pelo telefone (51) 986189981 ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) UFRGS. O CEP/UFRGS é um órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da UFRGS.

Pode ser contatado no endereço: Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060, Fone +55 51 3308 3787, E-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE : _____

1. Você ouviu a série de podcast Dinheiro no Campo?

() Sim () Não

2. Você se identificou com o personagem Genésio?

() Sim () Não

3. Se sim, por quê?

4. Qual foi seu episódio predileto? Por quê?

A) () O campo e o dinheiro

B) () Fontes de renda

C) () Reserva de emergência

D) () Endividamento

E) () Estratégias para sair do endividamento

F) () Orientações para evitar golpes virtuais

5. Você considera que aprendeu algo sobre educação financeira através da série de podcast?

() Sim () Não

6. Se sim, o quê?

- A) dinheiro no campo
- B) fontes de renda
- C) reserva de emergência
- D) endividamento
- E) estratégias para sair do endividamento
- F) golpes virtuais

7. Os temas desenvolvidos te ajudaram a refletir sobre suas decisões financeiras ?

Sim Não

8. Se sim, exemplifique ?

9. Quais outros temas poderiam ser abordados ?

10.

Deixe uma mensagem sobre a experiência como ouvinte da série de podcast Dinheiro no Campo:
